



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

BRUNO FELIPE MARQUES PINHEIRO

**PISTAS LINGUÍSTICAS E PARALINGUÍSTICAS PARA OS SENTIDOS DOS
DIMINUTIVOS**

São Cristóvão - SE
2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

BRUNO FELIPE MARQUES PINHEIRO

**PISTAS LINGUÍSTICAS E PARALINGUÍSTICAS PARA OS SENTIDOS DOS
DIMINUTIVOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: Descrição, Análise e Usos Linguísticos.

Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag (Orientadora)

Prof. Dr. Hector Julian Tejada Herrera (Coorientador)

São Cristóvão - SE

2021

BRUNO FELIPE MARQUES PINHEIRO

**PISTAS LINGUÍSTICAS E PARALINGUÍSTICAS PARA OS SENTIDOS DOS
DIMINUTIVOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos. Linha de pesquisa: Descrição, Análise e Usos Linguísticos.

Linha de pesquisa: Descrição, Análise e Usos Linguísticos.

Avaliação: _____

Data da defesa: 18 de fevereiro de 2021

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag
(Orientadora)

Profa. Dr. Hector Julian Tejada Herrera
(Coorientador)

Prof. Dra. Mahayana Cristina Godoy
(Membro convidado- Externo)

Prof. Dr. Rene Alain Santana de Almeida
(Membro convidado- Interno)

AGRADECIMENTOS

A ciência só avança com colaboração. É na descoberta. É no fazer científico. É nas indagações. Por isso, gostaria de agradecer aos profissionais incríveis que me ajudaram a construir esta dissertação, seja de forma indireta ou forma direta.

Agradeço à minha orientadora do mestrado Prof. Dra. Raquel Meisker Ko. Freitag e ao meu co-orientador Julian Tejada pelo desenvolvimento, junto comigo, nesta pesquisa. Obrigado pelo caminho trilhado acadêmico e profissionalmente. Eu aprendi muito com vocês. Eu agradeço por ter trabalho com orientadores muito competentes, humanos, que amam a pesquisa científica e são preocupados com a ciência. Valorizam a ciência. Captam recursos para podermos oferecer nosso melhor para continuidade da ciência em linguagem.

Agradeço ao meu Grupo de Pesquisa GELINS (Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade) pelas discussões e pelo amadurecimento da dissertação. Os grupos de estudos são muito importantes para pesquisa, pois permitem que possamos amadurecer nosso trabalho com as experiências e as visões dos membros. Tenho muita sorte em poder compartilhar com um grupo grande, coeso e muito competente. Agradeço ao meu Laboratório de pesquisa LAMID (Laboratório Multimídias de Informática e Documentação) vinculado à UFS (Universidade Federal de Sergipe) por ter executado a pesquisa durante os dois anos de mestrado.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de nível superior) pelo subsídio financeiro. Fazer pesquisa não é fácil no Brasil e não é levada a sério por muitos gestores públicos. O financiamento para as pesquisas é muito importante. Depositamos, muitas vezes, tudo que temos em busca de um sonho e ele precisa ser capitalizado para depois voltar em desenvolvimento para nação. Os gestores públicos precisam entender que investir em ciência não é em vão. Uma nação só consegue se desenvolver pelos seus cientistas. E cientistas de todas as áreas do conhecimento, inclusive Letras, Linguística e Artes.

Agradeço aos participantes da minha pesquisa, os estudantes universitários da UFS, por ter se voluntariado em participar das entrevistas e constituição da minha coleta de dados. Também, agradeço à equipe executora de toda a minha pesquisa. Por ser interdisciplinar, precisou de muitas mãos para ser executada entre as áreas de Linguística e Computação. Agradeço aos meus colegas e as minhas colegas de Laboratório de Pesquisa e aos bolsistas de Iniciação Científica em computação. Agradeço a Paloma, a Luzia, a Roseane, a Gabriel, a Lucas, a Victor, a Manoel, a Viviane, a Fernanda, a Mauro, a Vitória. Obrigado pela ajuda nas coletas e execuções dos scripts.

“O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, na sua forma original, são ameaçadoras demais”.

Luís Fernando Veríssimo

RESUMO

Nos termos da gramática normativa, convencionou-se que o diminutivo é o processo gramatical que se refere aos nomes derivados que, por meio de sufixos, denotam a noção de dimensão pequena em relação às suas palavras primitivas (OLIVEIRA, 1536; BARBOSA, 1822; SOARES BARBOSA; 1845, dentre outros). Entretanto, o processo de derivação nos diminutivos resulta não somente em ideia de pequenez: (i) os diminutivos expressam ideias associadas à emotividade (CUNHA; CINTRA, 1985; BECHARA, 2009, dentre outros), diminuindo situações de forma apreciativa ou depreciativa; (ii) como também existem diminutivos que caminham ou já estão em um processo de lexicalização (ROCHA LIMA, 1992; ROCHA; VICENTE, 2016). No português brasileiro, o comportamento do diminutivo vem sendo observado a partir de [x-inho] e [x-zinho] como variantes de uma variável linguística para compreensão do significado do diminutivo, destacando a relação entre variáveis estruturais relacionadas à expressão do sufixo. No entanto, ainda há poucas evidências da sistematicidade de padrões para a distinção entre diminutivos lexicalizados e afetivos, e entre a apreciação positiva e negativa; os valores são decorrentes da intuição e subjetividade do analista para avaliar, por meio de pistas contextuais, a valoração do diminutivo. A fim de ampliar o escopo de análise sobre o significado do diminutivo, consideramos o tipo de classificação do diminutivo (afetivo ou lexicalizado) + o tipo de apreciação (positiva ou negativa) para analisar o comportamento do diminutivo em 30 entrevistas sociolinguísticas documentadas em áudio e vídeo com estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A partir de 241 ocorrências, identificamos a associação dos fatores estruturais (base morfológica, sufixo, tonicidade, extensão silábica, classe morfológica), fatores estilísticos (tópico discursivo e envolvimento do falante), fatores suprasegmentais (recursos prosódicos) e fatores paralinguísticos (expressões faciais), ampliando o poder de explicação sobre o significado dos diminutivos. Realizamos duas análises independentes entre si: (i) variáveis estruturais e variáveis prosódicas (testes de associação e análises de variância); (ii) e uma análise com as variáveis semânticas e variáveis emocionais (com reconhecimento facial a partir do protocolo *Action Coding Systems* - FACS). Observamos que existe uma convergência entre os resultados de análises que tomam o sufixo como variável dependente. As variáveis base morfológica, sufixo, tonicidade, extensão e classe diferenciam os diminutivos lexicalizados e afetivos. As variáveis prosódicas não diferenciaram os tipos de diminutivos que foram controlados. Na análise do reconhecimento facial dos falantes, os resultados sugerem relação entre a expressão facial do participante e o tipo de apreciação associada ao diminutivo. Os resultados apontam que existem pistas linguísticas e paralinguísticas que atuam na diferenciação dos diminutivos, seja entre lexicalizados e afetivos, e entre apreciação positiva e negativa, contribuindo com evidências para análises intuitivas como as apresentadas nas gramáticas. Por fim, consideramos que houve uma limitação da amostra e em relação à análise do reconhecimento facial, por isso é preciso realizar uma testagem em larga escala para ampliar o poder explanatório dos resultados.

Palavras-chave: Diminutivos lexicalizados e afetivos. Apreciação positiva e negativa. Sentidos. Expressões faciais.

ABSTRACT

In terms of normative grammar, it was agreed that the diminutive is the grammatical process that refers to derived names that, by means of suffixes, denote the notion of small dimension in relation to their primitive words (OLIVEIRA, 1536; BARBOSA, 1822; SOARES BARBOSA, 1845, inside others). However, the derivation process in diminutives results not only in the idea of smallness: (i) diminutives express ideas associated with emotions (CUNHA; CINTRA, 1985; BECHARA, 2009 and more), reducing situations in an appreciative or depreciatory way; (ii) as there are also diminutives that are in an ongoing process of lexicalization or that are already part of the language lexicon (ROCHA LIMA, 1992; ROCHA; VICENTE, 2016). In Brazilian Portuguese, the behavior of the diminutive has been observed from [x-inho] and [x-zinho] as variants of a linguistic variable to understand the meaning of the diminutive, highlighting the effect of structural variables related to the expression of the suffix. However, there is still little evidence of systematic patterns for the distinction between lexicalized and affective diminutives, and between positive and negative appreciation; the values are derived from the analyst's intuition and subjectivity to assess, through contextual clues (linguistic and paralinguistic), the valuation of the diminutive. In order to expand the scope of analysis on the meaning of the diminutive, we consider the type of classification of the diminutive (whether it is affective or lexicalized) + the type of appreciation (positive or negative) to analyze the behavior of the phenomenon in 30 sociolinguistic interviews documented in audio and video with university students from the Federal University of Sergipe. From 241 occurrences, we identified the association of structural factors (morphological basis, suffix, syllabic extension, class), stylistic factors (discursive topic and speaker involvement), suprasegmental factors (prosodic resources) and paralinguistic factors (facial expressions), expanding the explanatory power on the meaning of diminutives. Two independent analyzes were carried out: (i) structural variables and prosodic variables (association tests and analysis of variance); (ii) and an analysis with semantic and emotional variables (with facial recognition based on the Action Coding Systems - FACS protocol). We observed that there is a convergence between the results of analyzes that take the suffix as a dependent variable. The variables morphological base, suffix, tonicity, extension and class have a statistically significant association with the distinction between lexicalized and affective diminutives. In the mixed-effects model, participant and lexical item as random effects have a strong interference in the classification of diminutives into lexicalized and affective. This result suggests a kind of full morphological parsing: the speaker processes the word as a whole in the semantic interpretation of the diminutive. The effects of prosodic variables were not statistically significant in the sample, perhaps due to the fact that the sample was restricted. In the analysis of the facial recognition of the speakers, the results suggest a relationship between the participant's facial expression and the type of appreciation associated with the diminutive. The results show that there are linguistic and paralinguistic clues that act in the differentiation of diminutives, whether between lexicalized and affective, and between positive and negative appreciation, contributing with evidence for intuitive analyzes, such as those presented in grammars. We highlight the limitation of the sample, and large-scale testing can increase the explanatory power of the results.

Keywords: Lexicalized diminutives. Affective diminutives. Ambiguity. Facial expressions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Matéria Jornalística retirada do site BBC Viagens	14
Figura 2: Propaganda do refrigerante Antártica sobre o diminutivo	15
Figura 3: Bipartição das avaliações/julgamentos dos diminutivos.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 4: Expressões faciais referentes às emoções básicas.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 5: Localização da Universidade Federal de Sergipe	Erro! Indicador não definido.
Figura 6: Segmentação no ELAN das entrevistas	46
Figura 7: Segmentação no ELAN das entrevistas	46
Figura 8: Segmentação no PRAAT do segmento diminutivo	47
Figura 9: Tipologias das AUs (Unidades de ação das emoções).....	48
Figura 10: Classificação das imagens do dataset latino	50
Figura 11: Segmentação dos pontos fixos para classificação do <i>OpenFace</i>	52
Figura 12: Fluxograma da variável dependente morfologia do diminutivo	55
Figura 13: Nuvem de palavras com as ocorrências de diminutivos afetivos e lexicalizados ...	62
Figura 14: Fluxograma de análise da variável dependente da morfologia do diminutivo	63
Figura 15: Tipologias das AUs (Unidades de ação das emoções).....	Erro! Indicador não definido.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1: Exemplos de expressões semânticas de apreciação positiva **Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 2: Exemplos de expressões semânticas de apreciação negativa ... **Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 3: Exemplos de expressões pragmáticas..... **Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 4: Tipologia das expressões faciais **Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 5: Número de imagens compostas pelo dataset latino 51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Sufixo e a classificação dos diminutivos	64
Tabela 2: Terminação da base morfológica e classificação dos diminutivos... Erro! Indicador não definido.	
Tabela 3: Tonicidade da base morfológica e a classificação dos diminutivos	66
Tabela 4: Extensão da base morfológica e a classificação dos diminutivos Erro! Indicador não definido.	
Tabela 5: Classe da base morfológica o e a classificação dos diminutivos.....	68
Tabela 6: Efeitos das variáveis estruturais na decisão de classificar o diminutivo	Erro! Indicador não definido.
Tabela 7: Colinearidade entre as variáveis estruturais na classificação dos diminutivos	69
Tabela 8: Efeito do participante na decisão de classificar o diminutivo ... Erro! Indicador não definido.	
Tabela 9: Efeito do item lexical na decisão de classificar o diminutivo ... Erro! Indicador não definido.	
Tabela 10: Médias e desvios padrão das variáveis prosódicas em relação à classificação dos diminutivos	72
Tabela 11: Diminutivos afetivos e o tópico temático	Erro! Indicador não definido.
Tabela 12: Diminutivos afetivos e o envolvimento do falante.. Erro! Indicador não definido.	
Tabela 13: Efeitos aleatórios do falante e do item lexical na decisão de classificar o tipo de apreciação	Erro! Indicador não definido.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Probabilidade de expressões faciais do segmento “e eu vim pra cá pra tentar a sorte um pouquinho” do reconhecimento facial da falante FRA3FF	75
Gráfico 2: Probabilidade de expressões faciais do segmento “ela (a educação) tem piorado ou melhorado ao longo do tempo? ela tem piorado um pouquinho, né” do reconhecimento facial da falante FRA3FF	77
Gráfico 3: Probabilidade de expressões faciais do segmento “o que chama mais atenção? (...) Ahh... o sotaquezinho dessas pessoas” do reconhecimento facial da falante VAG3FF.....	79
Gráfico 4: Probabilidade de expressões faciais do segmento “quando vai se apresentar dentro da sala para apresentar seminário tem que tá olhando... assim... já dei... já dei uma melhoradazinha do primeiro período pra cá” do reconhecimento facial da falante VAG3FF .	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AUs – *Main Actions Units*

BBC – British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de Radiodifusão)

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

FACS – *Facial Action Coding Systems*

FAPITEC/SE – Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do estado de Sergipe

GELINS – Grupo de Pesquisa em Linguagem, Interação e Sociedade

LAMID – Laboratório Multiusuário de Informação e Documentação

MJ – Ministério da Justiça

NURC – Projeto da Norma Linguística Urbana Culta

PEUL – Banco de dados do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (RJ)

PPGL – Pós-graduação em Letras

PQ – Produtividade em pesquisa

SENACON – Secretaria Nacional do Consumidor

SVM – Support Vector Machines

UFS – Universidade Federal de Sergipe

VALP – Projeto de Variação Linguística do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	OS DIMINUTIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	21
2.1	O SIGNIFICADO DE DIMINUTIVO	21
2.2	OS DIMINUTIVOS E OS NÍVEIS LINGUÍSTICOS	24
2.2.1	<i>O diminutivo e o nível morfofonológico</i>	25
2.2.2	<i>O diminutivo e o nível morfossintático</i>	27
2.2.3	<i>O diminutivo e o nível semântico-pragmático</i>	28
2.2.4	<i>O diminutivo e o nível prosódico</i>	33
2.3	O DIMINUTIVO E A RELAÇÃO EMOCIONAL	34
3	EMOTIVIDADE E AFETIVIDADE NOS DIMINUTIVOS	36
3.1	EMOÇÕES E FALA	36
3.2	A FISILOGIA DAS EXPRESSÕES FACIAIS	38
3.3	O RECONHECIMENTO DE EXPRESSÕES FACIAIS E O DIMINUTIVO	41
4	MÉTODO	43
4.1	CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA: PERFIL DOS PARTICIPANTES	43
4.2	INSTRUMENTO DE COLETA	45
4.2.1	<i>Entrevistas em áudio e vídeo</i>	45
4.3	TRATAMENTO DAS ENTREVISTAS DE ÁUDIO E VÍDEO	45
4.3.1	<i>Para os fatores linguísticos e estilísticos</i>	45
4.3.2	<i>Para os fatores suprasegmentais</i>	47
4.3.3	<i>Para os fatores paralinguísticos</i>	48
4.3.4	FATORES LINGUÍSTICOS	54
4.3.5	<i>Variáveis estruturais</i>	55
4.3.5.1	Sufixo	56
4.3.5.2	Segmento final da base	56
4.3.5.3	Tonicidade	56
4.3.5.4	Extensão silábica	57
4.3.5.5	Classe	57
4.3.6	<i>Variáveis Estilísticas</i>	57
4.3.6.1	Tópico discursivo	58
4.3.6.2	Envolvimento do falante	58
4.3.7	FATORES PROSÓDICOS	58
4.3.7.1	Duração	59
4.3.7.2	Intensidade	59
4.3.7.3	Frequência fundamental	59
4.3.8	FATORES PARALINGUÍSTICOS: EXPRESSÕES FACIAIS	60
4.3.9	TRATAMENTO ESTATÍSTICO	60
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	62
5.1	VARIÁVEIS ESTRUTURAIS	64
5.2	VARIÁVEIS ESTILÍSTICAS	70
5.3	VARIÁVEIS PROSÓDICAS	72
5.4	EXPRESSÕES FACIAIS E DIMINUTIVOS AFETIVOS	72
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
7	REFERÊNCIAS	83
8	ANEXOS	91
8.1	ANEXO 01: FICHA SOCIAL (PERGUNTAS DE CHECAGEM)	91
8.2	ANEXO 02: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	92
8.3	ANEXO 03: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	94
8.4	ANEXO 04: ROTEIRO PARA ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA	95

1 INTRODUÇÃO

Dentre as inúmeras pesquisas e as leituras para esta dissertação, em um dado momento, eis que aparece a seguinte manchete de notícia:

Cervejinha e barzinho: Por que o brasileiro ama falar no diminutivo

Ian Walker
BBC Travel

🕒 22 janeiro 2019

Figura 1: Matéria Jornalística retirada do site BBC Viagens
Fonte: WALKER (2019)

Na matéria jornalística¹, o autor tenta explicar as causas de os brasileiros falarem tantos diminutivos. O jornalista Ian Walker, residente nos Estados Unidos e de férias aqui no Brasil, inicia relatando seu espanto:

Conversando sobre a noite que teríamos pela frente, ele nos serviu a bebida e me disse: Se você quiser falar com uma garota hoje à noite, não a chame para tomar uma cerveja; pergunte se ela gostaria de uma *cervejinha*. Ela vai adorar se você usar essa palavra. (WALKER, 2019, grifo nosso, p. 01).

O jornalista começa a matéria se indagando sobre o porquê de os brasileiros gostarem tanto de utilizar diminutivos em suas falas, ao ponto de dizer que não se trata daqueles “papinhos gentis sobre o tempo”, mas sim do que chama “hábito que os brasileiros têm de usar diminutivos para dar um charme às suas frases, adicionando o sufixo inho/inha ou zinho/zinha” (WALKER, 2019, p. 01). Não muito diferente, o escritor Luís Fernando Veríssimo (1994, p. 88, grifo nosso), na crônica “Diminutivos”, afirma: “sempre pensei que ninguém batia o brasileiro no uso do diminutivo, essa nossa mania de reduzir tudo à mínima dimensão seja um *cafezinho*, um *cineminha* ou uma *vidinha*. Só o que varia é a inflexão da voz”. Um exemplo são as propagandas criadas com a ideia de que falar as palavras no diminutivo é uma característica

¹ WALKER, Ian. **Cervejinha e barzinho:** Por que o brasileiro ama falar no diminutivo. BBC Travel. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-tra-46907652>. Acesso em: 23 maio de 2020.

exclusiva do povo brasileiro. Por exemplo, uma propaganda da marca de refrigerantes *Antártica*, no segundo semestre de 2019, em uma ação de divulgação das riquezas culturais e históricas do Brasil, por meio do aplicativo TikTok², classifica o diminutivo como uma característica brasileira:



Figura 2: Propaganda do refrigerante Antártica sobre o diminutivo

Fonte: Elaboração própria (2020)

² Disponível em: <https://www.almapbbdo.com.br/pt/trabalhos/guarana-antarctica-sela-parceria-com-tiktok-e-se-torna-pioneira-entre-as-marcas-na-plataforma+365>

Mas será mesmo que falar no diminutivo é uma questão de hábito ou uma característica exclusiva dos brasileiros? A resposta é não! Trata-se de um processo estritamente natural e inerente aos falantes de qualquer língua.³ Na sua relação com o mundo, eles experienciam o que pode e o que não pode ser diminuído e, por consequência, a língua gramaticaliza a informação. O que o leigo chama de “hábito e/ou mania” é fruto de um processo de rotinização das experiências do cotidiano que a cada momento gera modificações na língua devido à emergência da relação entre falante/ouvinte para atender demandas comunicativas (HOPPER, 1987; BYBEE; HOPPER, 2001; BYBEE, 1985; 2006; GIVÓN, 2005).

Se, por um lado, já constatamos que falar diminutivos não é um hábito/mania do brasileiro, por outro a experiência que os esses falantes dizem ter em relação ao diminutivo (a ideia de que o brasileiro adora falar as palavras no diminutivo) é uma característica que envolve afetividade/emotividade, que vai além de um traço específico do português brasileiro. As palavras no diminutivo podem denotar tanto características positivas como negativas em relação a determinado objeto/ser no mundo na maioria das línguas. Por exemplo:

- No português, *fofinho* pode expressar a ideia de carinho;
- No inglês, *sweetie* (docinho) e *daddy* (papaizinho) também podem expressar ideia de carinho;
- No italiano, *poveretto* (uma pessoa muito pobre) já expressa um tom depreciativo.

Nos termos da gramática normativa, convencionou-se que o diminutivo é o processo gramatical que se refere aos nomes derivados que, por meio de sufixos, denotam a noção de dimensão pequena (diminuição de tamanho) em relação às suas palavras primitivas (OLIVEIRA, 1536; BARBOSA, 1822; SOARES BARBOSA; 1845, dentre outros), a exemplo de “casa” - *casinha*, de “pato” - *patinho*, de “carro” - *carrinho*, de “garrafa” - *garrafinha*. Mas também podemos conceituar diminutivo como uma palavra (palavra derivada) modificada da sua palavra original (palavra primitiva) em que se acrescenta um determinado sufixo para transmitir uma determinada ideia (em sua maioria das vezes afetiva).

³ Exemplos de diminutivos nas línguas: No espanhol, o uso dos sufixos -ito/-ita cria palavras como *ratita* (ratinho) e *cebollita* (cebola pequena). No italiano, os sufixos mais usados são -etto/-etta como *casetta* (casinha) ou *poveretto* (pessoa muito pobre). No francês, normalmente, o sufixo mais usado é -ette como *fillette* (filhinha). No inglês, os sufixos mais usados para formar diminutivos são -y como *daddy* (papaizinho) ou -ie *sweetie* (docinho). No escocês, a maioria dos nomes no diminutivo é formada por -ie, -ock, -ockie como *burnie* (pequena queimadura), *bittock* (coisa pouca), *hooseockie* (casinha). No alemão, algumas palavras só existem no diminutivo como *kaninchen* (coelho), mas também muitas palavras são formadas com o sufixo -chen como *hauschen* (casinha), *wurstchen* (salsichinha) e *hundchen* (cão pequeno).

Em relação ao processo de derivação do diminutivo, a língua gramaticaliza a informação com a combinação entre base primitiva + sufixo. O sufixo diminutivo em português é [x-inho] concorrendo com a variante [x-zinho],⁴ que o substitui obrigatoriamente depois da vogal tônica, como em *sol/solzinho* ou *pé/pezinho*, e, facultativamente, em todos os outros casos, indicando uma espécie de justaposição, em *salinha/salazinha* (CÂMARA JR., 1975). O diminutivo apresenta duas possibilidades de realização: a forma sintética, na qual consiste no acréscimo de um sufixo diminutivo, como em *lampadazinha*, *livrinho*; ou na forma analítica, na qual consiste no acréscimo de uma palavra que indique diminuição, em *lâmpada pequena* ou *livro pequeno*.

Como já mencionamos, o diminutivo pode expressar a ideia de dimensão pequena, porém outros valores/significados afetivos positivos podem ser associados às palavras diminutivas. A depender da intenção comunicativa do locutor, o diminutivo atende às relações semânticas como também aos fatores discursivo-pragmáticos. Na reportagem “Por que o brasileiro adora falar no diminutivo?”, o jornalista apresenta exemplos para interpretações dos diminutivos na sua experiência com o Brasil:

O engraçado dos diminutivos no Brasil é que eles muitas vezes suavizam tanto o significado das palavras que acabam dando a elas um sentido oposto. Como quando minha namorada brasileira me pediu para "esperar só um minutinho" enquanto ela se arrumava. Depois de esperar mais 15 desses alegados pequenos minutos, perguntei como ela poderia dizer um "minuto" como "um minutinho" com a consciência tranquila (WALKER, 2019, p. 05).

Esses diminutivos que carregam forte relação com a emoção/afeto também podem ter valores negativos, como: o desprezo, a crítica, o pouco caso para com pessoas ou objetos, sempre em função da significação lexical de base, auxiliados com uma entoação especial que pode indicar euforia, admiração, lamentação, entre outras (BECHARA, 2009). Assim como existem diminutivos com uma característica afetiva, há outros diminutivos que estão caminhando para um processo de lexicalização na língua ou já são totalmente lexicalizados/ou até mesmo dicionarizados, a exemplo de *folhinha* (referência ao calendário), *coxinha* (referência ao salgado) e *cebolinha* (referência à hortaliça). Para muitas pessoas, esses diminutivos são considerados “falsos diminutivos”, por não estarem associados a um sentido

⁴ No português, outro sufixo que se refere ao diminutivo é [x-ito] concorrendo com [x-zito]. Entretanto, esses dois sufixos são muito pouco usados no Brasil. Há também outra gama de diminutivos no português mas pouco usados na fala: [x-ino], [x-ote], [x-oto], [x-ilha] e [x-agem].

afetivo ou a diminuição, mas sim a um sentido cristalizado ou a um terceiro sentido originalizado (ROCHA; VICENTE, 2016).

Aa forma de diminutivo no português está associada “a diferentes valores semânticos, muitas vezes, condicionados pelo significado da forma de base, pelo contexto sintático onde ocorrem, por fatores de ordem pragmática, ou por interação destas condições” (VILLALVA, 2000, p. 313). O diminutivo modifica a interpretação semântica da base morfológica da palavra caracterizando a sua dimensão, valorizando ou depreciando a sua qualidade ao mesmo tempo em que é uma construção “afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável [...] e precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, na sua forma original, são ameaçadoras demais” (VERÍSSIMO, 1994, p. 88).

No português brasileiro, o comportamento do diminutivo vem sendo observado a partir do sufixo, com foco no significado do diminutivo, como os sufixos [x-inho] e [x-zinho], que são considerados como variantes de uma variável linguística. Os estudos cobrem variáveis estruturais relacionadas à expressão do sufixo, com pouca descrição acerca de variáveis funcionais e aspectos semânticos que tratam da questão do sentido propriamente (MORENO, 1997; COSTA, 2002; BARBOSA; FREITAS, 2014). Da mesma forma, as descrições linguísticas sobre o diminutivo no português não descrevem de forma sistemática os sentidos atribuídos aos diminutivos afetivos, cujos valores são decorrentes da intuição e subjetividade do analista para avaliar, por meio de pistas contextuais, a valoração do diminutivo (ROCHA, 1998; ALVES, 2006; CARVALHO, 2009).

A partir dessas lacunas no estudo sobre o diminutivo, nesta dissertação, ampliamos o escopo de análise sobre o significado do diminutivo tomando como direção não os sufixos [x-inho] e [x-zinho], mas sim o tipo de classificação do diminutivo (afetivo ou lexicalizado) + o tipo de apreciação (positiva ou negativa). A junção entre o tipo de diminutivo e o tipo de apreciação é o que estamos chamando de *morfologia do diminutivo*. Com a nossa variável delimitada, identificamos a associação entre os fatores estruturais (base morfológica, sufixo, tonicidade, extensão silábica, classe morfológica), estilísticos (tópico discursivo e envolvimento do falante), suprasegmentais (recursos prosódicos) e os fatores paralinguísticos (expressões faciais) com a *morfologia do diminutivo*, ampliando o poder de explicação sobre o significado dos diminutivos.

Em nossa análise, o estudo acerca do significado do diminutivo tem seu escopo ampliado quando inserimos no modelo que propomos aspectos emocionais, partindo do pressuposto de que elementos da paralinguagem, a exemplo das expressões faciais, por estarem além do nível linguístico propriamente dito, podem indicar pistas de avaliação no julgamento

positivo e negativo de estímulos internos e externos associados aos diminutivos afetivos (LAVER, 1980; ROACH et al, 1998; TRAUMULLER, 2000; SACHARIN, SCHLEGEL, SCHERER, 2012).

O objetivo geral desta pesquisa é identificar pistas linguísticas e paralinguísticas associadas à morfologia do diminutivo (tipo de diminutivo + apreciação do diminutivo), ampliando o número de fatores que atuam no processo de diferenciação dos seus significados. Os objetivos específicos são: (i) caracterizar o processo do diminutivo no português brasileiro; (ii) descrever os elementos paralinguísticos (expressões faciais) atuantes no processo de diferenciação dos sentidos dos diminutivos; (iii) e observar as associações entre as variáveis estruturais, prosódicas e emocionais na classificação do diminutivo para melhor compreensão dos significados desses itens lexicais no português brasileiro.

Para analisar o comportamento dos diminutivos, selecionamos 30 entrevistas sociolinguísticas documentadas em áudio e vídeo com estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe (UFS), no *campus* Professor José Aloísio de Campos, coletadas no Laboratório Multiusuário de Informática e Documentação Linguística (LAMID), pertencentes ao Banco de Dados de Fala Falares Sergipanos (FREITAG, 2013). Como estamos lidando com variáveis de diversas naturezas, algumas categóricas (é o caso dos fatores linguísticos) e outras numéricas (é o caso dos fatores prosódicos e dos paralinguísticos), criamos dois tipos de análises independentes entre si: (i) uma análise com as variáveis estruturais e variáveis prosódicas (com estatística inferencial e ANOVA); (ii) e outra análise com as variáveis estilísticas e variáveis emocionais (como estamos em processo de validação das expressões faciais, partimos para uma análise descritiva/qualitativa com reconhecimento facial utilizando um protocolo chamado *Facial Action Coding Systems - FACS*).

Esta dissertação intitulada “Pistas linguísticas e paralinguísticas para o sentido dos diminutivos para o sentido dos diminutivos” está organizada da seguinte maneira: neste primeiro capítulo, apresentamos a delimitação do nosso objeto de estudo, os objetivos da pesquisa e a metodologia para alcançar o nosso propósito.

No segundo discutiremos a respeito do diminutivo no português brasileiro, apresentando um percurso histórico-gramatical sobre seu significado nas gramáticas (BARROS, 1540; BARBOSA, 1822; SOARES BARBOSA, 1822; FREIRE, 1845; SAID ALI, 1923; CUNHA E CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1992; BECHARA, 2009). Depois, descrevemos estudos sobre os diminutivos nos diferentes níveis linguísticos (morfofonológicos, morfossintáticos, morfossemânticos, morfopragmáticos e morfoprosódicos), discutindo a maneira de entender sua morfologia e as implicações na maneira de pensar [x-inho] e [x-zinho]

como variantes de uma variável linguística (CÂMARA Jr., 1970; LEITE, 1974; BRAKEL, 1981; LEE, 1992; MENUZZI, 1993; MORENO, 1997; TEXEIRA, 2008; BARBOSA E FREITAS, 2014). Encerramos com a nossa proposta de análise para ampliar as pistas linguísticas para o significado do diminutivo. No terceiro capítulo, fazemos uma relação entre os diminutivos e as pistas paralinguísticas (expressões faciais) e propomos uma observação das emoções, considerando-as como pistas paralinguísticas que diferenciam os sentidos atribuídos aos diminutivos (LAZARUS, 1991; TRAUNMULLER, 2000; GOLEMAN, 2001; SCHERER, 2005; SWERTS E KRAHMER, 2007). No quarto capítulo, apresentamos a nossa variável *morfologia do diminutivo*, descrevemos nossos procedimentos de coleta, apresentamos a amostra e o delineamento das variáveis estruturais, estilísticas, prosódicas e emocionais, e finalizamos com a descrição do tratamento estatístico. No quinto capítulo, apresentamos os resultados e discussões das nossas análises sobre as pistas linguísticas e paralinguísticas acerca dos sentidos dos diminutivos. Descrevemos os dois tipos de análises independentes entre si: a análise com as variáveis estruturais e variáveis prosódicas e a análise com as variáveis semânticas e variáveis emocionais. Por fim, encerramos esta dissertação com as considerações finais.

2 OS DIMINUTIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A explicação do diminutivo no português brasileiro decorre das reflexões gramaticais e das descrições de estudos linguísticos, que apontam propriedades fonológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e prosódicas. As explicações para o estudo da morfologia do diminutivo são construídas via relação entre os sufixos [x-inho/x-zinho] e a associação com as propriedades linguísticas (partem dos sufixos → para explicar o significado do diminutivo). Porém, neste estudo, seguimos por outra direção, não partimos do sufixo, mas sim da classificação da palavra diminutiva (o tipo de diminutivo) em relação às propriedades linguísticas (partir do item lexical → para explicar o significado do diminutivo). Para traçar este caminho, neste capítulo, apresentamos o conceito do diminutivo nas gramáticas do português brasileiro, realizando um percurso histórico-gramatical até a contemporaneidade, junto do percurso sobre as reflexões linguísticas da concepção de diminutivo em relação às propriedades fonéticas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e prosódicas. Esse percurso subsidiará a discussão sobre o estudo dos diminutivos que realizamos sobre o diminutivo e as implicações na maneira de pensar os sufixos [x-inho] e [x-zinho] na estrutura linguística. Com este arcabouço, delimitamos o entendimento do diminutivo e assumimos decisões metodológicas de como trabalhar a classificação da *morfologia do diminutivo* (o tipo de diminutivo) para melhor compreensão do seu sentido.

2.1 O SIGNIFICADO DE DIMINUTIVO

Nesta seção buscamos, nas primeiras gramáticas do português até as mais contemporâneas, descrever os aspectos linguísticos e a expansão semântica do diminutivo.

Nos séculos XVI e XVII, o emprego dos diminutivos nas gramáticas aparecia como o principal mecanismo de formação de palavras, mas poucas informações sobre a forma e o funcionamento dos diminutivos eram apresentadas, a descrição aconteceu mais no nível sintático e fonológico para os diminutivos (SANTANA, 2017). Por exemplo, Fernão de Oliveira (1536) considerava que os diminutivos sofrem um processo de derivação, o que ele chamava de “dições tiradas”, que são palavras derivadas, em oposição às “dições primeiras”, que são as palavras primitivas. O conceito de diminutivo, para Barros (1540, p. 304), referia-se a “aquele que tem alguma diminuição do nome principal de onde se derivou, como: de homem, ‘homenzinho’; de mulher, ‘mulherzinha’; de moço, ‘mocinho’; de criança, ‘criancinha’”. Para

Barros (1540), existem inúmeros nomes que podem sofrer processo de derivação para os diminutivos com diferentes terminações e, segundo ele, acontece mais pela vontade do povo do que pela vontade de uma boa gramática (referência à gramática prescritiva).

O gramático Barbosa (1822) apresentava os diminutivos referindo-se à modificação sofrida pelas palavras primitivas: as palavras que terminam com vogal ou consoante recebem [x-inho] ou [x-inha], enquanto as palavras que terminam em ditongos recebem [x-zinho] ou [x-zinha]. Por sua vez, Freire (1842) descreve os diminutivos em relação a modificação sofrida pelas palavras primitivas quando indicam sentido de diminuição, porém identifica contextos morfológicos em que as formas [x-inho] e [x-zinho] admitem alternância entre os diminutivos, como *peixinho/peixezinho*, *pobrinho/pobrezinho*, mas, segundo o gramático, a alternância ocorre sem uma motivação aparente.

Soares Barbosa (1845) salientava que as palavras primitivas são mais propensas a diminuir quando terminam em vogal ou consoante, finalizando a base em [x-inho/x-inha], a saber: *filhinho*, *filhinha*, *mulherinha* ou, quando os primitivos terminam em ditongo com base [x-zinho/x-zinha]: *leãozinho*, *pãezinho*, *mãezinha*. O gramático salientava que o aparecimento de “z” é entendido como um recurso para se evitar o hiato e que os diminutivos mudam a determinação dos primitivos para diminuir o sentido das palavras.

Com o decorrer dos séculos, a abordagem da gramática normativa foi incorporando na discussão sobre os diminutivos o nível semântico, relacionado com os níveis morfosintático e morfofonológico do português. Aos poucos, os sentidos de carinho, afeto, compaixão, desprezo, escárnio, ridicularização foram aparecendo nas gramáticas normativas (SANTANA, 2017). Por exemplo, Cegalla (1984) já indicava que juntamente com a ideia diminutiva, alguns diminutivos têm acentuada tonalidade negativa: *hotelejo*, *fidalgote*, *artiguete*, *saberete*, *gentinha*, *povinho*, *papelucho*, *governicho*; enquanto outros têm acentuada tonalidade positiva: *filhinho*, *paizinho*, *pezito*.

Por essas questões incorporadas ao português no século XVIII o emprego dos diminutivos tem uma forte modificação por dois motivos: (i) outros significados começaram a ser reconhecidos por causa de outros sufixos; (ii) a identificação de aspectos semânticos de outros sufixos diminutivos, além de [x-inho] e [x-zinho], começou a aparecer nas gramáticas (FONSECA, 1799; SANTANA, 2017). Com isso, podemos observar os primeiros registros do diminutivo não somente para indicar tamanho pequeno, mas também louvor (característica afetiva positiva) e depreciação (característica afetiva negativa).

É na passagem entre século o XIX e XX que começa, de fato, a aparecer e haver maior descrição nas gramáticas sobre o funcionamento e a forma dos diminutivos no português (SANTANA, 2017). As gramáticas normativas começam a indicar outras ideias associadas aos diminutivos, como afeição, compaixão, intensidade, quantidade, entre outras (SAID ALI, 1923; CUNHA E CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1992; BECHARA, 2009, BAGNO, 2012, dentre outros) e a expansão semântica do diminutivo começa a espalhar com outros sentidos. Porém, essa descrição sobre os sentidos dos diminutivos codificada nos instrumentos normativos é gradual: no decorrer dos séculos XIX e XX, as gramáticas e manuais de morfologia foram trazendo outros sentidos ao diminutivo. Santana (2017, p. 367) identificou os seguintes:

- (i) tamanho pequeno: *casinha* (casa pequena), *carrinho* (carro pequeno);
- (ii) aproximação afetiva positiva: *caminha* (cama agradável), *corpinho* (corpo bonito);
- (iii) depreciação: *fradezinho* (frade de pouca importância), *gentinha*, (grupo de pessoas sem valores morais);
- (iv) intensidade: *bonitinha* (muito bonita), *devagarzinho* (muito devagar);
- (v) duração, *chegadinha* (chegar a um determinado lugar), *instantinho* (instante);
- (vi) quantidade: *aguinha* (pouca água) e *bigodinho* (pouco bigode).

Com os exemplos acima, percebemos que os diminutivos foram documentados como indicadores não só de tamanho pequeno, como também de aspectos afetivos e lexicalizados, com sentidos cristalizados. Rocha Lima (1992) descreveu o diminutivo com ideia de redução ou diminuição, atenuação ou valorização afetiva e cristalização de um sentido, associado a classes gramaticais diferentes:

- (i) pronomes: *elezinho* é um encanto
- (ii) as formas nominais: nenê está *dormindinho*
- (iii) os advérbios: irei *agorinha* mesmo
- (iv) cristalização de um sentido, por exemplo, *folhinha* (referência a calendário) e *coxinha* (tipo de salgado)

Acrescidos a essa descrição sobre os diminutivos nas gramáticas normativas, os aspectos prosódicos também são mencionados no processo de derivação do diminutivo. Bechara (2009, p.141) apresentou os diminutivos afetivos, que, segundo ele, “fora a ideia de tamanho, as formas diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base”, mas que são acompanhados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa) e os contornos que envolvem falante e ouvinte.

Com este percurso histórico-gramatical, identificamos que os sentidos atribuídos às bases morfológicas dos diminutivos carregam uma espécie de gradação semântica que possibilita diferentes usos e contribui uma variabilidade nas funções semânticas associadas a esses itens lexicais. Apesar de haver variação semântica, com o retrospecto gramatical, observamos que existe uma sistematicidade que nos oferece suporte para tratarmos em nossa análise: podemos subdividir os usos dos diminutivos em dois grupos – os diminutivos lexicalizados e os diminutivos afetivos. Dentre os afetivos podemos incluir os que indicam dimensão pequena (uso reduzido), pois eles carregam aspectos afetivos por envolver uma relação de sentimento do falante para com o objeto/ser ao qual se refere no momento da produção do diminutivo.

A partir dessas categorizações, o critério semântico passa a ser acentuado nas formações diminutivas e se correlaciona aos critérios formais e funcionais nos usos do dia a dia das pessoas, contribuindo para que as propriedades de natureza fonológica, sintática, semântica e pragmática interfiram umas nas outras. Assim, o estudo do diminutivo, por mais que esteja no nível morfológico, sofre a interação de outros níveis linguísticos.

2.2 OS DIMINUTIVOS E OS NÍVEIS LINGUÍSTICOS

As abordagens descritivas com foco no funcionamento dos sufixos [x-inho] e [x-zinho] seguem um caminho de análise que parte do sufixo para compreender os significados dos diminutivos. Neste percurso de compreensão do diminutivo, o processo de análise não acontece somente com dados isolados (por exemplo, de gramáticas, de dicionários ou de manuais de morfologia), também ocorre com dados empíricos (usos reais entre os falantes), em abordagens que consideram os sufixos como variantes de uma variável sociolinguística.

Há autores que defendem a ideia de que os sufixos são derivacionais; há outros que acreditam em um modelo de palavras fonológicas; ou até mesmo surgem novos modelos para explicar a formação dos diminutivos, como a derivação por sufixação e composição fonológica por sufixação (CÂMARA JR., 1970; LEITE, 1974; BRAKEL, 1981; LEE, 1992; MENUZZI, 1993). Independentemente das explicações teóricas e até mesmo a questão se [x-inho] é variante ou não de [x-zinho] (a visão consensual não está definida), notamos que o pareamento forma + significado acontece com os diminutivos da mesma forma que ocorre com outros fenômenos na língua: critérios estruturais, semânticos e funcionais interferem uns nos outros. Prova do envolvimento dos critérios é o conceito de diminutivo apresentado por Câmara Júnior (1978, p. 97): “nomes substantivos derivados, que, com grau implícito, denotam por meio de um sufixo

lexical específico <diminuição de dimensão> em relação aos primitivos correspondentes”. O linguista modifica a forma de entender o diminutivo porque observa a não obrigatoriedade do grau, acarretando em duas questões: (i) a preservação do caráter referencial de “pequenez”; e (ii) a decorrência da questão da derivação vs. flexão⁵ do grau no português brasileiro.

Nas próximas subseções, veremos os estudos do comportamento dos diminutivos no português brasileiro os quais permitem identificar as associações das propriedades fonéticas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e prosódicas envolvidas no processo de derivação de [x-inho] e [x-zinho].

2.2.1 O diminutivo e o nível morfofonológico

Do ponto de vista morfofonológico, a interação entre a fonologia e a constituição de um léxico de palavras diminutivas (dados não empíricos) oferece a possibilidade de explicação do fenômeno dos diminutivos considerando a formação de palavras no processo de combinação entre uma base mais um afixo (BASÍLIO, 1987), tendo como principal fator condicionador a tonicidade (acento marcador) nas bases morfológicas (BISOL, 1992; 2010, LEE, 1995; 1992; 1999).

Lee (1995), em uma abordagem da Fonologia Lexical Prosódica, entende que o léxico na língua apresenta dois estratos: nível I – os processos derivacionais e a flexão irregular; e o nível II – abarcando a formação mais produtiva (sufixos – inho e –zinho + advérbio (mente) + grau (-íssimo) e a flexão regular). Nesta divisão de estratos, os sufixos [x-inho] e [x-zinho] apresentam comportamentos fonológicos e morfológicos bem diferentes de operações como derivação, flexão e composição. Para Lee (1999), à primeira vista, [x-inho] e [x-zinho] parecem alomorfes, mas pelo fato de não terem distribuição complementar são independentes (são sufixos distintos). As palavras que terminam com vogal/marcador de palavra e acento paroxítono, como “casa” – *casinha* / “gordo” – *gordinho* têm preferência para forma [x-inho], já as palavras proparoxítonas e monossílabas átonas, como “lâmpada” – “lampadzinha”, “número” – “numerozinho”, “sol” – “solzinho”, “mar” – “marzinho” têm preferência para forma [x-zinho].

⁵ Por exemplo, Halle (1973) defende que a formação de palavras deve ser tratada de maneira semelhante entre a morfologia derivacional e flexional, com base no argumento que o comportamento não é distinto. Da mesma forma, Williams (1981), em perspectiva mais radical, defende que não há qualquer diferença entre morfologia flexional ou derivacional. Em contrapartida, os defensores da Hipótese Lexicalista Fraca apontam uma clara distinção entre flexão e derivação (SIEGEL, 1974; ANDERSON, 1982).

Os diminutivos sofrem um processo de neutralização no sistema fonológico do português. Bisol (1992) afirma que as sílabas pretônicas derivadas de tônicas sofrem o processo de neutralização: as palavras perdem na pretônica a distinção entre média fechada e média aberta, ocasionando a redução do sistema tônico para cinco vogais átonas. Entretanto, os diminutivos conservam fiéis a sua base morfológica, como “café” – *cafezinho*, “cipó” – *cipozinho* e “sol” – *solzinho*, sugerindo uma generalização de que o diminutivo “exige *onset* e preserva os traços fonológicos e a posição estrutural dos segmentos da base a que se anexa” (BISOL, 2010, p. 71). Em estudos com dados empíricos que utilizam entrevistas sociolinguísticas a distribuição dos diminutivos sugere que os sufixos [x-inho] e [x-zinho] são entidades diferentes, confirmando o modelo adotado por Lee (1995), porque “há um padrão de distribuição razoavelmente definido, o que permite supor que outros fatores que não são os fonológicos estejam servindo de parâmetro para essa escolha” (MORENO, 1997, p. 163). O comportamento sugere a inexistência de um padrão de distribuição complementar e a existência de uma distribuição regular entre os sufixos, considerando uma variação na alternância de [x-inho] e [x-zinho]:

- a) Todos os vocábulos podem receber [x-zinho];
- b) Somente os vocábulos paroxítonos com a vogal do marcador podem receber [x-inho]
- c) Palavras terminadas em sílabas tônicas;
- d) Proparoxítonos, apesar de apresentarem radical, seguido de marcador;
- e) Possibilidade de usar [x-inho] em algumas paroxítonas;
- f) Radicais consonantais;
- g) Palavras temáticas e aтемáticas (MORENO, 1997, p. 165)

Em variedades do Sudeste, por exemplo, a acentuação da base morfológica exerce influência na distribuição das formações diminutivas: as construções de [x-zinho] aparecem em bases de acentuação oxítone (334/544), com 61,4% de ocorrência, ao invés de construções paroxítonas (208/544), com 38,2%, e proparoxítonas (2/544), com 0,4%, ao passo que as formações de [x-inho] apresentam altos percentuais de base com acentuação paroxítona (2583/2658), com 97,17%, ao invés das palavras proparoxítonas (73/2658), com 2,74%, e oxítonas (2/2658), com 0,075%, (BARBOSA E FREITAS, 2014). O estudo de Costa (2002), com dados do Projeto NURC, aponta para uma distribuição regular dos sufixos [x-inho] (94,3%) e [x-zinho] (57%) a partir das propriedades fonológicas da última sílaba da base: o uso de um sufixo ou de outro é condicionado pela sequência de segmentos da última sílaba da base e pela tonicidade da mesma sílaba.

Em uma amostra dos dados do PEUL, observamos maior ocorrência de [x-inho] quando anexado à base derivacional, pois não possui vogal temática e a vogal final do vocábulo, indicando que o ambiente mais favorável para o sufixo [x-inho] é o de vocábulos de bases terminadas em vogal (2149/2227), 96,5%, do que o finalizado com ditongo (54/2227), com 2,4%, e consoante (24/2227), com 1,1%. Por outro lado, há o predomínio do sufixo [x-zinho] com bases terminadas em consoantes (127/544), com 23,3%, ditongos (100/544), com 18,4% ao invés de vogais (317/544), com 58,3%, que são associadas ao emprego dos diminutivos com esse sufixo (TEIXEIRA, 2008; BARBOSA E FREITAS, 2014). Quanto ao número de sílabas da base, o sufixo [x-inho] há maior concentração nas dissílabas (261/431) com 60,5%, trissílabas (159/431), com 36,9% ao invés de polissílabas (11/431), com 2,6% e monossílabas (0/431), com 0%. O sufixo [x-zinho], pelo contrário, apresenta maior recorrência em monossílabas (39/71), com 54,9%, com diferenças entre as dissílabas (26/71) com 36,6%, trissílabas (6/71) com 8,5% e polissílabas (0/71) com 0% (BARBOSA E FREITAS, 2014).

Costa (2002) sinaliza a existência de diminutivos lexicalizados, mas descarta as ocorrências da amostra na sua análise. Mendes (2010), descrevendo outras variedades do sudeste (São Paulo), analisou a frequência de diminutivos em relação ao número de palavras em entrevistas sociolinguísticas, calculando com base na classificação de tipos de diminutivos: (i) referência a tamanho reduzido para os diminutivos que expressam a ideia de pequenez: *casinha* e *quartinho*; (ii) referência aos usos mais abstratos/metafóricos para os diminutivos (o significado que não fosse via o emprego da palavra não diminutivo, por exemplo, *condominiozinho gostosinho* no sentido de aconchego, bem estar); (iii) e referência aos diminutivos lexicalizados para palavras que já são dicionarizadas, *sozinho*, *prezinho* e *barzinho*.

Na revisão de estudos, não identificamos nenhum que caracterize propriedades sistemáticas dos diminutivos lexicalizados no português. Os que há identificam as ocorrências, porém descartam das análises os “falsos diminutivos”. Neste ponto, ressaltamos que, em nossa análise, incorporamos os diminutivos lexicalizados.

2.2.2 O diminutivo e o nível morfossintático

Do ponto de vista morfossintático, a interação entre morfologia e sintaxe em léxico de palavras diminutivas aponta para características específicas da formação dos diminutivos: (i) não altera e nem determina a categoria sintática da base; (ii) não altera e nem determina a estrutura argumental; (iii) e não altera o valor de gênero da forma de base, possibilitando uma

integração entre a base morfológica com as classes nominais (VILLALVA, 2000; 2014; ARMELIN, 2015).

Villalva (2000) afirma que os sufixos diminutivos não alteram a categoria sintática e tampouco as propriedades morfossintáticas. Constata que os diminutivos são associados às diversas categorias (nomes, adjetivos, interjeições, verbos) no português do Brasil, indicando alta produtividade e não alterando a categoria sintática de base, mas modifica a interpretação semântica com as seguintes características:

- a) Mantém a mesma categoria sintática de base
- b) Mantém a estrutural argumental da base
- c) Mantém as propriedades morfossemânticas da base
- d) Modificam a interpretação semântica da base
- e) Ocorrem à direita dos sufixos derivacionais
- f) Precedem a flexão externa (VILLALVA, 2000, p. 301).

Em abordagens que consideram dados empíricos, é mais recorrente a formação de diminutivos com nomes ao invés de não nomes (SCHULTZ, 1997; BARBOSA E FREITAS, 2014). Em variedades do Sul, por exemplo, as classes gramaticais mais produtivas para o sufixo [x-zinho] são substantivos e adjetivos (126/708) com 18%, ao invés de advérbios, pronomes e outras classes (1/97) com 1% (TEIXEIRA, 2008).

Até agora, identificamos que as formações diminutivas com sufixos [x-inho] e [x-zinho] no tratamento da morfologia do diminutivo ocorrem de maneira regular no português brasileiro. No nível morfossintático, os contextos de nomes (substantivos + adjetivos) são os mais favorecedores para a aplicação dos sufixos. No nível morfofonológico, a tonicidade, número de sílaba de base e finalização da base são os fatores morfofonêmicos que condicionam os sufixos. Geralmente, os estudos consideram a associação dos diminutivos lexicalizados aos critérios estruturais.

2.2.3 O diminutivo e o nível semântico-pragmático

Do ponto de vista semântico, o sufixo diminutivo [x-inho] expressa uma estratégia argumentativa avaliativa no discurso que pode indicar valor positivo e valor negativo, ou até mesmo às expressões funcionais relacionadas aos sufixos diminutivos podem exercer no discurso valores semânticos e funcionais observáveis nos usos (CARVALHO, 2009).

Alves (2006), em uma perspectiva funcionalista da gramática, verificou a variedades de usos e valores dos diminutivos, identificando três tipos do sufixo diminutivo [x-inho]: o primeiro tipo “inho₁” continua sendo um primitivo com características prototípicas de

diminutivo (aplicação de operador, categoria de base e função de modificação), não havendo entonação daquela prevista no marco da palavra; o segundo e terceiro tipos, “inho₂” e “inho₃”, envolvem processos cognitivos diversos, nos quais perdem valor semântico prototípico e adquirem valor funcional durante o ato de discurso, utilizados enquanto estratégias com uma determinada intenção e atribuição de uma propriedade à unidade linguística de base (seleção dos primitivos – lexemas e sufixo).

Os diminutivos podem expressar diferentes valores: subjetivo (envolvendo a subjetividade dos falantes – carinho, amor, educação, entre outros), valorativo (expressa um julgamento de valor – seja positivo ou negativo) e diminutivo (denotação de tamanho reduzido) (ROCHA, 1998). Outra classificação para o diminutivo estabelece duas funções: a função denotativa, cuja referência denotada é a característica para “pequeno”; e a função expressiva, cuja referência baseia-se no marcador de afetividade e depreciação em que pode haver a referência conotada para outras atribuições de valores. Entretanto, a dimensão afetiva quase sempre acompanha uma variação na expressividade do falante (BASÍLIO, 2011). Chaves (2006), utilizando dados empíricos da investigação de funções semântico-discursivas com *corpus* de entrevistas sociolinguísticas do Banco de Fala do VALP (Projeto de Variação Linguística do Estado da Paraíba), somente considerando substantivos e adjetivos com sufixo [x-inho], identificou em 905 diminutivos o total de sete funções para os diminutivos: negatividade, carinho, apego, ironia, piedade, malícia, eufemismo, positividade. Tais funções indicam a diversidade de significados associados aos diminutivos, contribuindo para que o sufixo [x-inho] se torne elemento modalizador nos contextos de fala real.

Já do ponto de vista pragmático, os diminutivos codificam vários significados a depender da situação na qual os falantes estão envolvidos no momento do ato ilocutório: tamanho pequeno, atenuação, depreciação, ironia, cobiça, gosto, familiaridade, carinho, lembrança saudosa, desejo, quantidade, tempo, desprezo, intensificação, sinal de prazer, dentre outros (SKORGE, 1957; RIO-TORTO, 1993). Muitas vezes, a avaliação do diminutivo sai do escopo linguístico propriamente e desempenha uma característica paralinguística (envolve um critério subjetivo/emocional): podem ser expressão de diferentes aspectos mais ou menos emotivos associados para avaliações positivas e negativas, que, neste caso, podem expressar indignação, crítica, desprezo, amorosidade, carinho, afetividade e emotividade. A avaliação expressa pelo diminutivo é iminentemente de caráter afetivo (Quadro 1).

Expressões semânticas	Exemplos
a) expressa manifestação de carinho, ternura, amor, simpatia/empatia (não só para pessoas, mas também para seres inanimados);	“mãezinha”, “filhinho”, “avozinho”, “freirinha”; “Bruninho”, “Raquelzinha”; “gatinho”, “passarinho”, “cachorrinho”; “anjinhos”, “pastorinhos” (de Fátima); “miminho”, “beijinho”, “amorzinho”; (a minha) “casinha”; (as minhas) “couvinhas”; “caminha” (de bebê), “sapatinho”.
b) expressa compaixão;	“pobrezinho”, “coitadinho”, “nuzinho”, “ceguinho”, “doentinho”.
c) expressão atenuação ou eufemismo para condições miseráveis, deficiências e males, palavras grosseiras de cunho sexual e outros insultos relacionados ao tabu sexual;	“tolinho”, “parvinho”, “aleijadinho”, “gordinho”, “cuzinho”, “porcarizinha”, “marotinho”, “murcãozinho”.
d) expressa sensação de saborosidade;	“peixinho”, “franguinho”, “bifinho”, “canjinha”, “bolinho”, “chocolatinho”, “frutinha”, “cafezinho”, “vinhinho”, “cervejinha”, (água) “fresquinha”, “cigarrinho”.
d) expressam outros sentidos para se referir à questão do belo (diminutivos hedônicos ou estéticos);	“solinho”, “ventinho”, “banhinho”, “quentinho”, “fofinho” “cheirinho”, “perfuminho” “musiquinha” “carinha”, “olhinhos”, “corpinho”, “rabinho” “brinquinho”, “joinha”

Quadro 1: Exemplos de expressões semânticas de apreciação positiva

Fonte: adaptado de Silva (2006, p. 490-491)

Os diminutivos também estão associados a avaliações negativas: “o que é pequeno e de pouco valor, não presta”; “o que é pequeno é com defeito”; “o que é pequeno é desprezível” (quadro 2).

Expressões semânticas	Exemplos
a) expressa desprezo;	“senhorita”, “filhinho” (de papai), “sujeitinho”, “gentinha”, “povinho”, “patinho”, “negrinho”, “malandrinho”, “estupidozinho”.
b) expressa julgamento de gênero;	“viadinho”, “gayzinho”, “mariquinha”, “baitolinha”, “viadinho”.
c) expressa indigência;	(pobre) “casinha”, “sapatinhos” (feios).
d) expressa ironia, sarcasmo, deboche;	“engraçadinho”, “espertinho”, “piadinha”, “gracinha”. (É um) “santinho”, “anginho”; “estes burguesinhos!”, “zé povinho”, (“coitadinho”) (do menino).

Quadro 2: Exemplos de expressões semânticas de apreciação negativa

Fonte: adaptado de Silva (2006, p. 492-493)

Os diminutivos podem ser usados para avaliar emotivamente, mas com uma estratégia do locutor para fazer com que seu interlocutor aja de forma a aderir à intenção ou ao desejo de realizar a comunicação (SILVA, 2006). A utilização de diminutivos enquanto estratégia semântico-pragmática pode indicar: pedido de esmola, valorização de uma mercadoria no supermercado ou na feira, favorecimento de um cliente na compra de determinado produto:

Daí uma “*esmolinha*” ao “*ceguinho*” / “*pobrezinho!*”
 Olha a “*sardinha*” “*fresquinha!*” / Olha o “*peixinho*” “*vivinho!*”
 (restaurante) Temos “*cabritinho*”, “*vitelinha*”, “*lombinho*” de porco assado
 (SILVA, 2006, p. 498).

Silva (2006, p. 493) ainda lista outras possibilidades de usos em situações pragmáticas (quadro 3), de modo que os diminutivos acomodam “emoções/sentimentos, sensações, enfim, sentidos contrários dentro da mesma categoria: o carinho e o desprezo, o ‘apreciativo’ e o ‘depreciativo’”. Há situações em que o mesmo diminutivo pode ter duas leituras diferentes: a palavra *coisinha* pode indicar “objeto bonito, amável” ou pode indicar “objeto insignificante, de pouco valor”, assim como os diminutivos *criancinha*, *mulherzinha*, *coitadinho* podem expressar carinho ou desprezo.

Expressões pragmáticas	Exemplos
a) sinal de cortesia ou delicadeza em um pedido, ordem ou conselho.	Vou pedir-te um “ <i>favorzinho!</i> ” É só dá uma “ <i>ajudinha!</i> ”! Só um “ <i>jeitinho</i> ” A “ <i>continha</i> ”, por favor! “ <i>Depressinha!</i> ”
b) expressão de modéstia;	Trago um “ <i>presentinho</i> ” pra você! É só uma “ <i>lembrancinha!</i> ”
c) expressão de simpatia/empatia;	Então, está “ <i>bonzinho</i> ”, “ <i>boazinha?</i> ” “ <i>tchauzinho</i> ”, “ <i>adeusinho</i> ”, “ <i>até loguinho!</i> ”

Quadro 3: Exemplos de expressões pragmáticas

Fonte: adaptado de Silva (2006, p. 498)

As palavras diminutivas apresentam diversos usos com diferentes juízos de valor sobre o conteúdo semântico das suas bases morfológicas (envolve um critério subjetivo). No momento do uso, esses sentidos podem ser encaixados na estrutura linguística mais ou menos sistematicamente ou prototicamente reconhecida, desde o item lexical mais lexicalizado até o item lexical com sentido de apreciação positiva ou negativa do locutor em relação ao referente nomeado. Com isso, os vários sentidos podem gerar diversas interpretações em relação a um único item lexical:

- (i) Esta *casinha* não serve para minha filha (casa pequena)
- (ii) Depois de uma viagem cansativa, eu amo chegar a minha *casinha* (querida casa)
- (iii) Eu não vou ver a *casinha* ali da esquina (a casa não agradou)

Adaptado de Villalva (2010, p. 788)

Nos exemplos acima, o diminutivo *casinha* carrega uma série de julgamentos por estar associado a marcas afetivas e de emotividade, que, ao ser combinada com a sua base morfológica, apresenta interpretações semânticas diferentes. Essas interpretações, na descrição linguística, são analisadas caso a caso a partir da sensibilidade do analista, que, por questões de não compartilhar dos contextos de uso e repertório, precisa considerar um conjunto de pistas em diferentes níveis para que possa chegar a uma sistematização dos variados sentidos associados ao diminutivo.

Nos nível semântico-pragmático, observamos que, do ponto de vista da descrição linguística, os casos são julgados a partir da sensibilidade do analista. Um ponto em comum entre as descrições é o julgamento de oitiva dos diminutivos (o analista lê o trecho transcrito da ocorrência e julga a partir do que considera o sentido atribuído no contexto específico). Nessas descrições, as avaliações e os julgamentos já descritos no português podem ser associados a dois grandes grupos de apreciação:



Figura 3: Bipartição das avaliações/julgamentos dos diminutivos

Fonte: Elaboração própria

- **Apreciação positiva** = como carinho, lembrança, saudade, desejo, ternura, amor, simpatia
- **Apreciação negativa** = como cobiça, crítica, ironia, piedade, malícia, sarcasmo

Além de questões semântico-pragmáticas associadas aos usos dos diminutivos, aspectos prosódicos estão relacionados ao seus significados. É o que veremos na próxima subseção.

2.2.4 O diminutivo e o nível prosódico

Do ponto de vista prosódico, ainda existe uma escassez nos estudos acerca do diminutivo no Brasil. Estudos sobre diminutivos consideram [x-inho] e [x-zinho] quanto ao status prosódico na formação de palavras são poucos (ULRICH; SCHWINDT, 2007; INKELAS, 1989;1993).

O estudo de Ulrich e Schwindt (2007) visa prover evidências prosódicas de [x-inho] e [x-zinho] em sua estrutura de base para saber se os sufixos possuem dois acentos fonológicos ou não, a partir de uma análise entre palavras simples e palavras compostas. Em uma análise acústica no PRAAT com a pronúncia de 10 palavras com 2 falantes, palavras diminutivas (como *mercadinho*) apresentam o mesmo comportamento prosódico dos compostos morfofonológicos (como “supermercadinho”): há maior duração na sílaba principal, uma vez que a sílaba tônica da palavra de base exibe uma maior duração do que nas sílabas átonas. Os diminutivos com sufixo [x-inho] tem comportamento igual ou superior à sílaba tônica no português; ao mesmo tempo parâmetro da intensidade também é mais alto nas sílabas iniciais. Por sua vez, vogais médias-baixas (como em *método*) se assemelham muito com a vogal produzida em *metodozinho*, porém ambas se diferem na vogal média-alta [e], indicando, em princípio, que há dois acentos prosódicos. Os autores ressaltam que os resultados precisam ser testados em larga escala.

No que tange ao diminutivo associado aos sentidos, não encontramos referência de estudos em português. Os sentidos dos diminutivos e a sua relação com a prosódia são estudados na língua espanhola. Valderrama, Pérez e Fuentes (2017) apontam que, no espanhol do Chile, os sufixos diminutivos são relacionados com os valores de duração do sufixo [-ito]. No espanhol, os diminutivos podem expressar variados valores pragmáticos associados aos sufixos [x-ito] e [x-zito], mas existem quatro sentidos que falantes chilenos expressam em sua fala, sem

considerar o valor de diminutivo: valor afetivo (envolve emoção), ativo (envolve convencimento), intensificador (envolve intensidade) e atenuante (envolve suavizar uma característica negativa)

Valderrama, Pérez e Fuentes (2017) mediram a duração da vogal [i] em milissegundos do sufixo [x-ito] em 250 itens lexicais, em uma tarefa na qual estudantes universitários tiveram que ler 4 diálogos (esse instrumento foi validado com um conjunto de pessoas antes para checarem como as pessoas avaliavam os sentidos atribuídos dos diminutivos nos textos) contendo valores pragmáticos do diminutivo. Os resultados sugerem que a duração da vogal /i/ em [x-ito] é menor no valor de diminuição, seguido dos valores de mitigação, afetivos e intensificadores com um grau de similaridade média. O valor pragmático afetivo apresentou a maior duração média do fonema /i/ na amostra, sugerindo uma associação entre o valor pragmático e a duração da vogal acentuada no sufixo diminutivo [x-ito].

Descrições quanto aos sentidos dos diminutivos (VARELA, 1999; MARTIN GARCIA, 1999) apresentam, de forma subjetiva, que as palavras diminutivas afetivas carregam uma intensidade diferente de palavras não diminutivas, com uma carga emocional interferindo no conteúdo da significação do diminutivo. Por isso, em nosso trabalho tentamos ampliar o conjunto de pistas prosódicas do diminutivo para verificar o efeito de parâmetros como a duração, a frequência e a intensidade na classificação (lexicalizado ou afetivo) dos diminutivos no português.

2.3 O DIMINUTIVO E A RELAÇÃO EMOCIONAL

A formação dos diminutivos no português brasileiro apresenta relação entre “base morfológica + sufixos inho/zinho”, relacionados a propriedades linguísticas de natureza fonológica (acento da base), sintática (extensão da base), semântica/pragmática (sentidos relacionados à base) e prosódica (aspectos físicos da base). No entanto, a classificação dos sentidos atribuídos aos diminutivos se dá de maneira subjetiva pelo analista, não havendo parâmetros emocionais na análise dos diminutivos afetivos.

Neste estudo, nos propomos a ampliar o escopo sobre o significado do diminutivo considerando aspectos estruturais e prosódicos em relação à classificação do diminutivo (lexicalizado ou afetivo) e incluir, por meio de reconhecimento facial, características emocionais do momento no qual que os falantes produzem os diminutivos em situação de fala espontânea, partindo do pressuposto de que elementos da paralinguagem por estarem além do nível linguístico propriamente dito podem indicar pistas de avaliação no julgamento positivo e

negativo de estímulos internos e externos associados aos diminutivos afetivos (LAVÉ, 1980; ROACH et al, 1998; TRAUMULLER, 2000; SACHARIN, SCHLEGEL, SCHERER, 2012).

3 EMOTIVIDADE E AFETIVIDADE NOS DIMINUTIVOS

As emoções, do ponto de vista psicológico, são episódios provocados por eventos de estímulos no meio ambiente. Esses episódios nascem de ações que desencadeiam uma resposta por meio de pistas fisiológicas, como exemplo as expressões faciais, que podem ser avaliadas quanto a uma relevância pelos movimentos musculares do rosto (SCHERER, 2005). De acordo com Ekman (2000), as expressões atuam na manutenção da interação, elas são consideradas elementos paralinguísticos, que estabelecem, mantêm e regulam a interação locutor/interlocutor por meio do comportamento visual e corporal que estão além da estrutura linguística, mas são importantes para a comunicação porque diferenciam sentidos (TRAUNMULLER, 2000).

Neste capítulo, apresentamos uma proposta de observação das emoções, considerando as expressões faciais como pistas paralinguísticas que contribuem para o comportamento multimodal (linguístico, visual e corporal) na diferenciação de sentidos.

3.1 EMOÇÕES E FALA

Cada expressão facial que as pessoas vivenciam predispõe para uma ação imediata, isso significa que cada emoção sinaliza uma expressão facial que desempenha uma função um contexto específico (GOLEMAN, 2001). As reações emocionais típicas que sinalizam emoções são alterações fisiológicas, expressões faciais, gestos ou alterações na voz que indicam, respostas reflexas, padrões de avaliação cognitiva, sentimento subjetivo e papel adaptativo. Com isso, a forma como percebemos o ambiente é de natureza essencialmente multimodal, pois nosso cérebro funde informações de diferentes formas no corpo (os gestos, a fala, a expressão do rosto) (LAZARUS, 1991). Os estímulos visuais, como as expressões faciais, têm impacto sobre como a informação linguística é codificada e decodificada pelos falantes (SWERTS, KRAHMER, 2007). A identificação das expressões faciais pareadas a estímulos linguísticos, a exemplo do diminutivo, pode fornecer informações tanto do indivíduo como do material linguístico em si. As expressões faciais são pistas a eventos linguísticos, que geram respostas rápidas ante o que está acontecendo na situação comunicativa.

A percepção do homem a eventos particulares no dia a dia produz conhecimento a partir das sensações adquiridas pelos fenômenos empíricos ao seu redor. Por exemplo, o gosto de uma maçã, a sensação de uma xícara bem quente de café, o som da voz de uma mãe acalentando seu filho, a visão do pôr do sol. Tais acontecimentos suscitam reações emocionais

para esses eventos particulares no indivíduo. Essas percepções individuais geram operações na mente das quais, por sua vez, derivam crenças, julgamentos, dúvidas e certezas. Por exemplo, ao tomar uma xícara de café, a expressão facial da pessoa já nos oferece pistas de se o café está bom ou ruim: a pessoa pode expressar uma expressão de nojo (sobrancelhas abaixadas e unidas, olhos bem cerrados com tensão na parte inferior e as pálpebras e os lábios esticados⁶), indicando que o café está bem quente ou o açúcar não está adequado, ou a pessoa pode expressar uma face de alegria (sobrancelhas levantadas e unidas, olhos bem abertos, com tensão na parte inferior e as pálpebras e os lábios bem esticados⁷), indicando que a temperatura do café está agradável e, possivelmente, está bom de açúcar.

Por ser, então, um processo cognitivo, as emoções são ativadas por diferentes gatilhos, como fenômenos naturais (trovão e o pôr do sol), sensação degustativa (o café bem quente), sensação olfativa (o cheiro da mãe para o bebê), e, inclusive, gatilhos linguísticos, a exemplo do fenômeno do rotacismo no português⁸. As pressões no meio social que agem sobre o indivíduo requerem interpretação subjetiva para entender e rotular o que está acontecendo no ambiente. (SCHACHTER; SINGER, 1962).

O processo de avaliação (*appraisal theory*) acontece de maneira subjetiva (automática e inconsciente ou controlada e deliberada) durante o encontro de um indivíduo com eventos significativos no ambiente (SCHERER; SCHORR; JOHNSTONE, 2001). Esse mesmo processo de avaliação ocorre com os diminutivos quando os falantes, a depender da situação comunicativa, utilizam estes recursos linguísticos com uma apreciação positiva (carinho, amor, fofura, dengo) ou negativa (desdém, crítica, sarcasmo, desprezo) para intensificar um julgamento afetivo.

Assim, as expressões faciais podem ser compreendidas enquanto indicadores de relevância (não se tem emoção com qualquer coisa, pois não se responde a qualquer estímulo). A reação emocional acontece porque é imbricado nela o processo de avaliação, bastante complexo, mas muito rápido. Cada emoção tem características únicas: são sinais do organismo, têm fisiologia própria e eventos antecedentes. Mas também, compartilham características em

⁶ Adaptação das expressões faciais propostas por Ekman e Friesen (1975, p.173-202)

⁷ Adaptação das expressões faciais propostas por Ekman e Friesen (1975, p.173-202)

⁸Na sociolinguística, alguns experimentos já vêm sendo desenvolvidos com expressões faciais como parâmetros para identificação das emoções de determinados traços linguísticos estigmatizados, pois se referem ao processo de avaliação desses estímulos linguísticos, a exemplo do rotacismo. Os resultados sugerem que o estigma social associado ao fenômeno do rotacismo é demonstrado por meio das expressões faciais dos participantes que, ao serem expostos ao traço estigmatizado, não permanecem neutros em relação ao gatilho do estímulo do rotacismo (FREITAG, et al, 2020)

comum: tem início rápido e de curta duração e a avaliação é automática (EKMAN, 1992; SCHERER, 2005; SHACHTER E SINGER, 1962).

A informação produzida acontece porque uma determinada expressão facial é o resultado da interação de dois componentes: excitação fisiológica e cognição sobre determinada situação excitante (SHACHTER E SINGER, 1962). Assumimos que as expressões faciais são evidências que demonstram a reação dos indivíduos e comunicam informações em determinado contexto social. Ao considerar que traços linguísticos são gatilhos disponíveis no momento da interação social para os falantes, advogamos que as expressões têm um papel importante no uso dos diminutivos e, por conseguinte, nos sentidos indicados por eles.

As expressões faciais representam reações aos eventos de grande importância para os indivíduos, mas também mobilizam todos os recursos para lidar com as situações do cotidiano (seja de maneira positiva ou negativa). Existe uma diferença entre emoções e expressões faciais: enquanto as emoções são constructos cognitivos (reação psicológica provocada por uma ação) (SCHERER, 1995; 2005; 2003).

3.2 A FISILOGIA DAS EXPRESSÕES FACIAIS

Com a movimentação dos músculos da face, as expressões faciais dizem respeito à relação entre os fatores sociais e os fatores biológicos. Por mais que as expressões faciais sejam reconhecidas universalmente, atuam a relevância do fator social e as especificações grupais e no que tange às regras de alteração nas expressões faciais guiadas por aspectos culturais (EKMAN E FRIENSEN, 1986).

De acordo com Ekman e Friensen (1886, p. 159) “não há acordo para, por exemplo, quantas emoções existem e quais critérios devem ser empregados para distinguir emoções de humor ou traços emocionais ou distúrbios emocionais”⁹ (EKMAN; FRIENSEN, 1986, p. 159). Existem várias propostas em relação ao número e a classificação das emoções básicas propostas pela literatura: há quem considera somente seis emoções (EKMAN; FRIESEN; ELLSWORTH, 1982), oito emoções (PLUTCHIK, 1982), a quem considera dez emoções (LAZARUS, 1991).

REFERÊNCIA	TIPOLOGIA

⁹ “about how many emotions there are, or about what criteria should be employed to distinguish emotions for moods, emotional traits or emotional disorders” (EKMAN; FRIENSEN, 1986, p. 159)

Ekman; Friesen (1975)	Raiva, nojo, medo, alegria, tristeza, surpresa
McDougall (1926)	Raiva, nojo, alegria, medo, sujeição, concurso, emoção, maravilha
Plutchick (1982)	Aceitação, raiva, antecipação, nojo, alegria, medo, tristeza, surpresa
Tomkins (1984)	Raiva, interesse, desprezo, repulsa, angústia, medo, alegria, vergonha, surpresa

Quadro 4: Tipologia das expressões faciais

Fonte: Cardoso, 2021, p. 43-44

Para a análise de reconhecimento das expressões faciais, adotamos seis emoções básicas: alegria, medo, surpresa, tristeza, nojo e raiva. Ekman (1999), em estudo com julgamento de frases isoladas, ressalta que as expressões das emoções oferecem informações tanto sobre contexto que o antecede quanto do que sucedem e indica que as expressões de raiva, medo, nojo, desprezo, surpresa, desgosto e alegria.

A identificação das emoções acontece por meio do reconhecimento da fisiologia da face:



Figura 4: Expressões faciais referentes às emoções básicas

Fonte: Adaptação das expressões faciais propostas por Ekman e Friesen (1975, p.173-202)

A seguir, segue uma adaptação das descrições dos músculos faciais envolvidos na expressão das emoções básicas:

- a) Alegria: erguimento do músculo zigomático maior, que vai dos lábios até as bochechas, resultando no sorriso;
- b) Medo: abertura das pálpebras superiores, tensão leve das pálpebras inferiores e levantamento das sobrancelhas;
- c) Surpresa: semelhança com a expressão do medo. Diferenças: abertura da boca e no enrugamento da testa;
- d) Tristeza: abaixamento das extremidades dos lábios, elevação leve das bochechas e aperto dos olhos;
- e) Nojo: franzimento do nariz, rebaixamento das sobrancelhas, erguimento das pálpebras inferiores e contração dos lábios;
- f) Raiva: rebaixamento das sobrancelhas em direção ao nariz.

(Adaptação de Ekman e Friesen, 1975, p. 34 a 128)

Essas características fisiológicas sobre a movimentação dos músculos da face podem ser consideradas como evidências indiretas para o processamento linguístico desempenhado pelo falante no momento da conversação. Essas pistas fisiológicas indicam como a avaliação do diminutivo é feita no momento de avaliar um determinado objeto/ser no mundo. Estas pistas podem ajudar na identificação dos sentidos dos diminutivos, ampliando o escopo de análise sobre o significado dos usos afetivos no português.

3.3 O RECONHECIMENTO DE EXPRESSÕES FACIAIS E O DIMINUTIVO

As expressões faciais podem se tornar parâmetro *on-line* (aferição indireta) para medir a relação entre o estímulo linguístico e a resposta do falante em uma situação comunicativa, aferindo a sensibilidade do fenômeno linguístico no momento da situação comunicativa (FREITAG, et al, 2020). Conseqüentemente, pelo fato de as emoções estarem conectadas a um determinado estímulo interno (aspecto linguístico) e a um determinado estímulo externo (aspecto social), a expressão emocional pode servir como pista para externar a reação que o indivíduo tenha sobre alguma ação em função de uma informação social retirada do meio (SCHERER, 2003; 2005; KOHLER et al, 2004).

Freitag, Cruz e Nascimento (2021) advogam que recursos corporificados, por apresentarem regularidade sistemática, variação e apreciação social são características que podem ser incorporadas à gramática de uma língua, a exemplo das expressões faciais. Embora não sejam uma resposta consciente, ou seja, direta, elas deixam pistas inconscientes do julgamento exercido pelo falante por da contração dos músculos do rosto, a exemplo de nojo.

Freitag et al (2020) testaram um experimento para mensurar o julgamento social do rotacismo com as expressões faciais quanto ao processamento sociolinguístico. O teste foi baseado em *priming* auditivo (estudantes universitários avaliavam por meio de uma escala de notas ocorrências paralelas, rotacismo e controle) e a reação fisiológica dos participantes. Os registros de vídeo do experimento foram submetidos a um código de reconhecimento facial no exato momento que os estímulos foram ouvidos e os participantes realizaram suas reações. As imagens foram extraídas por meio de um script em linguagem *python*, com 68 pontos localizados nas linhas das sobrancelhas, boca, nariz, olhos e queixo. As imagens foram comparadas com um *dataset* de imagens de falantes europeus. O *script* gerou valores referentes a probabilidade de cada emoção desempenhada no momento exato do rotacismo. Os resultados sugerem que, ao ouvirem a realização do rotacismo, os participantes expressaram reação de nojo ou de alegria, enquanto as outras ocorrências tiveram probabilidade da expressão neutra. A reação de alegria foi detectada pelo algoritmo, mas segundo os autores a expressão foi de um riso de canto de boca (uma expressão de deboche), o que indicaria uma certa ironia em relação ao estímulo estigmatizado socialmente.

Com isso, do ponto de vista do processamento da variação linguística, as expressões faciais transmitem informações sobre cooperação social e julgamento moral e social sobre uma determinada variante (FREITAG, et al, 2020). Ao inserir no modelo de análise sobre os sentidos dos diminutivos as expressões faciais, podemos ampliar o poder de análise de pistas do

processamento de estímulos linguísticos advindas das expressões faciais, inclusive incorporando para outros níveis linguísticos, a exemplo do morfológico.

4 MÉTODO

Neste capítulo, apresentamos a constituição da amostra e o detalhamento do procedimento da coleta e do tratamento dos dados, bem como descrevemos os modelos de análises realizados para o tratamento estatístico da análise da variável dependente e as escolhas das variáveis independentes, apontando o delineamento da análise a partir da relação entre os critérios estruturais, prosódicos e subjetivos para ampliar o escopo de pistas relacionadas ao significado dos diminutivos no português brasileiro.

4.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA: PERFIL DOS PARTICIPANTES

A constituição da amostra para a pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Sergipe (UFS). A UFS, atualmente, é composta por cinco *campi* (São Cristóvão, Itabaiana, Laranjeiras, Lagarto e Nossa Senhora da Glória), os quatro últimos frutos da expansão das universidades brasileiras. A coleta aconteceu, especificamente, no *campus* Prof. José Aloísio de Campos, São Cristóvão/SE.

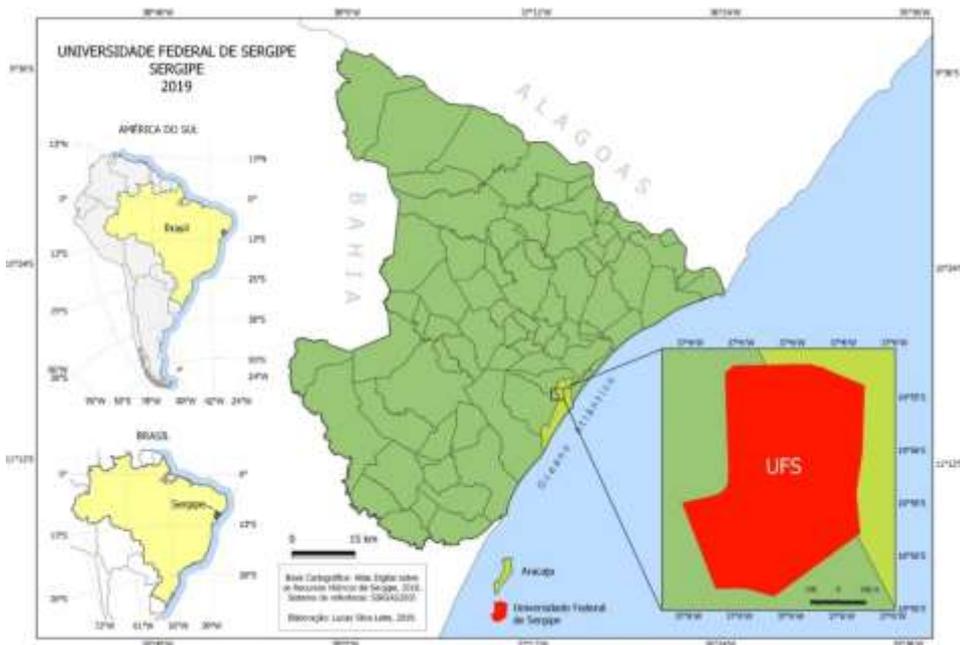


Figura 5: Localização da Universidade Federal de Sergipe

Fonte: Elaboração própria (2021)

A amostra constituída para esta pesquisa é veiculada aos Projetos de Pesquisa “Falares Sergipanos virtual: variedade, diversidade, contato e os direitos linguísticos” (Edital 02/2015 SENACON/MJ; Edital CAPES/FAPITEC/SE 10/2016 PROMOB), “Saliência, percepção e atitudes sociolinguísticas” (Processo 305925/2017-2 - Produtividade em pesquisa PQ 2017) e

ao Projeto de Desenvolvimento “Banco de dados de expressões faciais sergipanas para respostas emocionais”. Especificamente, foram coletadas 30 entrevistas sociolinguísticas, estratificadas por sexo/gênero, gravadas em áudio e vídeo¹⁰. Houve a participação de alunos de variados cursos. Quanto aos estudantes de Letras e Pedagogia, incluímos somente aqueles que estavam cursando o primeiro período para que a consciência sobre estudos de variação linguística não interferisse nos usos linguísticos.

Para esta amostra, a organização da coleta ocorreu com os membros do Grupo do GELINS (Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade) orientados pela Profa. Raquel Meisker Ko. Freitag, bolsistas de iniciação científica (IC) e alunos do programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), turma 2019.1, durante o período de 01/06/2019 até 15/07/2019. A coleta das entrevistas ocorreu no Condomínio de Laboratórios Multiusuários de Informação e Documentação (LAMID), em uma cabine acústica iluminada verticalmente, revestida por painéis brancos e com recursos de equipamentos de mídia para som e vídeo. Os alunos entrevistados, cursando os três primeiros ou três últimos períodos da graduação, foram convidados pelos pesquisadores para uma conversa gravada que tinha como objetivo coletar relatos e narrativas sobre a vivência na universidade.

Também solicitamos antes das entrevistas que os participantes preenchessem a ficha social (anexo 01), o termo de consentimento livre e esclarecido (anexo 02) e o termo de autorização da imagem para a filmagem em vídeo (anexo 03), conforme o CEP/CONEP (CAAE: 0386.0.107.000-11). Durante as entrevistas, houve a preocupação de manter uma simetria entre entrevistador e entrevistado no que tange ao sexo biológico (sexo masculino entrevistava sexo masculino e sexo feminino entrevistava sexo feminino), só quando não havia a possibilidade de manter a simetria que se optava para os sexos opostos (sexo masculino entrevistava sexo feminino ou vice-versa) para não perder o participante da pesquisa.

¹⁰ O protocolo de coleta atende a fins específicos para todos os pesquisadores do grupo de pesquisa GELINS mediante seus objetos de estudo específicos. Por isso, ao todo foram coletadas 80 entrevistas (48 somente em áudio e 32 áudio e vídeo). É um único protocolo de coleta, mas com diversas finalidades para atender os interesses de pesquisas particulares de todos que utilizaram a mesma coleta e, posteriormente, disponibilizado no Banco de Dados Falaes Sergipanos (FREITAG, 2013). Pesquisadores: Bruno Pinheiro (diminutivos); Lucas Silva (palatalização das oclusivas /t/ e /d/); Paloma Cardoso (verbos – acho, parece e creio); Viviane Moraes (concordância verbal de 3ª pessoa); Fernanda Rodrigues (regência de verbos de movimento); Manuel Siqueira (artigos definidos e possessivos); Mauro Jr. (colocação pronominal e futuro do pretérito); Victor Andrade (traços fonológicos variáveis da fala para leitura); Vitória Santos (leitura).

4.2 INSTRUMENTO DE COLETA

A coleta foi realizada por meio do instrumento “entrevista sociolinguística” com duração em torno de 40 a 60 minutos. Para o desenvolvimento, elaboramos um roteiro, adaptado a partir do proposto por Labov (2006), organizado em blocos temáticos e dividido da seguinte maneira: perguntas de checagem, moradia, educação, lazer, questões de estereótipos e teste de percepção linguística e leitura oralizada de texto (anexo 4).

A amostra Deslocamentos 2020 foi a primeira, no GELINS, coletada em imagem e som. A fim de evitar possíveis prejuízos na captação de dados, optamos por gravar somente 30 entrevistas em áudio e vídeo. Este instrumento está sendo calibrado com os primeiros testes dentro do LAMID.

4.2.1 Entrevistas em áudio e vídeo

As entrevistas em áudio e vídeo foram gravadas na cabine acústica do LAMID, utilizando gravador (Marantz) e por duas câmeras (Sony GoPro), uma para o entrevistador outra para o entrevistado. As câmeras foram posicionadas da seguinte forma: uma em frente da outra, uma de frente para o entrevistado e a outra para o entrevistador, com painel branco nos fundos da cabine acústica devido à questão da luminosidade. A amostragem feita tem por classificação “estratificada não aleatória”.

4.3 TRATAMENTO DAS ENTREVISTAS DE ÁUDIO E VÍDEO

Todas as entrevistas passaram pelo processo de transcrição e alinhamento de áudio, vídeo e imagem. Utilizamos o software ELAN (HELLWIG; GEEERTS, 2013) para realizar as transcrições e o cotejamento dos fatores linguísticos, estilísticos e paralinguísticos, mais o software PRAAT para realizar as segmentações dos diminutivos e o cotejamento dos fatores prosódicos. O procedimento para o reconhecimento facial dos rostos dos participantes para os fatores linguísticos foi por meio do protocolo proposto por Tejada et al (2021), que usa como parâmetro *Facial Action Units - FACS*

4.3.1 Para os fatores linguísticos e estilísticos

Para a extração das ocorrências em função dos fatores linguísticos e estilísticos, utilizaremos o software ELAN, a fim de extrair os contextos de diminutivos nas entrevistas sociolinguísticas.



Figura 6: Segmentação no ELAN das entrevistas
Fonte: Elaboração própria (2021)

O levantamento das ocorrências dos diminutivos com [x-inho] e [x-zinho] aconteceu pelo comando de busca no *software* Elan, versão 5.2 ELAN (HELLWING; GEERTS, 2013).

The screenshot shows the search results window in ELAN. The search term 'inho' has been entered, and the results are displayed in a table. The table has columns for 'Id', 'Arquivo', 'Tela', 'Ativo', 'Anotação', 'Despico', 'Parâmetro', 'Códig', 'Term', 'Term', and 'Classe'. The results list 35 occurrences of the word 'inho' across various files and segments. The text in the 'Ativo' column includes phrases like 'e até mesmo lá...', 'ah ah então Estância tem muitos bairros', 'ah já passou pra...', 'ah e agora a gente já tá chegando no finalzinho da mesma conversa eu vou fazer um teste aqui com você', 'é porque ela se...', 'então quando ela morava lá em Estância a gente pra lá - pra bairrinho de Estância', 'então quando a...', 'mas sempre tá...', 'é porque ela...', 'mas não tá...', 'é o que é oêêêê...', 'eu muito pra ela...', 'ai quando eu o...', 'mas do mesmo...', 'eu falei pra ela...', 'em é mais assim pra eu...', 'hum não é legal...', 'é é e que eu...', 'outro tipo (...) que...', 'a pra família de...', 'ah você provoc...', 'ela não queria...', 'é ele vai falar pra falar assim lá não dou o direito mas aí pronto ele se acalorava coisa eu', 'mas que se fosse...', 'mas tá certo isso tem que ser cada um no seu pedacinho', 'não sei quem é porque sei que seja tá o meu vizinho ou não tá sei', 'que que chama...', 'é não é o mesmo que é o outro que tá a história que sai da boca a história', 'é o da o bairrinho', 'é eu não sei o...', 'eu não sei o...', 'mas não tá...'. The 'Despico' column contains the word 'inho' in various contexts.

Figura 7: Segmentação no ELAN das entrevistas
Fonte: Elaboração própria (2021)

4.3.2 Para os fatores suprasegmentais

Para a extração dos parâmetros prosódicos de duração, f0 e intensidade dos diminutivos utilizamos o *script analyse tyer* (HIRST, 2012), no software PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2017), a fim de segmentar os diminutivos realizados pelos estudantes universitários, com o intuito de extrair os valores das variáveis prosódicas de duração, frequência fundamental e intensidade do item lexical (diminutivo). Segmentamos duas trilhas do PRAAT: uma para transcrição do segmento e outra somente com o item lexical do diminutivo.

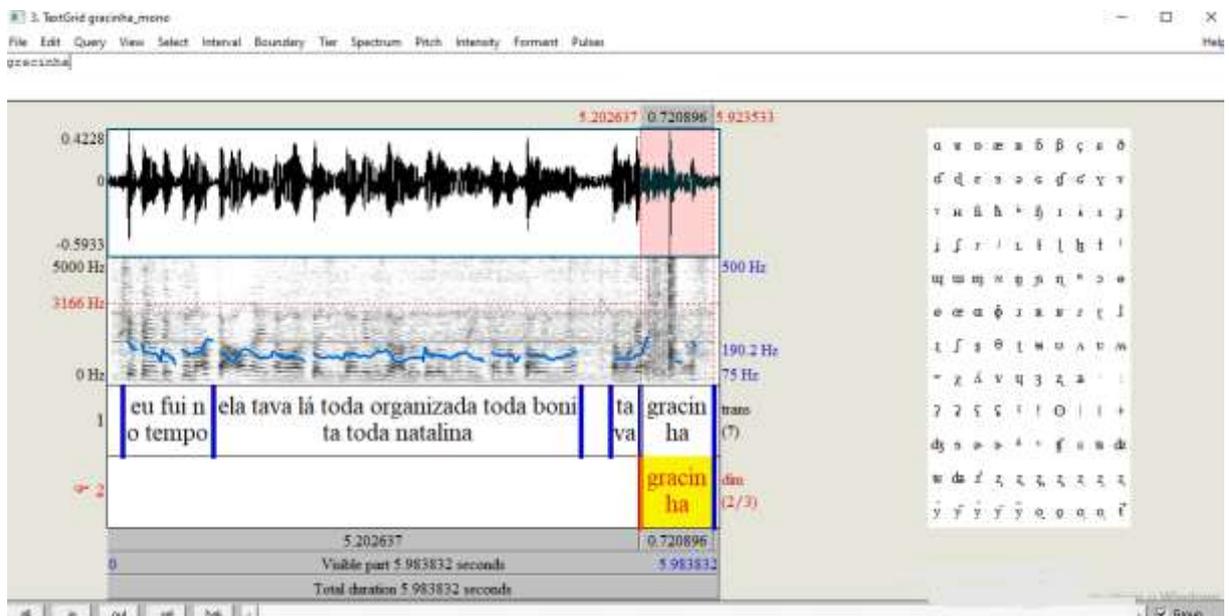


Figura 8: Segmentação no PRAAT do segmento diminutivo

Fonte: Elaboração própria (2021)

Excerto: "eu fui na época do natal... ela tava lá toda organizada toda bonita toda natalina... tava uma *gracinha*"

Mesmo realizando a coleta em uma cabine acústica, houve interferência do barulho do gravador, das câmeras e ar condicionado do laboratório no momento da coleta, o que pode interferir na qualidade dos áudios analisados na amostra. Para driblar os barulhos externos, há quem retire os ruídos no Audacity, mas há também quem diga que isso prejudica os parâmetros acústicos. A análise em milissegundos é padrão de tempo do Praat, não tem relação com ruídos. Esse procedimento é uma transformação logarítmica do valor de hertz: “Através desse artifício matemático, sua medida reflete melhor a forma como as vibrações são processadas por nosso sistema auditivo” (BARBOSA, 2019, p. 22). Essa informação é sobre semitons, utilizados para driblar as diferenças fisiológicas entre homens e mulheres que influenciam a produção e as

características dos sons. Trabalhar com semitons excluiu a necessidade de um procedimento matemático para a normalização dos dados.

4.3.3 Para os fatores paralinguísticos

A face assume papel central na resposta a gatilhos no meio ambiente. As emoções são expressões involuntárias selecionadas e refinadas na evolução das espécies para a comunicação dos seres vivos e, por causa da sua carga de informação, desempenham papel relevante na interação social (EKMAN, 1970; 1992; 1993; 1999). As descrições das características fisiológicas das emoções básicas propostas por Ekman (1992) originou um manual para o reconhecimento e a análise de expressões faciais:

Unidades de Ação da Face Superior					
AU 1	AU 2	AU 4	AU 5	AU 6	AU 7
					
Sobrancelha Interna Levantada	Sobrancelha Externa Levantada	Sobrancelhas Baixas	Pálpebra Superior Levantada	Bochechas Levantadas	Pálpebras Apertadas
*AU 41	*AU 42	*AU 43	AU 44	AU 45	AU 46
					
Abaixamento das Pálpebras	Contração Retinal	Olhos Fechados	Olhos Semicerrados	Piscada dos olhos	Piscada de um olho
Unidades de Ação da Face Inferior					
AU 9	AU 10	AU 11	AU 12	AU 13	AU 14
					
Nariz Enrugado	Lábio Superior Levantado	Nasolabial Aprofundado	Cantos dos Lábios Puxados	Bochecha Inchada	Fazendo Covinhas
AU 15	AU 16	AU 17	AU 18	AU 20	AU 22
					
Cantos dos Lábios Pressionados	Lábio Inferiore Pressionado	Queixo Levantado	Lábios Enrugados	Lábios Esticados	Lábios Afunilados
AU 23	AU 24	*AU 25	*AU 26	*AU 27	AU 28
					
Lábios Endurecidos	Lábios Pressionados	Lábios Separados	Mandíbula Caída	Apertando a Boca	Sucção dos Lábios

Figura 9: Tipologias das AUs (Unidades de ação das emoções)
Fonte: Adaptação das AUs para o português (cf. Ekman e Friesen, 1978, p.)

Esse reconhecimento foi chamado por Ekman e Friesen (1978) de *Facial Action Units* (FACS): um conjunto de movimentos da parte superior (linhas das sobrancelhas e do nariz) e

inferior da face (linhas da boca e queixo) que indica as expressões de medo, alegria, nojo, surpresa, medo e raiva. Esse conjunto de imagens tinha, no início, o objetivo de treinar indivíduos para o reconhecimento e análise manual de expressões faciais. Com o avanço da tecnologia, o processo de análise e de reconhecimento das FACS foi automatizado por scripts de linguagem de programação (LUNDQVIST, et al, 1998; YONG et al, 2002) os quais permitiram realizar um mapeamento e captação dos movimentos da face de maneira mais robusta na detecção da probabilidade das expressões faciais realizadas pelas pessoas.

Os experimentos realizados envolvendo FACS apontam forte suporte para indicar que não existe uma área do rosto que melhor revela a emoção, mas que o valor das diferentes áreas faciais distribuído por pontos de fixação na face na distinção das emoções depende das emoções julgadas (CANNON, 1987; AVERILL, 1980; BOUCHER; EKMAN, 1975). Outros indicam que a emoção pode ser pista para entender o mecanismo de afetação (PLUTCHIK, 1962). E, também, já existem descrições de como os músculos faciais estão envolvidos na formação das emoções básicas (HUBER, 1931; EKMAN; FRIESEN, 1975).

O recurso do reconhecimento facial por meio das FACS já se provou ser muito eficaz nas chances de reconhecimento das probabilidades relacionadas as possíveis expressões faciais serem confiáveis pelos algoritmos (CANNON, 1987; AVERILL, 1980; PLUTCHIK, 1962). Entretanto, como já dissemos no início desta subseção, as expressões faciais podem ser parâmetros na identificação da avaliação/julgamento de traços linguísticos (FREITAG et al, 2020). Como o nosso intuito é relacionar as expressões faciais com os diminutivos, por mais que as expressões sejam reconhecidas universalmente, têm especificações grupais relacionadas aos aspectos culturais. Por isso, para que o algoritmo classifique as expressões adequadamente, é preciso validar um banco de dados mais próximo dos falantes da pesquisa, neste caso, estudantes universitários¹¹. Para a classificação das imagens da nossa amostra utilizamos um banco de dados de imagens latinas desenvolvido por Tejada et al (2021)¹² construído por meio de um teste experimental com 110 pessoas, sendo 54 mulheres e 56 homens, com a seguinte

¹¹ Essa validação ocorreu porque no estudo sobre o rotacismo, com imagens de rostos sergipanos comparadas com europeus, o algoritmo reconheceu expressões de alegria quando na verdade havia expressão de deboche.

¹²A constituição deste banco de dados de imagens latinas faz parte do Projeto de Desenvolvimento “Banco de dados de expressões faciais sergipanas para respostas emocionais”, executado pelos professores Raquel mesiter Ko. Freitag e Julian Héctor Tejada. Parte do procedimento de coleta aconteceu na Universidade Federal de Sergipe (as imagens brasileiras) e outra parte na Universidade da Colômbia. O experimento construído por meio de *emojis* expressando as expressões faciais com os participantes brasileiros foi executado no Multiusuário de Informação e Documentação (LAMID) na Universidade Federal de Sergipe (UFS) por Bruno Felipe Marques Pinheiro, Lucas Santos Silva, Paloma Batista Cardoso e Victor Renê Andrade Souza. O procedimento de validação das imagens foi feito por um grupo de 10 professores da Universidade Federal de Sergipe. O manuscrito descrevendo todo o processo de constituição, validação e aplicação do banco de imagens está tramitação para publicação.

divisão de países: 60 pessoas na Colômbia e 60 pessoas no Brasil. O objetivo do teste foi replicar as expressões de raiva, nojo, medo, felicidade, tristeza, surpresa e deboche, utilizando *emojis* em um computador. A execução do teste gravada com uma câmera Logitech C90 HD pro.

Ao todo, 662.172 frames foram gerados pela câmera e posteriormente processados por scripts em linguagem Python que reconheceram os movimentos dos músculos das faces dos participantes a partir de 68 pontos distribuídos nas linhas da sobrancelha, nariz e boca. . Tais frames são imagens de 350x350-pixeis, em escala cinza, validadas por 10 professores universitários que tiveram como tarefa, em uma *survey on-line*, avaliar a expressão de cada emoção. Para categorizar cada expressão facial, os juízes tiveram como critério a maior probabilidade (acima de 0.7) das expressões de nojo e surpresa:

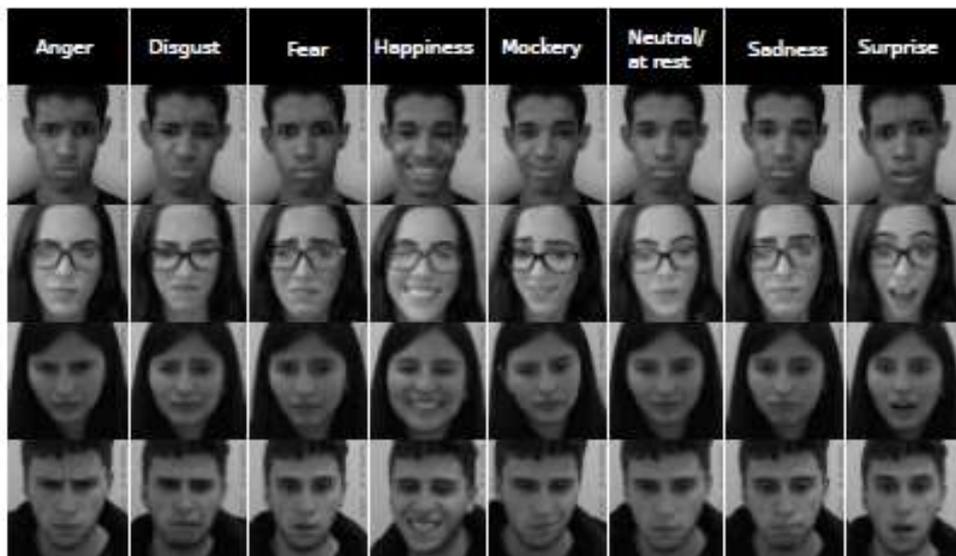


Figura 10: Classificação das imagens do *dataset* latino

Fonte: Tejada et al (2021)

Na imagem acima, observamos a expressão facial *mockery*, que no português é equivalente a deboche. Essa classificação, de início, não estava no reconhecimento facial, mas foi caracterizada ao longo das análises do banco de imagens latino, por considerar que o movimento muscular no rosto (um sutil sorriso com uma movimentação dos lábios para o canto esquerdo da bochecha) é uma característica específica de falantes brasileiros.

Para validar os dados finais do banco de dados latino, as imagens passaram por um procedimento de *learning machine* para observar a matriz de confusão que possibilitou a validação de cada uma das expressões de raiva, nojo, medo, felicidade, deboche, neutra, tristeza e surpresa (entre 75% e 25% de acerto). Segue a estrutura final da amostragem:

EMOÇÃO	SUBAMOSTRA BRASILEIRA	SUBAMOSTRA COLOMBIANA
Raiva	37 (21M, 16H)	36 (15M, 21H)
Deboche	55 (32M, 25H)	44 (14M, 25H)
Nojo	42 (24M, 18H)	45 (16M, 29H)
Medo	34 (21M, 13H)	31 (12M, 19H)
Felicidade	57 (35M, 22H)	47 (21M, 26H)
Tristeza	39 (21M, 18H)	30 (10M, 20H)
Surpresa	50 (28M, 22H)	42 (19M, 23H)
Neutra/Descanso	44 (25M, 18H)	34 (13M, 21H)

Quadro 5: Número de imagens compostas pelo dataset latino
Fonte: Tejada et al (2020)

Para o procedimento de reconhecimento dos músculos dos rostos, utilizamos o OpenFace (GitHub "OpenFace v. 2.2.0", do usuário do GitHub Tadas Batrusaitis: github.com/TadasBaltrusaitis/OpenFace), que extrai características relevantes das faces dos participantes do estudo para alimentar o classificador das expressões faciais.

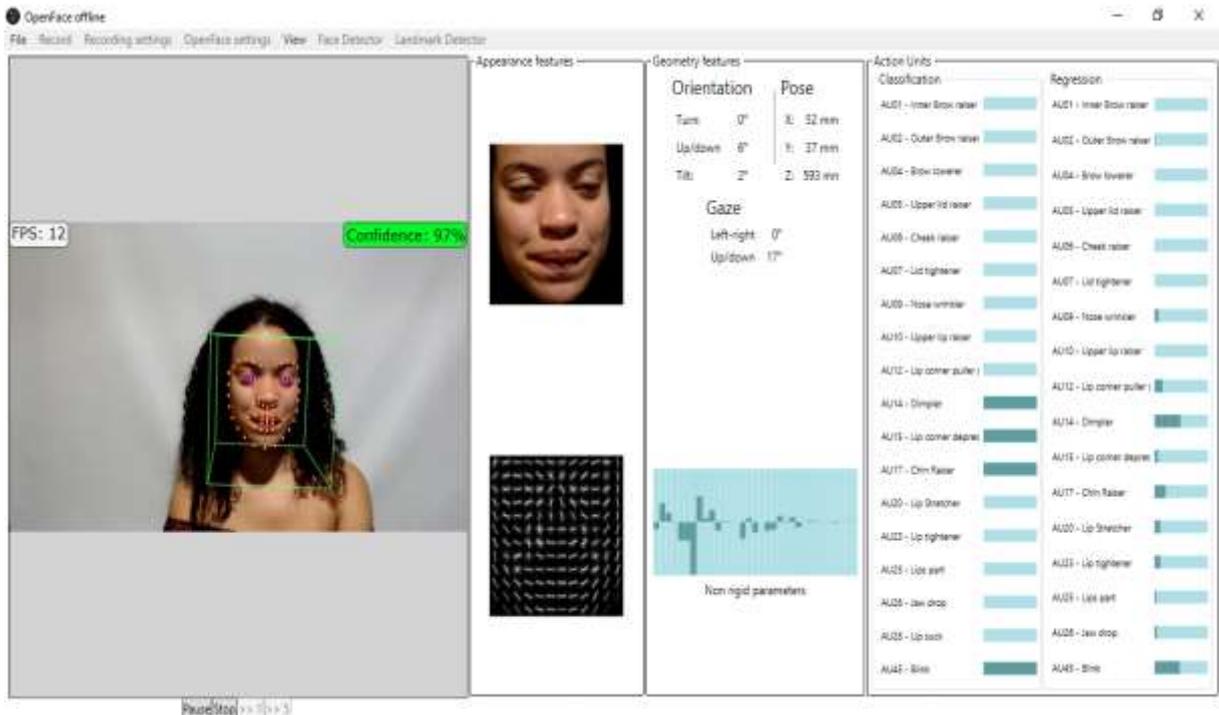


Figura 11: Segmentação dos pontos fixos para classificação do *OpenFace*
Fonte: Elaboração própria (2021)

Para o reconhecimento e classificação das expressões utilizamos como referência imagens de informantes brasileiros e colombianos, classificadas por professores universitários da área das ciências humanas por meio de uma *survey* online (TEJADA et al, 2020) e separadas nos arquivos “Train_Brazil.npy” e “Train_Colombia.npy”. Cada arquivo possui um correspondente para o procedimento de *machine learning* nomeado “Train_Brazil_labels.npy” e “Train_Colombia_labels.npy”, que contém imagens na seguinte ordem:

0. raiva;
1. deboche;
2. nojo;
3. medo;
4. felicidade;
5. neutra;
6. tristeza;
7. surpresa.

A fim de classificar cada expressão facial, utilizamos um algoritmo que passou por diversos testes para que soubéssemos:

1. Qual recurso ou combinação de recursos fornecidos pelo OpenFace produziria os melhores resultados em termos de classificação precisa das expressões;
2. Quais valores de parâmetros deveríamos utilizar para o classificador.

Após validarmos esse algoritmo, elaboramos um classificador com a biblioteca Python de *machine learning* sk-learn (do sci-kit), no modelo do *Support Vector Classification* (SVC). Para treinarmos esse classificador submetemos o banco de dados brasileiro ao OpenFace, que gerou 8 arquivos csv, um para cada emoção. Esses mesmos arquivos continham parâmetros de marcos faciais, informações bi e tridimensionais da cabeça do informante, estimativas da direção do olhar e as FACS. Todos os arquivos csv foram convertidos em *pandas dataframes* para agruparmos os dados nas seguintes categorias:

ATTR	INTERVAL
gaze:	gaze_0_x to gaze_angle_y
eye landmarks 2D:	eye_lmk_x_0 to eye_lmk_y_55
eye landmarks 3D:	eye_lmk_X_0 to eye_lmk_Z_55
head pose (no rotation):	pose_Tx to pose_Tz
head pose (rotation):	pose_Rx to pose_Rz
face landmarks 2D:	x_0 to y_67
face landmarks 3D:	X_0 to Z_67
poses 1:	p_scale to p_ty
poses 2:	p_0 a p_33
fac:	AU01_r to AU45_c

A partir dessas informações, criamos um dataframe com os rótulos das 8 emoções elencadas na classificação. Por exemplo, se o arquivo "raiva.csv" teve 50 entradas, criamos 50 entradas no dataframe "rótulos" com valor 0 (que é o valor correspondente à raiva no modelo adotado). Esse procedimento possibilitou que tivéssemos um número x de 1's, onde x foi o número de entradas do próximo arquivo csv. Depois, dividimos os resultados em um conjunto de treinamento e outro de teste, com uma proporção de 80/20, respectivamente. Essa proporção é uma prática comum em *machine learning*. Para evitarmos distorções no algoritmo, a amostragem de quais entradas foram para os conjuntos foi aleatória. Com a organização dos "rótulos das emoções", inicializamos um classificador SVC e o alimentamos com os conjuntos de dados mencionados anteriormente. Criamos uma matriz de confusão para registrar e medir

os resultados do treinamento e os plotamos em um mapa de calor (usando matplotlib), que indicou que o parâmetro que produziu melhores resultados foi a categoria "FACS" (colunas "AU01_r" a "AU45_c" nos arquivos csv criados pelo OpenFace). Por isso, somente ela foi utilizada na classificação dos frames das entrevistas sociolinguísticas que compõem a nossa amostra.

4.3.4 FATORES LINGUÍSTICOS

Para nossos fatores linguísticos, escolhemos como variável dependente a *morfologia do diminutivo*. Essa variável é complexa, pois envolve critérios estruturais e subjetivos. Com a revisão de estudos sobre o diminutivo (cf. capítulo 02), observamos que os usos associados a esses itens lexicais podem ser divididos em dois tipos: lexicalizados e afetivos. A partir dessa classificação, escolhemos também transformar a apreciação (positiva ou negativa) atribuída para o diminutivo junto com a classificação do diminutivo (lexicalizado ou afetivo) em uma variável dependente. Esse procedimento foi feito para conseguirmos verificar se existe associação entre o julgamento subjetivo do analista (avaliação dos diminutivos feita caso a caso do) com as expressões faciais (raiva, nojo, medo, felicidade, deboche, neutra, tristeza e surpresa) que serão utilizadas na análise dos falantes no momento das entrevistas.

Para implementarmos a ampliação do controle de pistas linguísticas e paralinguísticas associadas ao significado do diminutivo, essa divisão entre as variáveis foi necessária para atender a propósitos diferentes em nossa análise (retomaremos essa questão na apresentação dos resultados – cf. capítulo 04).

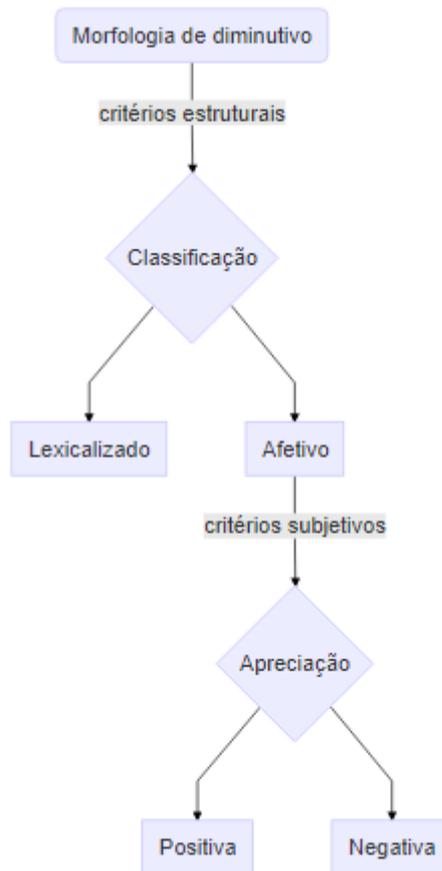


Figura 12: Fluxograma da variável dependente morfologia do diminutivo

Fonte: Elaboração própria (2021)

A seguir, apresentamos as variáveis independentes. Como a variável dependente apresenta dois níveis, dividimos as variáveis independentes em dois grupos para atender a perguntas específicas sobre a morfologia do diminutivo: i) variáveis estruturais (sufixo, segmento final da base, extensão silábica, classe) e prosódicas (duração, frequência fundamental e intensidade) tem associação com o tipo de diminutivo (lexicalizado ou afetivo)? ii) variáveis estilísticas e emocionais (tópico discursivo e envolvimento do falante) tem associação com o tipo de apreciação (positiva ou negativa)?

4.3.5 Variáveis estruturais

Controlamos as variáveis estruturais (sufixo, segmento final da base morfológica, tonicidade, extensão silábica e classe) como variáveis independentes em relação à variável dependente tipo de diminutivo (lexicalizado ou afetivo).

4.3.5.1 *Sufixo*

Estudos anteriores sobre diminutivo tomam o sufixo como variável dependente. Mas, como dito anteriormente (cf. capítulo 02), nosso caminho de análise parte do item lexical para explicar o significado do diminutivo. Os níveis da variável são:

- a) Sufixo: [x-inho];
- b) Sufixo: [x-zinho].

Existe associação entre o sufixo e o tipo de diminutivo (lexicalizado ou afetivo)? A H_0 é que não há associação entre as variáveis e H_1 é que há associação entre as variáveis. A H_1 segue resultados de estudos com os sufixos (MORENO, 1997; COSTA, 2002; VILLALVA, 2014; TEIXEIRA, 2008; BARBOSA; FREITAS, 2014).

4.3.5.2 *Segmento final da base*

A combinação entre o segmento final da base + afixo está relacionada, diretamente, a traços fonéticos e sintáticos da base primitiva do diminutivo. O uso de [x-inho] e [x-zinho] é condicionado pela sequência de segmentos da última sílaba da base (COSTA, 2002; TEXEIRA, 2008; BARBOSA; FREITAS, 2014).

Os níveis da variável são:

- a) vogais média-baixa (ε, o): (pé – *pezinho* / só – *sozinho*);
- b) vogais média-alta (e, o): (cidade – *cidadezinha* / direito – *direitinho*);
- c) consoantes: (bar – *barzinho* / final – *finalzinho*).

Com isso, lançamos a pergunta: existe associação entre o segmento final da base e o tipo de diminutivo (se é lexicalizado ou afetivo)? A H_0 é que não há associação entre as variáveis e H_1 é que há associação entre as variáveis.

4.3.5.3 *Tonicidade*

A tonicidade é o fator condicionador mais forte nos usos dos sufixos [x-inho] e [x-zinho] nos diminutivos (BISOL, 1992; 2010; LEE, 1995; 1999; 2013). Os níveis da variável são:

- a) oxítona (carregam o acento mais forte): (pé – *pezinho* / sol – *solzinho*);
- b) paroxítona (antecedem o acento tônico): (quarto – *quartinho* / bala – *balinha*);
- c) proparoxítona (sucedem o acento tônico): (lâmpada – *lampadazinha* / câmera – *camerazinha*).

Existe associação entre a tonicidade e o tipo de diminutivo (se é lexicalizado ou afetivo)? A H_0 é que não há associação entre as variáveis e H_1 é que há associação entre as variáveis.

4.3.5.4 Extensão silábica

A extensão silábica é outra variável independente para a distribuição de [x-inho] e [x-zinho] nos diminutivos (BARBOSA; FREITAS, 2014). Os níveis da variável são:

- a) uma sílaba: (pé – *pezinho* / sol – *sozinho*);
- b) duas sílabas: (festa – *festinha* / trauma – *traumazinho*);
- c) três ou mais sílabas: (popular – *popularzinha*, qualidade – *qualidadezinha*).

Existe associação entre a extensão da sílaba e o tipo de diminutivo (se é lexicalizado ou afetivo)? A H_0 é que não há associação entre as variáveis e H_1 é que há associação entre as variáveis.

4.3.5.5 Classe

A classe gramatical é fator condicionador para a distribuição dos diminutivos, e a ds nomes é a mais produtiva para as formas [x-inho] e [x-zinho] (TEIXEIRA, 2008; BARBOSA; FREITAS, 2013). Os níveis da variável são:

- a) nomes: (caderno – *caderninho* / quieto – *quietinho*);
- b) outras classes: (pouco – *pouquinho* / todo – *todinho* / décimo – *decimozinho* / correndo – *correndinho* / conferido – *conferidinho*).

Existe associação entre a classe morfológica e o tipo de diminutivo (se é lexicalizado ou afetivo)? A H_0 é que não há associação entre as variáveis e H_1 é que há associação entre as variáveis.

4.3.6 Variáveis Estilísticas

As variáveis estilísticas controladas são o tópico discursivo e o envolvimento, que foram cotejadas à variável dependente tipo de apreciação (positiva ou negativa).

4.3.6.1 *Tópico discursivo*

O grau de familiaridade com o tópico discursivo (o assunto que se está falando) pode contribuir para uma análise da dimensão estilística da fala (PODESVA, 2008; FREITAG, 2013; FREITAG, 2015). A organização do tópico discursivo tem como parâmetro o roteiro de entrevistas dividido em tópicos de assuntos desenvolvido para as gravações das entrevistas sociolinguísticas. Os níveis da variável são:

- a) Educação;
- b) Família;
- c) Infância;
- d) Lazer;
- e) Questões de gênero;
- f) Segurança pública;
- g) Atendimento médico;
- h) Percepção linguística.

Existe associação entre o tópico discursivo e o tipo de apreciação (positiva ou negativa)? A H_0 é que não há associação entre as variáveis e H_1 é que há associação entre as variáveis.

4.3.6.2 *Envolvimento do falante*

O grau de envolvimento do falante está associado ao tópico discursivo (o assunto que se está falando), pois pode denotar uma relação à maior ou menor subjetividade com aquilo que está narrando, opinando ou reportando durante a sua fala na entrevista sociolinguística. Os níveis da variável são:

- a) maior envolvimento
- b) menor envolvimento

Existe associação entre o envolvimento e o tipo de apreciação (positiva ou negativa)? A H_0 é que não há associação entre as variáveis e H_1 é que há associação entre as variáveis.

4.3.7 FATORES PROSÓDICOS

A definição de prosódia envolve a descrição de características dinâmicas e temporais associadas a aspectos formais (LUCENTE, 2017, p. 10). Nesta abordagem, o conceito de entoação diz respeito ao uso de características fonéticas suprasegmentais que podem expressar significados pragmáticos no nível da sentença estruturada (LADD, 1996). Essas características ou componentes suprasegmentais são f_0 (frequência fundamental), intensidade e duração;

estes parâmetros correspondem a características de ordem física (fonética), dos fenômenos psicofísicos, de *pitch*, *loudness* e quantidade (LEHISTE, 1970; BARBOSA, 2012; LUCENTE, 2015). O controle destas variáveis independentes é associado ao tipo (lexicalizado ou afetivo) e à apreciação (positiva ou negativa) dos diminutivos.

4.3.7.1 *Duração*

A duração pode ser compreendida tanto efeito perceptivo como efeito físico do tempo do enunciado. Assim, compreendida tanto no domínio propriamente lexical como no domínio não lexical ou pós-lexical (HENRI; DI CRISTO, 1998). Para a nossa análise, apresentamos a duração como efeito físico: A duração se refere às unidades linguísticas que estruturam a informação prosódica dos enunciados BARBOSA, 2019, p. 24). A duração é assumida como variável preditora na variável resposta (o tipo de diminutivo, selexicalizado ou afetivo). Existe associação entre a duração e o tipo de diminutivo (lexicalizado ou afetivo), e entre a duração e a apreciação (positiva ou negativa)? A H_0 é que não há efeito entre as variáveis e H_1 é que há efeito entre as variáveis.

4.3.7.2 *Intensidade*

A intensidade diz respeito à proeminência de uma sílaba ou palavra marcada em um determinado segmento e medida em decibéis (dB). A intensidade máxima, mínima ou a média entre as duas correspondem à sensação psicofísica denominada *loudness* (corresponderia a sensação da produção de um som forte ou fraco). A proeminência é detectada pela ênfase que o falante atribui a um determinado segmento no fluxo da fala (LEHTO, *et al*, 2003; BARBOSA, 2012; BOREGO; BEHLAU, 2012). Existe efeito entre a intensidade e o tipo de diminutivo (se é lexicalizado ou afetivo), entre a intensidade e o tipo de apreciação (positiva ou negativa)? A H_0 é que não há efeito entre as variáveis e H_1 é que há efeito entre as variáveis.

4.3.7.3 *Frequência fundamental*

A frequência fundamental (doravante f_0) é medida em Hz (Hertz) e definida pelo número de vezes por segundo que as pregas vocais completam um ciclo de vibração (BOTINIS, *et al*, 2011). A sensação de *pitch* (termo utilizado para evitar a ambiguidade com a palavra altura) é controlado pelo parâmetro físico da frequência, isto é, “correlato acústico da frequência da vibração das pregas vocais” (BARBOSA, 2012, p. 20). Existe efeito entre a frequência fundamental e o tipo de diminutivo (se é lexicalizado ou afetivo), e entre a frequência

fundamental e a apreciação (positiva ou negativa)? A H_0 é que não há efeito entre as variáveis e H_1 é que há efeito entre as variáveis.

4.3.8 FATORES PARALINGUÍSTICOS: EXPRESSÕES FACIAIS

Com os resultados gerados das FACS, transformamos os valores dos maiores picos de intensidade dos segmentos dos diminutivos para analisar de forma qualitativa a mudança no padrão das expressões faciais dos falantes no momento da produção dos diminutivos. No procedimento, os valores foram gerados em uma escala de 01 a 07 correspondendo às movimentações musculares do rosto dos participantes. Com eles, desenvolvemos um *script* na plataforma R (TEAM CORE, 2018) para gerar gráficos com o pacote *ggplot2* com as curvas medidas

- | | |
|--------------|--------------------|
| a) peaks_e-0 | |
| b) peaks_e-1 | i) max_amplitude_0 |
| c) peaks_e-2 | j) max_amplitude_1 |
| d) peaks_e-3 | k) max_amplitude_2 |
| e) peaks_e-4 | l) max_amplitude_3 |
| f) peaks_e-5 | m) max_amplitude_4 |
| g) peaks_e-6 | n) max_amplitude_5 |
| h) peaks_e-7 | o) max_amplitude_6 |

Com os gráficos referentes as probabilidades das expressões faciais, podemos realizar uma análise descritiva das mudanças nas expressões dos falantes durante a realização dos diminutivos e o efeito gatilho do estímulo linguístico relacionando ao tipo de apreciação (positiva ou negativa) correspondente às emoções básicas.

4.3.9 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Definido o tratamento em relação aos dados e a apresentação das variáveis, codificamos e construímos nosso banco de dados. Nas 30 entrevistas sociolinguísticas que analisamos, foram identificadas 241 observações de diminutivos codificadas e classificadas a partir de tipo (lexicalizado ou afetivo) e apreciação (positiva ou negativ), quanto aos condicionadores base, sufixo, tonicidade, extensão, classe, tópico discursivo, envolvimento, média de duração, de frequência fundamental, intensidade, para análise quantitativa, e picos e as amplitudes dos movimentos musculares dos falantes referentes aos segmentos dos diminutivos para a análise qualitativa.

Após a codificação, organização e estruturação do banco de dados, fizemos uma nuvem de palavras com todas as ocorrências da amostra para ilustrar a frequência dos

diminutivos mais recorrentes por meio do *word clouds*¹³. Para o tratamento estatístico da amostra, realizamos dois tipos de análises. Primeiramente, realizamos uma análise estatística descritiva e inferencial para identificar a distribuição da variável dependente (morfologia do diminutivo – tipo de diminutivo e o tipo de apreciação) em relação às variáveis estruturais (base morfológica, sufixo, tonicidade, extensão, classe) e variáveis estilísticas (tópico e envolvimento), apresentadas em forma de tabelas de contingência. A análise inferencial foi realizada com teste de associação de *qui-quadrado* e teste exato de *fisher* (como o número de observações da nossa amostra foi reduzida). A força da associação foi medida pelo V^2 de Crammer, que varia entre 0 a 1 em que:

- (i) 1 representa o nível mais forte de associação;
- (ii) 0 o nível mais fraco de associação;
- (iii) a escala entre 0 a 1 representa um contínuo entre os níveis mais fraco até o mais forte de associação (FREITAG, 2020).

Assumimos para os testes estatísticos o valor de alfa de $p < 0.05$ (5%), como um valor predeterminado (se repetirmos o teste 100 vezes, haverá cinco chances de vezes em que o resultado pode ser diferente). Por uma questão de replicabilidade do banco de dados, optamos em descrever detalhadamente os procedimentos da construção estatística junto com os resultados e discussões dos dados. Todos os dados foram analisados na plataforma R (CORE TEAM, 2018), na interface RStudio. Para a estatística inferencial, utilizamos a função `sjt.xtab` do pacote *library* (`sjplot`) para o teste estatístico de *qui-quadrado* de *Pearson*. Para a construção do modelo de colinearidade, realizamos com a função `coline` do pacote *library* (`car`). Para as variáveis prosódicas, utilizamos o teste de ANOVA.

O reconhecimento das expressões faciais, os valores de intensidade e picos foram plotados em forma de gráficos, utilizando o pacote *ggplot2* (WILKINSON, 2005). Todo o conjunto de dados e os *scripts* de análises estão disponíveis em: <https://osf.io/4u6m9/>

¹³ Disponível em: <https://www.wordclouds.com/>

O caminho de análise adotado parte do item lexical para explicar o significado do diminutivo, uma vez que acrescentamos na nossa análise tanto as variáveis prosódicas (duração, intensidade e frequência fundamental) como as expressões faciais, a fim de mensurar seus efeitos no fenômeno do item lexical diminutivo. Mas, até chegar no conjunto de pistas linguísticas e paralinguísticas para captar o significado dos diminutivos, precisamos subdividir a análise para cotejar e lidar de forma mais específica com as variáveis. Para isto, realizamos inicialmente análises univariadas.

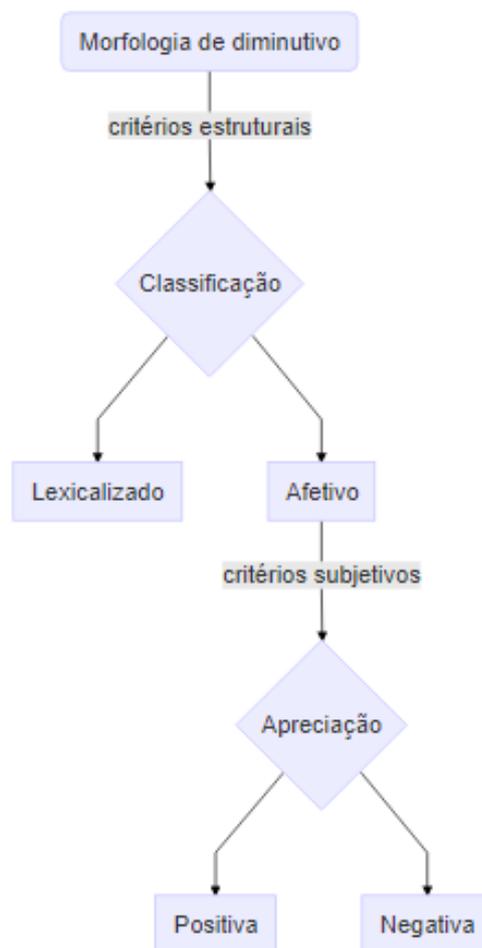


Figura 14: Fluxograma de análise da variável dependente da morfologia do diminutivo

Fonte: Elaboração própria

A descrição dos resultados começa com testes de associação entre a morfologia do diminutivo (se é lexicalizado ou afetivo) e as variáveis independentes linguísticas (sufixo, base morfológica, tonicidade, extensão, classe). Em seguida, observamos a associação feita entre a morfologia do diminutivo afetivo (se era positivo ou negativo) e as variáveis estilísticas (tópico

e envolvimento), com o acréscimo de uma análise qualitativa para as expressões faciais e os diminutivos afetivos.

5.1 VARIÁVEIS ESTRUTURAIS

Na tabela 1, identificamos que a maior distribuição de diminutivos afetivos aconteceu com sufixo [x-inho] (97.1%, 166/171), como, *bonitinho*, *safadinho*, ao passo que houve uma maior distribuição do sufixo [x-zinho] em ocorrências de diminutivos lexicalizados (51,4%, 36/70), como, *sozinho*, *barzinho*, essa diferença mostrou ser estatisticamente significativa ($\chi^2 = 79.368$, $df= 1$, $p < 0.001$) com associação mediana entre as variáveis ($V^2= 0.586$).

<i>sufixo</i>	<i>classificação</i>		<i>Total</i>
	afetivos	lexicalizados	
[x-inho]	166 97.1 %	5 2.9 %	171 100 %
[x-zinho]	34 48.6 %	36 51.4 %	70 100 %
<i>Total</i>	200 83 %	41 17 %	241 100 %

$\chi^2=79.368 \cdot df=1 \cdot \text{Cramer's } V=0.586 \cdot p=0.000$

Tabela 1: Sufixo e a classificação dos diminutivos
Fonte: Elaboração própria (2021)

Essa distribuição sugere que os sufixos [x-inho] e [x-zinho] possuem comportamentos fonológicos e morfológicos diferenciados (MORENO 199; COSTA, 2020). Diante disso, não podemos afirmar que, nessa amostra analisada, a distribuição entre lexicalizados e afetivos foi organizada de maneira complementar, como alguns estudos sobre diminutivos apontam (BISOL, 2010). Neste caso, parece que [x-inho] e [x-zinho] não são alomorfes, pois quase nenhuma ocorrência recebeu [x-inho] ou [x-zinho]. Independentemente das terminações da palavra ou do acento da base, a única ocorrência que aconteceu foi *melhorinha/melhorzinha*.

Na tabela 2, os diminutivos afetivos ocorrem em contextos relacionados à base com vogal média alta (95,9%, 185/193), como, *perto/pertinho*, *alvo/alvozinho*, ao passo que diminutivos lexicalizados ocorreram em base com vogal média baixa (95,2%, 20/21), *pé/pezinho*, *só/sozinho*, enquanto a finalização da base morfológica com consoante indica

diminutivo afetivo, por exemplo, *gay/gayzinho*, como lexicalizado, *bar/barzinho*. Essa diferença mostrou ser significativa estatisticamente ($\chi^2 = 132.194$, $df= 2$, $p < 0.001$) com associação forte entre as variáveis ($V^2= 0.741$).

<i>base morfológica</i>	<i>classificação</i>		<i>Total</i>
	afetivos	lexicalizados	
Consoantes	14 51.9 %	13 48.1 %	27 100 %
vogal média alta	185 95.9 %	8 4.1 %	193 100 %
vogal média baixa	1 4.8 %	20 95.2 %	21 100 %
<i>Total</i>	200 83 %	41 17 %	241 100 %

$$\chi^2=132.194 \cdot df=2 \cdot Cramer's V=0.741 \cdot Fisher's p=0.000$$

Tabela 2: Terminação da base morfológica e classificação dos diminutivos

Fonte: Elaboração própria (2021)

A distribuição dos resultados sugere que a classe temática é o fator mais preponderante na escolha entre diminutivos afetivos e lexicalizados. A escolha pelo segmento final parece ser fortemente potencializada pela existência de um segmento temático foneticamente identificável. As classes temáticas de tema com vogais médias-alta (*certinho*, *nomezinho*, *cantinho*) tendem a não se aproximar das palavras atemáticas (*cafézinho*, *sofázinho*, *pézinho*, *vózinha*), enquanto as classes temáticas de tema \emptyset (*mulherzinha*, *barzinho*) parecem ser indistintas para os diminutivos lexicalizados ou afetivos.

Ao identificar essa distribuição regular, em situações de fala espontânea parece que o diminutivo afetivo não se liga a uma palavra, mas sim ao radical e, por sua vez, o diminutivo lexicalizado liga-se a uma base já dotada de marcador e flexionada, assim como acontece em outros estudos sobre diminutivos no português brasileiro (LEE, 1995; MORENO, 1997).

Na tabela 3, os diminutivos afetivos ocorreram em maior distribuição na posição paroxítona (97,9%, 189/193), como, *lojinha*, *livrinho*, enquanto os diminutivos lexicalizados ocorreram em posição oxítona (77,1%, 37/48), como *prezinho*, (jardim de infância). Essa diferença mostrou ser significativa do ponto de vista estatístico ($\chi^2 = 147.930$, $df= 1$, $p < 0.001$) com associação forte entre as variáveis ($V^2= 0.797$).

<i>tonicidade</i>	<i>classificação</i>		<i>Total</i>
	afetivos	lexicalizados	
oxítona	11 22.9 %	37 77.1 %	48 100 %
paroxítona	189 97.9 %	4 2.1 %	193 100 %
<i>Total</i>	200 83 %	41 17 %	241 100 %

$$\chi^2=147.930 \cdot df=1 \cdot \text{Cramer's } V=0.797 \cdot \text{Fisher's } p=0.000$$

Tabela 3: Tonicidade da base morfológica e a classificação dos diminutivos
Fonte: Elaboração própria (2021)

Ao observar os diminutivos afetivos e lexicalizados, identificamos que a distribuição desses usos parece estar condicionada pelo padrão acentual da língua, como também ocorre com os sufixos [x-inho] e [x-zinho] (BISOL, 1992; 2010; LEE, 1992; 1999). As palavras com acento na última sílaba (oxítonas) tendem a ocorrer em diminutivos lexicalizados e há uma recorrência na escolha do sufixo [x-zinho], porque esse ambiente não possui vogal temática: a vogal final do vocábulo (como em vogais médias-baixas e consoantes) faz parte da base derivacional, por isso não desaparece ao acrescentar o sufixo na palavra, como já previsto outros trabalhos (BISOL, 1992; MENUZZI, 1993). No caso das paroxítonas, houve maior recorrência nos diminutivos afetivos pelo fato de haver preferência pelo sufixo [x-inho].

Na tabela 4, a distribuição entre a extensão da base morfológica e a classificação dos diminutivos também mostrou ser significativa estatisticamente ($\chi^2 = 149.997$, $df= 1$, $p < 0.000$). Na amostra analisada, diminutivos afetivos ocorreram em extensão com base de duas ou mais sílabas (96,1%, 195/203), enquanto os diminutivos lexicalizados aconteceram em extensão de uma sílaba (86.8%, 33/38).

<i>extensão</i>	<i>classificação</i>		<i>Total</i>
	afetivos	lexicalizados	
duas ou mais sílabas	195 96.1 %	8 3.9 %	203 100 %
uma sílaba	5 13.2 %	33 86.8 %	38 100 %
<i>Total</i>	200 83 %	41 17 %	241 100 %

$$\chi^2=149.997 \cdot df=1 \cdot \text{Cramer's } V=0.804 \cdot \text{Fisher's } p=0.000$$

Tabela 4: Extensão da base morfológica e a classificação dos diminutivos

Fonte: Elaboração própria (2021)

Esses resultados convergem com os resultados de outros estudos que apontam que palavras com sufixo [x-zinho] são mais favoráveis a contextos monossílabos, ao passo que palavras com sufixo [x-inho] são mais condicionadas a contextos dissílabos, trissílabos ou polissílabos (BARBOSA; FREITAS, 2014). A recorrência é maior de diminutivos afetivos em base com extensão maior, enquanto os diminutivos lexicalizados acontecem em bases monossílabas. Talvez esse resultado se explique em razão do número de ocorrências de diminutivos lexicalizados na amostra analisada que foram em contextos atemáticos, salvo ocorrências como bicicleta de *rodinhas* e *cursinho* (pré-vestibular). De qualquer forma, observamos que o tipo do diminutivo (lexicalizado ou afetivo) também não altera a categoria sintática da base, nem mesmo sua estrutura argumental (VILLALVA, 2014).

Na tabela 5, independentemente da classificação, os diminutivos afetivos têm maior frequência em relação às porcentagens nos nomes (80,5%, 153/190) ao invés de outras classes de palavras (92,2% 47/51). Não houve diferença estatisticamente ($\chi^2 = 3.073$, $df= 1$, $p = 0.059$) com associação fraca entre as variáveis (0.126).

<i>classe</i>	<i>classificação</i>		<i>Total</i>
	afetivos	lexicalizados	
nome	153 80.5 %	37 19.5 %	190 100 %
outras classes	47 92.2 %	4 7.8 %	51 100 %
<i>Total</i>	200 83 %	41 17 %	241 100 %

$$\chi^2=3.073 \cdot df=1 \cdot \text{Cramer's } V=0.126 \cdot p=0.059$$

Tabela 5: Classe da base morfológica o e a classificação dos diminutivos

Fonte: Elaboração própria (2021)

Os resultados indicam que os diminutivos estão associados às diversas categorias gramaticais e possuem uma alta produtividade, como apontando por Villalva (2000). Neste caso, o meio mais produtivo de produzir diminutivo no português é relacionando os sufixos [x-inho] e [x-zinho] a uma base nominal (BISOL, 2010), havendo uma maior ocorrência nos contextos de nomes, como já previsto em estudos anteriores com os sufixos (SCHULTZ, 1997; BARBOSA; FREITAS, 2014).

Com a análise estatística inferencial, observamos que existe uma convergência entre os resultados de análises via sufixo para explicar o significado do diminutivo. As variáveis estruturais base morfológica, sufixo, tonicidade, extensão e classe têm associação estatisticamente significativa com a morfologia do diminutivo. Neste caso, para todas essas variáveis aceitamos a nossa hipótese alternativa (as variáveis estruturais estão associadas à morfologia do diminutivo). No entanto, ao verificar a colinearidade¹⁴, na tabela 7, os resultados sugerem uma convergência entre as variáveis estruturais na decisão de classificar o diminutivo em afetivo ou lexicalizado: há uma colinearidade entre o tipo de vogal finalizando a base morfológica + acento da palavra.

¹⁴ A colinearidade ocorre quando as variáveis explicativas (em nossa análise as variáveis estruturais) possuem uma alta correlação entre si. Essa correlação pode atrapalhar a análise e trazer complicações para a interpretação dos resultados. Por isso, antes de realizar uma regressão múltipla, ou modelos generalizados de efeitos mistos, ou uma ordenação canônica, é recomendado que faça um teste de correlação com as variáveis explicativas. Na análise, fizemos o teste de VIF (*Variance inflation factor*) em que se verifica e elimina a colinearidade da matriz de variáveis explicativas (IVAMOTO, 2020). Neste estudo, foi utilizado o pacote library (car) com a função coline na plataforma R (R CORE TEAM, 2018).

	GVIF	Df	GVIF ^{1/(2*Df)}
classe	1.620618	1	1.273035
extensão	3.769768	1	1.941589
tonicidade	6.128737	1	2.475629
base	7.155124	2	1.635514
sufixo	5.494391	1	2.344012

Tabela 6: Colinearidade entre as variáveis estruturais na classificação dos diminutivos

Fonte: Elaboração própria (2021)

- Há convergência entre base média-baixa ou consoante + oxítone para diminutivos lexicalizados (*barzinho, soquinho, prezinho*)
- Há convergência entre base média-alta + paroxítone para diminutivos afetivos (*pouquinho, paradinho, puxadinho, bonitinho*)
- Há convergência entre base consonantal + oxítone para diminutivos afetivos (*poczinha, gayzinho, “x”zinho*)

Chamamos atenção para os diminutivos lexicalizados, pois na nossa amostra ocorreram “falsos diminutivos” em contextos monossílabos oxítonos. Isso não significa que os diminutivos lexicalizados só podem acontecer nesse contexto específico, até porque temos palavras como *camisinha* (preservativo), *folhinha* (calendário), *coxinha* (tipo de salgado), *cebolinha* (hortaliça). Mas, talvez devamos considerar que em uma situação espontânea ou semi-espontânea (o caso das entrevistas sociolinguísticas) para os falantes produzirem um diminutivo lexicalizado não basta haver a soma entre o conteúdo do radical + o sufixo (como acontece com os afetivos), porque o processo da lexicalização vai além da junção entre a base morfológica + sufixo, pois se forma um terceiro conceito ou uma cristalização de um conceito para a palavra (ROCHA, VICENTE, 2016).

Por isso, os diminutivos lexicalizados só aparecem em situações bem específicas durante a entrevista sociolinguística. Assim como Mendes (2010) encontrou em uma amostra universitária as ocorrências de *barzinho* (o tipo de *pub*), *soquinho* (referência a isolado), *prezinho* (jardim de infância), em nossa amostra também encontramos essas ocorrências + *cursinho* (o curso para o pré-vestibular) e *carteirinha* (documento transporte público ou escolar). Esses diminutivos apareceram de forma específica nos assuntos de lazer, educação e perguntas de checagem.

Além dos aspectos estruturais que condicionam o uso de [x-inho] e [x-zinho] e, por conseguinte, a classificação dos diminutivos em lexicalizados e afetivos, é possível que nesse processo haja influência de parâmetros prosódicos. Na próxima subseção, discorreremos sobre eles.

5.2 VARIÁVEIS ESTILÍSTICAS

Entre as variáveis estilísticas, verificamos se a distribuição dos diminutivos afetivos é estatisticamente em relação ao tipo de apreciação (se é positiva ou negativa) em relação às variáveis estilísticas (tópico e envolvimento). Para isso, realizamos o teste de *qui-quadrado* de *Pearson* (χ^2).

Na tabela 9, a distribuição dos diminutivos por tópico discursivo aconteceu da seguinte maneira: os diminutivos com apreciação positiva tiveram maior distribuição de ocorrências quando o assunto era memórias de infância (24.4%) e educação (19.1%), ao passo que os assuntos envolvendo família (16.8%), lazer (16.8%) e percepção linguística (15.3%) obtiveram percentuais próximos. No que se refere aos diminutivos afetivos com apreciação negativa, as maiores ocorrências foram quando os assuntos envolviam educação (24.6%) e percepção linguística (20.3%), ao passo que os assuntos envolvendo gênero (15.9%), família (13%) e saúde (11.6%) obtiveram frequências relativamente próximas. Houve diferença estatisticamente ($\chi^2 = 38.245$, $df = 7$, $p = 0.000$) com associação fraca entre as variáveis (0.437).

apreciação	tópico discursivo							Total	
	saúde	educação	família	infância	lazer	percepção linguística	gênero	assalto	
positiva	5 3.8 %	25 19.1 %	22 16.8 %	32 24.4 %	22 16.8 %	20 15.3 %	3 2.3 %	2 1.5 %	131 100 %
negativa	8 11.6 %	17 24.6 %	9 13 %	1 1.4 %	5 7.2 %	14 20.3 %	11 15.9 %	4 5.8 %	69 100 %
Total	13 6.5 %	42 21 %	31 15.5 %	33 16.5 %	27 13.5 %	34 17 %	14 7 %	6 3 %	200 100 %

$$\chi^2=38.245 \cdot df=7 \cdot \text{Cramer's } V=0.437 \cdot \text{Fisher's } p=0.000$$

Tabela 9: Diminutivos afetivos e o tópico temático

Fonte: Elaboração própria (2021)

Com esses resultados, observamos uma relação de maior ou menor grau de subjetividade em relação ao tipo de assunto relacionado à apreciação dos falantes nos

diminutivos. A infância (24.6%) se relevou um assunto que com maior recorrência de diminutivos afetivos, uma vez que os falantes recorrem as suas memórias afetivas para narrar ou descrever fatos de quando eram crianças. O assunto educação, tanto com apreciação negativa (24.6%) ou com apreciação positiva (19.1%), obteve uma distribuição de diminutivos alta na amostra. Esse resultado sugere que, pelo fato de a amostra ser universitária, os estudantes passaram mais tempo nesse tópico por causa do perfil de participantes que constituíram a amostra Deslocamentos (2020).

Na tabela 10, a distribuição entre os diminutivos afetivos ocorreu da seguinte forma: os diminutivos afetivos de apreciação positiva ocorreram em contextos de maior envolvimento (89.3%, 117/131) no momento da fala dos entrevistados, assim como os de apreciação negativa também ocorreram em contextos de maior envolvimento no momento da fala (73.9%, 51/69). Houve diferença estatisticamente ($\chi^2 = 6.870$, $df = 1$, $p = 0.009$) com associação fraca entre as variáveis (0.200).

<i>apreciação</i>	<i>envolvimento</i>		<i>Total</i>
	maior envolvimento	menor envolvimento	
positiva	117 89.3 %	14 10.7 %	131 100 %
negativa	51 73.9 %	18 26.1 %	69 100 %
<i>Total</i>	168 84 %	32 16 %	200 100 %

$$\chi^2 = 6.870 \cdot df = 1 \cdot \text{Cramer's } V = 0.200 \cdot p = 0.009$$

Tabela 10: Diminutivos afetivos e o envolvimento do falante
Fonte: Elaboração própria (2021)

Esses resultados sugerem que independentemente de a apreciação ser positiva ou negativa, os diminutivos ocorrem mais em contextos de maior envolvimento do informante com o que foi dito. Essa característica de envolvimento é uma variável subjetiva, que revela um estilo individual no momento de uso do diminutivo. Neste ponto, as análises das expressões faciais podem ajudar no desvelamento tanto do tópico discurso como do envolvimento do falante nos segmentos referentes à produção do diminutivo, contribuindo para uma análise estilística (PODESVA, 2008; FREITAG, 2013; 2015).

5.3 VARIÁVEIS PROSÓDICAS

Para verificar os efeitos das variáveis prosódicas de duração, frequência fundamental e intensidade, primeiro partimos para uma exploração dos valores dessas variáveis referentes às 241 observações da amostra. Por isso, extraímos os valores da média e desvio padrão em relação à classificação do tipo de diminutivo (se era lexicalizado ou afetivo):

classificacao	n	média duração	sd duração	média F0	sd F0	média intensidade	sd intensidade
afetivos	200	547525.2	281345.1	90006.54	10346.36	69757.32	4586.009
lexicalizados	41	522539.4	180936.0	87798.10	13473.18	70154.34	2421.877

Tabela 8: Médias e desvios padrão das variáveis prosódicas em relação à classificação dos diminutivos

Fonte: Elaboração própria (2021)

Posteriormente, realizamos uma análise de variância multifatorial (ANOVA MultiWay) para avaliar se o efeito das variáveis prosódicas era determinante na decisão de classificar o diminutivo em lexicalizado ou afetivo. Construímos esse modelo para observar a variância interna entre as variáveis preditoras em relação à variável resposta. Os efeitos da duração ($f(1, 239) = 0.30$, $p = 0.586$), da frequência fundamental ($f(1, 239) = 1.39$, $p = 0.240$) e intensidade ($f(1, 239) = 0.29$, $p = 0.591$) não diferenciaram entre os diminutivos afetivos ou lexicalizados. Tais resultados podem ser consequência da restrição da amostra (só houve apenas 241 ocorrências). Com isso precisamos ampliar e refinar melhor os dados para que possamos verificar evidências mais fortes interferência das variáveis prosódicas na classificação do diminutivo.

5.4 EXPRESSÕES FACIAIS E DIMINUTIVOS AFETIVOS

Para a análise das expressões faciais, desenvolvemos o reconhecimento facial dos rostos dos participantes a partir do protocolo desenvolvido utilizando o banco e o *script* de dados latino (TEJADA, et al, 2020). As análises foram realizadas a partir do conjunto de expressões faciais de Ekman e Friesen (1978) chamado *Facial Action Coding Systems (FACS)*.

Delimitado o banco de imagens para o reconhecimento facial, apresentamos nos resultados uma análise descritiva dos primeiros resultados do reconhecimento das expressões faciais no momento das produções dos diminutivos nas entrevistas sociolinguísticas. Neste primeiro momento, não tivemos como replicar o modelo para toda a mostra dada a dificuldade de organizar um script que possibilitasse analisar todas as ocorrências juntas. Também, a análise

descritiva primeiro é interessante, pois nos ajuda compreender o processo do padrão de mudança ocorrida nos segmentos dos diminutivos e a mudança do padrão exercida por causa do diminutivo.

Realizamos uma categorização a partir do estudo de Ekman (1992) que propõe uma identificação para raiva, nojo, medo, felicidade, tristeza, surpresa e deboche como emoções. A princípio essa classificação satisfaz a nossa análise descritiva, pois neste momento estamos em fase de testes em relação ao reconhecimento facial para depois construir um protocolo de sistematização sobre os usos dos diminutivos com apreciação positiva e negativa.

Consideramos, assim como aponta o próprio Ekman (1992), que existe uma questão de é que as expressões não serem finitas e podem indicar mais de um sentido, especificado pelo contexto, pois elas não têm um sinal distinto, embora compartilhem um traço do sorriso de *Duchenne* (nome dado pelo autor), que é caracterizado pelos lábios sorridentes (produção pelo músculo zigomático maior, mas esticando ao máximo os lábios inferiores e superiores). Para analisar os primeiros resultados do processamento dos vídeos e classificação do algoritmo sobre a intensidade das expressões faciais produzidas, essa classificação entre emoções positivas (alegria, felicidade, serenidade) e negativas (medo, tristeza, desgosto) propostas por Ekman (1992) satisfaz os primeiros interesses, considerando que dividimos a apreciação do diminutivo em positivo e negativo.

Para a análise das expressões faciais, escolhemos momentos de ocorrência de quatro diminutivos: dois itens lexicais (*pouquinho*) em um contexto de par mínimo, ou seja, concomitância das mesmas variáveis estruturais; e dois itens lexicais (*sotaquezinho* e *melhoradazinha*) em contextos aleatórios. Não controlamos o contexto de tópico discursivo; somente escolhemos duas ocorrências com apreciação positiva e duas ocorrências de apreciação negativa a partir da classificação subjetiva feita no momento do levantamento de dados. Com os valores dos picos e amplitudes geradas pelo OpenFace para descrever os movimentos dos músculos do rosto, criamos um *script* na plataforma R (CORE TEAM, 2018) para observar se houve uma mudança no padrão das expressões faciais durante a ocorrência do diminutivo. Os gráficos foram gerados com o pacote *ggplot2* (WILKINSON, 2005) com as curvas referentes às amplitudes e os picos da intensidade das emoções. A seguir, analisamos segmentos de trechos das entrevistas em que foram produzidos diminutivos.

No conjunto de gráficos referentes a cada diminutivo, cada gráfico corresponde à intensidade da emoção básica classificada pelo algoritmo com as AUs (*actions units*) a partir do movimento dos músculos do rosto durante a produção dos diminutivos. Os primeiros

resultados, em uma inspeção visual, sugerem que os falantes, ao realizarem os diminutivos, expressam algum tipo de expressão sem ser a de neutralidade.

O primeiro segmento corresponde ao momento da entrevista em que o tópico discursivo foi “perguntas de checagem” e o entrevistador perguntou qual o motivo da entrevistada escolher o campus São Cristóvão/SE da UFS (Universidade Federal de Sergipe) para realizar o seu curso.

DOCMS: E por que você escolheu vir pro campus daqui?

FRA3FF: aqui eu queria (...) um pouco egoísta falar mas eu queria sair de casa e eu era dependente dos meus pais... e eu queria sair pra crescer ter uma cabeça mais formada... e porque tipo lá também não tinha o curso que queria... lá tipo tinha o método PBL e eu não consegui me identificar... *e eu vim pra cá pra tentar a sorte um **pouquinho***

Nesse trecho, a avaliação de forma subjetiva que fazemos em relação ao trecho é de angústia e uma sensibilidade positiva, mas ao mesmo tempo negativa, pois revela angústia em relação à saída da participante da casa dos pais. Ela relata ao entrevistador o motivo de sair do interior de Sergipe para a capital Aracaju. No gráfico 01, o segmento “e eu vim pra tentar a sorte um...” corresponde aos frames 22080 a 22100 e o diminutivo “pouquinho” corresponde aos frames 22110 a 22120. Há uma distribuição uniforme no padrão dos movimentos musculares do rosto da participante, em que o classificador considerou como medo/desgosto no segmento todo.

Existe um franzimento do nariz, rebaixamento das sobrancelhas e erguimento das pálpebras inferiores padrão a todo momento. Porém, quando FRA3FF pronuncia *pouquinho* há uma mudança no padrão emocional: a curva do pico e amplitude que se mantinha em um padrão entre felicidade, deboche, medo e desgosto mudou. A curva de amplitude no padrão muscular de felicidade e deboche caiu consideravelmente, chegando a 0, enquanto a curva de tristeza (houve um abaixamento das extremidades dos lábios, elevação leve das bochechas e aperto dos olhos) subiu no gráfico chegando a 2.0. Essa mudança parece ter relação com a tristeza de ter deixado para trás sua terra, seus pais e se arriscar em um mundo desconhecido. A participante intensifica essa informação com *pouquinho* pelo fato de estar triste com a mudança de vida. O diminutivo *pouquinho* minimiza a tristeza sentida pela mudança de vida. Com isso, observamos como a excitação fisiológica externa uma reação individual relacionada às informações do meio social (SCHACHTER E SINGER, 1962).

O processo de avaliação dos diminutivos se relaciona com a produção das expressões faciais ao extrair informações dos eventos/situações comunicativas que provocam as emoções.

Por sua vez, as reações emocionais acontecem pelas interpretações que os indivíduos fazem sobre as palavras diminutivas. Neste ponto, “tanto a cognição quanto a excitação são consideradas condições necessárias para a ocorrência de um estado emocional ¹⁵” (REISENZEIN, 1983, p. 240).

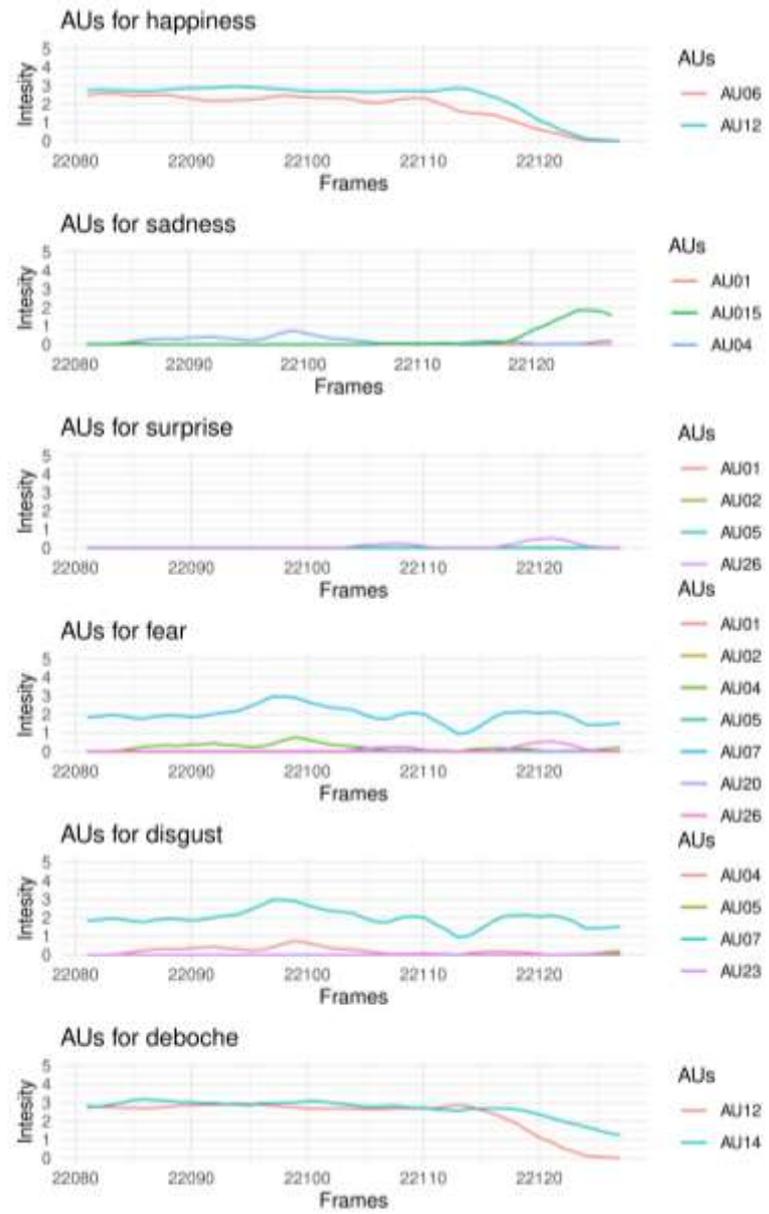


Gráfico 1: Probabilidade de expressões faciais do segmento “e eu vim pra cá pra tentar a sorte um pouquinho” do reconhecimento facial da falante FRA3FF

Fonte: Elaboração própria (2021)

¹⁵ “both cognition and arousal are considered necessary conditions for the occurrence of an emotional state”(REISENZEIN, 1983, p. 240)

O segundo segmento corresponde ao momento da entrevista em que o tópico discursivo foi “educação” e o entrevistador perguntou se a educação tem piorado ou melhorado ao longo dos anos:

DOCMS: você sempre estudou em escola pública né? *Ela (a educação) tem piorado ou melhorado ao longo dos anos?*

FRA3FF: *ela tem piorado um pouquinho né?* Eu acho que comparado aos nossos pais que estudaram pouco (hes) comparado com a educação deles eu acho que tem uma diferença

Nesse trecho, a avaliação de forma subjetiva que fazemos é de de sarcasmo, ou seja, uma apreciação negativa em relação à educação. A informante suaviza o fato de a educação ter piorado bastante, mas para não causar um impacto em relação ao entrevistador ela intensifica o trecho com um *pouquinho*. No gráfico 2, o segmento “ela tem piorado ou melhorado ao longo dos anos?” corresponde aos frames 3790 a 3810 e o trecho “ela tem piorado um pouquinho né” com o diminutivo correspondendo aos frames 3820 a 3840.

Há uma mudança no padrão emocional engatilhado pelo entrevistador quando pergunta a opinião da entrevistada sobre educação. O padrão das emoções se mantém quase nulo enquanto a pergunta não é feita e logo após o anúncio “ela tem piorado um *pouquinho* né” imediatamente há uma reação com o erguimento do músculo zigomático maior e um riso que vai dos lábios até as bochechas. A curva de amplitude de felicidade e deboche sobe até 3.0. Essa mudança rápida e inconsciente, e revela que as expressões oferecem informações tanto sobre o contexto que as antecede quanto o que as sucede (EKMAN, 1999).

Chamamos atenção para a expressão de deboche classificada pelo algoritmo. A curva do pico chega a quase 3.0. Essa expressão, no banco de dados de imagens de Tejada et al (2020), apresentou particularidades específicas entre os falantes brasileiros. O deboche é uma resposta negativa caracterizada por um sorriso sutil que indica discordância em relação a algo (FREITAG, et al, 2020). Essa mudança de padrão no gráfico 02 condiz com a avaliação subjetiva que fizemos de sarcasmo em relação ao diminutivo *pouquinho*, pois FRA3FF utiliza essa palavra para minimizar a situação sobre a educação do Brasil, que, segundo a entrevistada, comparada ao tempo dos pais, não teve uma mudança muito grande.

Com essa descrição, identificamos que a reação emocional acontece por estar associada ao processo de avaliação, bastante complexo, mas muito rápido: o diminutivo é o estímulo linguístico aplicado para sinalizar o sarcasmo, reforçado pela expressão facial de deboche. A mudança no padrão do segmento da fala teve início rápido, de curta duração e a avaliação foi automática (SHACHTER; SINGER, 1962; EKMAN, 1992; SCHERER, 2005).

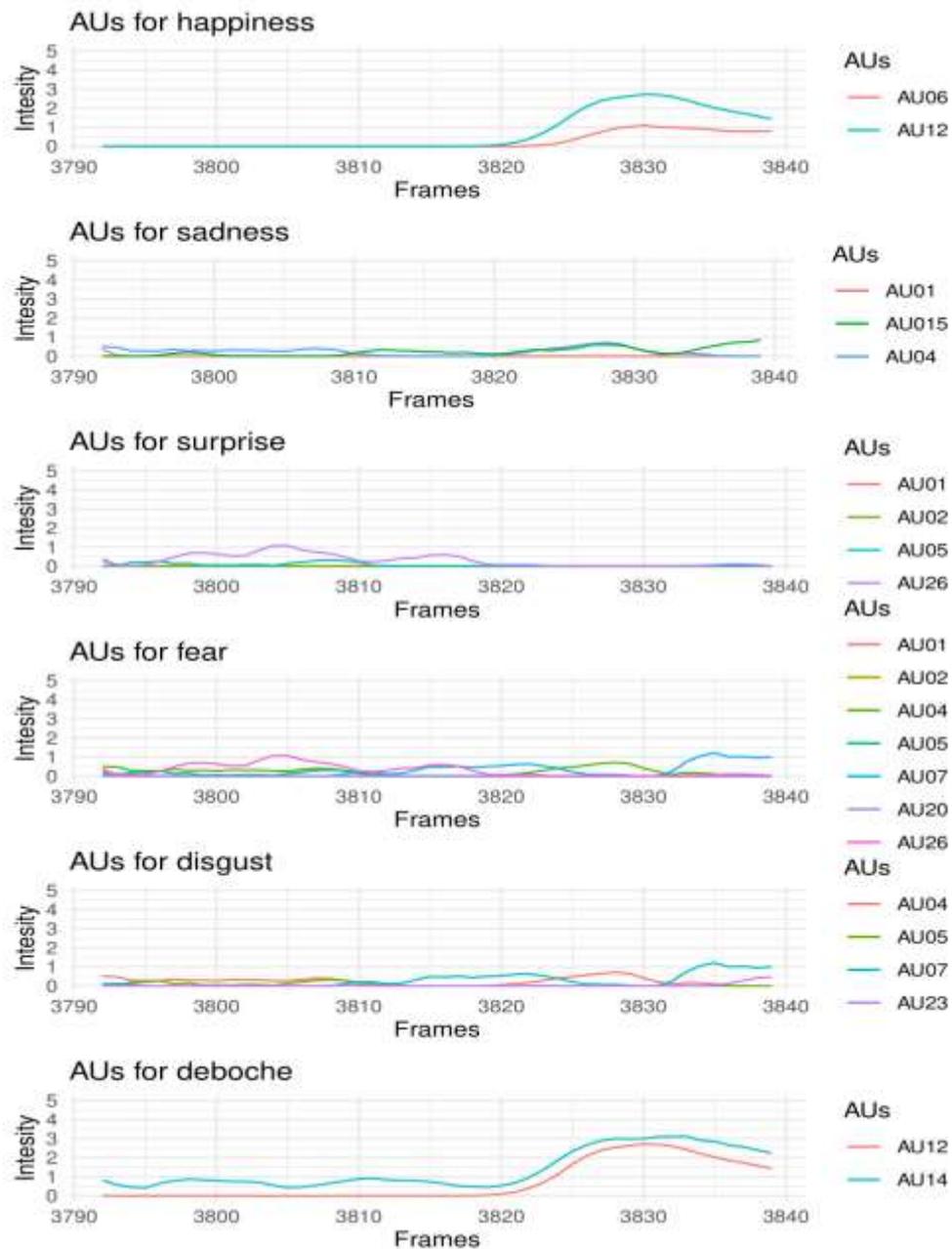


Gráfico 2: Probabilidade de expressões faciais do segmento “ela (a educação) tem piorado ou melhorado ao longo do tempo? ela tem piorado um pouquinho, né” do reconhecimento facial da falante FRA3FF

Fonte: Elaboração própria (2021)

O terceiro segmento corresponde ao momento da entrevista em que o tópico discursivo foi “percepção linguística” e o entrevistador perguntou o que a entrevistada considera que mais chama a atenção na “maneira de falar arrastado” de pessoas baianas.

DOCBP: e o que chama mais atenção nas pessoas que falam dessa maneira?

VAG2FF: *o que chama mais atenção? (...) Ahh... o sotaquezinho dessas pessoas*

Nesse trecho, a avaliação de forma subjetiva que fizemos em relação ao diminutivo é uma espécie de carinho e a sensibilidade que a entrevistada faz em relação ao sotaque soteropolitano (o falar arrastado). No gráfico 03, o segmento “o que mais chama atenção?” corresponde aos frames 66290 a 66310 e o segmento “Ahh... o *sotaquezinho* dessas pessoas” corresponde aos frames 66320 a 66330. A curva de amplitude de surpresa (houve uma abertura da boca) chegou a 2.0. Essa expressão não necessariamente foi engatilhada pelo diminutivo *sotaquezinho*, mas sim pelo período de processamento que a participante tem ao pensar uma característica em relação à fala arrastada de pessoas baianas. Ela repete o início da pergunta “o que chama mais atenção”, pensa e, ao lembrar, produz o diminutivo caracterizando de forma afetiva o falar soteropolitano, o que sugere que as expressões faciais podem desencadear padrões de ativação fisiológica específicas por envolver aspectos cognitivos e comportamentais (SACHARIN, SCHLEGEL, SCHERER, 2012).

Ressaltamos que, conforme Ekman (1992), surpresa se assemelha muito com a expressão de medo pelo fato de as pessoas realizarem uma abertura da boca e um enrugamento da testa. Essas características são comuns em expressões faciais com características negativas, como medo, nojo e tristeza. Por isso que, no gráfico 02, as curvas de amplitudes em relação a essas expressões apareceram, mas não tiveram nenhum pico emocional, ao passo que alegria e deboche obtiveram curva de amplitude 0 e nenhum pico emocional.

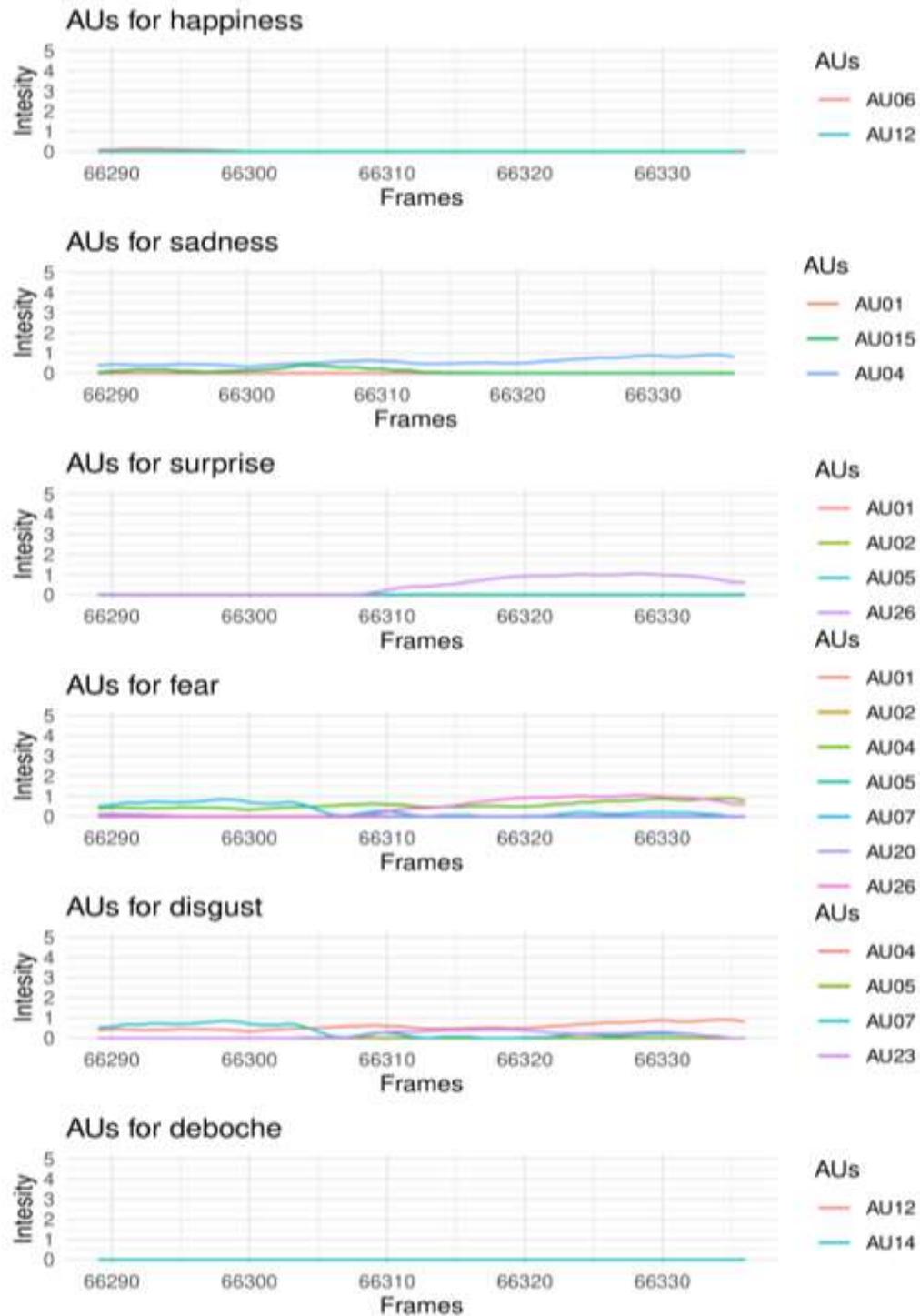


Gráfico 3: Probabilidade de expressões faciais do segmento “o que chama mais atenção? (...) Ahh... o sotaquezinho dessas pessoas” do reconhecimento facial da falante VAG3FF

Fonte: Elaboração própria (2021)

O quarto segmento corresponde ao momento da entrevista em que o tópico discursivo foi “percepção linguística” e o entrevistador perguntou se o modo de falar da entrevistada mudou quando entrou na Universidade.

DOCBP: você acha que seu modo de falar mudou depois que você entrou na universidade?

VAG2FF: muda sim... muda... assim... às vezes eu tento me policiar sobre falar um pouco melhor porque eu tô na universidade e também quando vai se apresentar dentro da sala para apresentar seminário tem que tá olhando... assim... já dei... *já dei uma melhoradazinha do primeiro período pra cá*

Nesse trecho, a avaliação de forma subjetiva que fizemos em relação ao diminutivo é de desprezo e a sensibilidade negativa que a entrevistada faz quanto ao seu modo de falar antes e depois de ter ingressado na universidade. No gráfico 03, o segmento “quando vai se apresentar dentro da sala para apresentar seminário tem que tá olhando... assim... já dei” corresponde aos frames 66350 a 66370 e o segmento “já dei uma *melhoradazinha* do primeiro período pra cá” corresponde aos frames 67380 a 67390.

No conjunto dos picos de expressões faciais no gráfico 4, identificamos que houve uma mudança no padrão dos movimentos dos músculos do rosto da participante quando pronunciou a palavra *melhoradazinha*. A expressão facial com maior pico de amplitude foi nojo (franzimento do nariz, rebaixamento das sobrancelhas, erguimento das pálpebras inferiores), chegando ao pico 3.0. Pelo conteúdo do excerto, a entrevistada relata seu descontentamento com o próprio modo de falar quando chegou à Universidade e o momento atual do curso. Como já mencionamos, a expressão de medo possui características em comum com onjo, por isso pico da amplitude em relação à emoção de medo pode ter sido elevado (3.0). Também, detectamos a expressão de deboche. Essa expressão condiz com o excerto selecionado em questão, pois a entrevistada realiza leves sorrisos durante esse trecho, como se estivesse debochando de si mesmo e realizando uma autocrítica em relação ao seu falar.

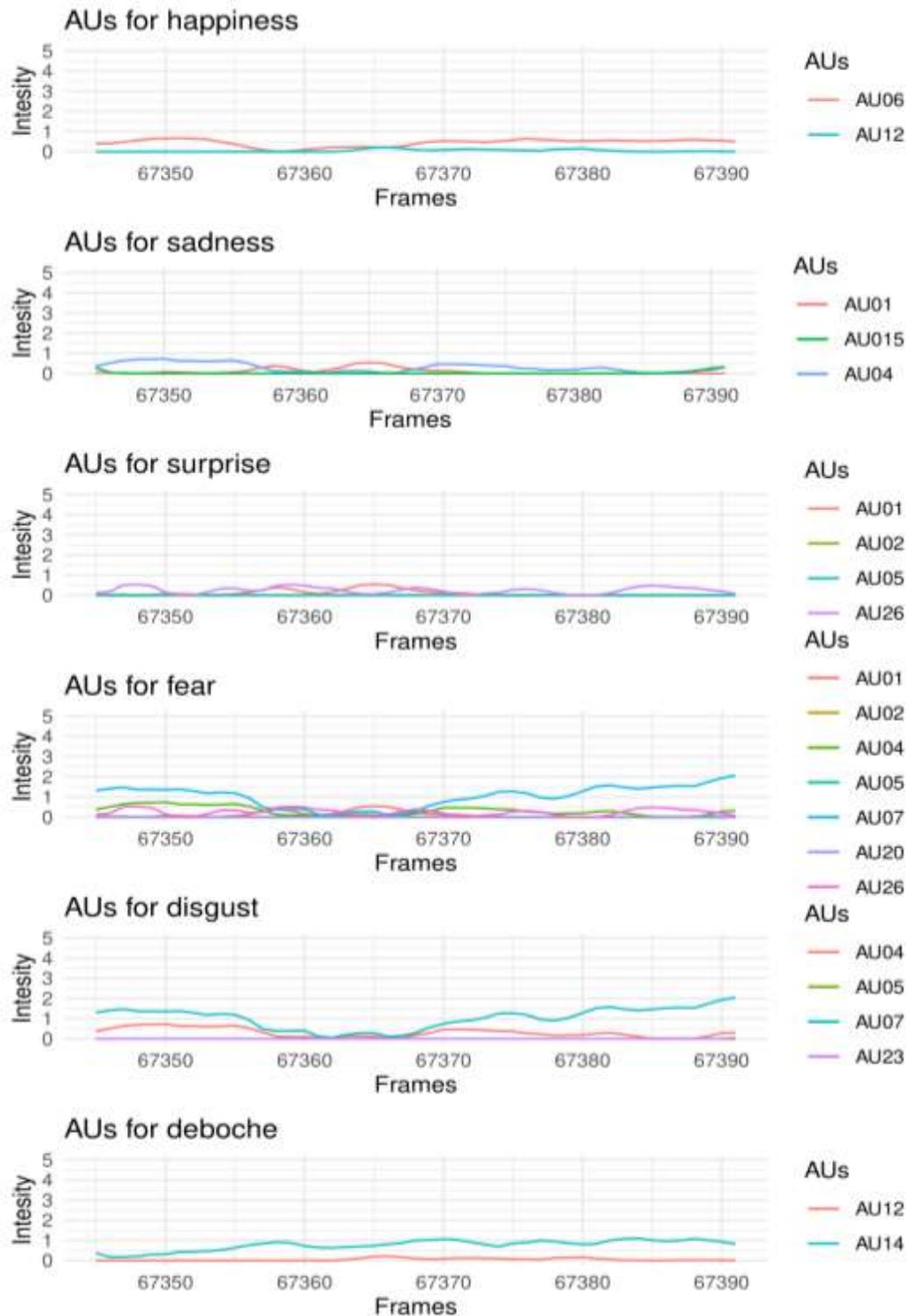


Gráfico 4: Probabilidade de expressões faciais do segmento “quando vai se apresentar dentro da sala para apresentar seminário tem que tá olhando... assim... já dei... já dei uma melhoradzinha do primeiro período pra cá” do reconhecimento facial da falante VAG3FF

Fonte: Elaboração própria (2021)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como propósito a ampliação do escopo de análise sobre o significado do diminutivo, tomando como direção não os sufixos, mas sim o tipo de classificação do diminutivo (se é afetivo ou lexicalizado) + o tipo de apreciação (positiva ou negativa). A junção entre o tipo de diminutivo e o tipo de apreciação foi o chamamos de *morfologia do diminutivo*. Geralmente, os estudos sobre o diminutivo partem do sufixo para explicar o significado desse fenômeno e as descrições linguísticas que recobrem variáveis semânticas são decorrentes da intuição e subjetividade do analista para avaliar os significados dos diminutivos, não prevendo sistematização nos usos.

Em uma amostra constituída do Banco de Fala Falares Sergipanos (FREITAG, 2013), analisamos 30 entrevistas sociolinguísticas documentadas em áudio e vídeo com estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe para identificar a associação entre os fatores estruturais (base morfológica, sufixo, extensão silábica, classe), estilísticos (tópico discursivo e envolvimento do falante), suprasegmentais (recursos prosódicos) e paralinguísticos (expressões faciais), ampliando o número de pistas linguísticas e paralinguísticas sobre a explicação sobre o significado dos diminutivos. Os resultados de análise inferencial permitiram demonstrar que existe uma associação entre as variáveis estruturais (base morfológica, sufixo, tonicidade, extensão silábica e classe morfológica) com a *morfologia do diminutivo* (tipo de diminutivo). Esses resultados convergem com os resultados de análises anteriores sobre o diminutivo em que partem do sufixo para explicar o significado dos diminutivos. Os testes de colinearidade entre as variáveis estruturais sugerem que existe uma forte correlação entre a base morfológica e o acento da palavra, indicando que existe um padrão regular convergente entre os ambientes morfofonêmicos para os diminutivos lexicalizados e os diminutivos afetivos no português.

Dentre as variáveis estilísticas, a análise inferencial sugere que existe uma associação entre o tópico temático (o tipo de assunto) e o envolvimento dos falantes na *morfologia do diminutivo* (tipo de apreciação). Independentemente de a apreciação ser positiva ou negativa, os diminutivos ocorrem com maior envolvimento do falante. Esses resultados ajudam a compreender a análise qualitativa das expressões faciais. Os falantes realizam algum tipo de expressão facial quando produzem os diminutivos, ou seja, tendem a não expressar um movimento neutro no momento da produção do segmento em que ocorre o diminutivo. Na análise descritiva/qualitativa do reconhecimento facial dos falantes, os primeiros resultados indicam uma relação entre a expressão facial do participante e a decisão do analista na escolha

do tipo de apreciação da sentença referente ao diminutivo produzido. Mas, para verificar essa questão categoricamente, é necessária uma testagem em larga escala para sistematizar as expressões faciais produzidas pelos falantes com a valoração do diminutivo.

7 REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Pai de Criança** – Papo de pai. Roteiro Baby Floripa. 2015. Disponível em: <https://roteirobabyfloripa.wordpress.com/2015/08/>. Acesso em 25 de maio de 2020.

ALVES, E. O diminutivo no português do Brasil: funcionalidade e tipologia. **Estudos Linguísticos**, Campinas, vol. 25, n. 1, p. 694-701, 2006.

ANDERSEN, P. A.; GUERRERO, L. K. **Handbook of communication and emotion: research, theory, applications and contexts** (org.). San Diego: Academic Press, 1998.

ANDERSON, S. R. Where's morphology?. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, vol. 13, p. 571-612, 1982.

ANTHONY, L. **Lawrence Anthony Website (AntConc)**. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/index.html>. Acesso em 16 de jan. 2019.

ARMELIN, P. R. G. **A relação entre Gênero e Morfologia Avaliativa nos Nominais do Português Brasileiro: Uma Abordagem Sintática da Formação de Palavras**. 2015. 247f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

ARNOLD, M. B. **Emotion and personality**. New York: Columbia University Press, 1960.

AVERILL, J. R. A constructivist view of emotion. In: PLUTCHIK, R.; KELLERMAN, H. (org.). **Emotion: theory, research and experience**. New York: Academic Press, 1980 (p. 305-339).

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARBOSA, P. A. Conhecendo a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, vol. 20, n. 1, p. 11-27, 2012.

BARBOSA, J. S. **Gramática Philosophica da Língua Portuguesa**. Lisboa: Typographia da Academia Geral de Ciências de Lisboa, 1822.

BARBOSA, M. F. M.; FREITAS, M. A. de. A distribuição e o uso dos diminutivos –inho e –zinho no português brasileiro: uma abordagem pela fonologia de uso. **DLCV**, João Pessoa, vol. 11, n. 1. 2014.

BARROS, J. de. **Grammatica da Língua Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1540.

BASÍLIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. e.d. São Paulo: Contexto, 2011.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

BAUER, L. Evaluative morphology: in search of universals. **Studies in Language**, Cambridge, vol. 21, n. 3, p. 533-575, 1997.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BISOL, L. O diminutivo e suas demandas. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, vol.26, n.1, p.59-83, 2010.

BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, vol. 23, p. 83-101, 1992.

BORREGO, M. C. M; BEHLAU, M. Recursos de ênfase utilizados por indivíduos com e sem treinamento de voz e fala. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, vol. 17, n.2, p. 216-24, 2012.

BOUCHER, J. D.; EKMAN, P. Facial areas and emotional information. **Journal of communication**, Oxford, vol. 25, n. 2, p. 21-29, 1975.

BRAKEL, A. Boundaries in a Morphological Grammar of Portuguese. **Word**, Cambridge, vol 32, p. 193-212, 1981.

BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**. Washington, vol. 82, n. 4, p. 711-733, 2006.

BYBEE, J. **Morphology**: a study of the relation between form and meaning. Amsterdam: Bejamins, 1985.

BYBEE, J; HOPPER, P. **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001.

CAMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA JÚNIOR, M. **História e estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CANNON, W. B. The James-lange theory of emotion: a critical examination and an alternative theory. **The American Journal of psychology**, Cambridge, vol. 100, n. 3/4, p. 567-586, 1987.

CARVALHO, M. C. G. **Sistematização funcional dos sufixos avaliativos no português do Brasil**. 2009. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 25. e. d. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

CHAVES, A. L. A. **O sufixo –inho nas entrevistas do VALPB – uma análise semântico-discursiva**. 2006. 78f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, 2006.

CORNELIUS, R. R. Theoretical approaches to emotion. **Speech and emotion**, Newcastle, vol. 5, n. 7, p. 1-8, 2000.

CORRÊA, T. R. S. **A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração**. 121f. Dissertação (mestrado em letras) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe, 2019.

COSTA, I. B. Processos morfofonológicos na morfologia derivacional. In: ILARI, R (org.). **Gramática do português falado**. 4. e. d. Campinas: Unicamp. 2002.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. **Nova gramática do Português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DARWIN, C. **The expression of the emotions in man and animals**. Chicago: University of Chicago, 1872.

EKAMN, P. An argument for basic emotion. **Cognition and emotion**, London, vol. 6, n. 3/4, p. 169-200, 1992.

EKMAN, P. About brows-emotional and conversation signals in human ethology. In: VON CRANACH, M.; FOPPA, K.; LEPENIES, W.; PLOOG, D. (orgs). **Human ethology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979 (p. 169-248).

EKMAN, P. Basic Emotions. In: DALGLEISH, T.; POWER, T. (orgs.). **The Handbook of cognition and emotion**, Sussex: John Wiley & Sons, 1999 (p. 45-60).

EKMAN, P. Facial expression of emotion. **American Psychologist**, Midwestern, vol. 48, p. 384-392, 1993.

EKMAN, P. Universal facial expressions of emotion. **California mental health research digest**, California, vol. 8, n. 4, p. 151-158, 1970.

EKMAN, P.; FRIESEN, W. V.; ELLSWORTH, P. **Emotion in the human face**. 2 e.d. New York, Cambridge University Press, 1982.

EKMAN, P.; FRIESEN, W.V. A new pan-cultural facial expression of emotion, **Motivation and Emotion**, São Francisco, vol. 10, n. 2, p. 159-168, 1986.

EKMAN, P.; FRIESEN, W.V. **Unmaking the face: a guide to recognizing emotions from facial clues.** New Jersey: Prentice Hall, 1975.

FELICE, L. da S. **Um estudo variacionista de z(inho) na cidade de Uberlândia.** 2011. 172f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2011.

FONSECA, P. J. da. **Rudimentos da grammatica portuguesa.** Lisboa: oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1799.

FONTES, M. A. de S. **Gestualidade vocal e visual, expressão de emoções e comunicação falada.** 2014. 193f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

FREIRE, J. F. **Reflexões sobre a Língua Portuguesa.** Lisboa: Typographia da Academia Geral de Ciências de Lisboa, 1842.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. **Working Papers em Linguística,** Florianópolis, vol. 14, p. 156-164, 2013.

FREITAG, R. M. K. Desafios teóricos-metodológicos da sociolinguística variacionista. In: PARREIRA, M. C.; CAVALARI, S. M. S.; NADIN, O. L.; COSTA, D. S. **Pesquisas em Linguística XXI: perspectivas e desafios teóricos-metodológicos da sociolinguística variacionista.** Araraquara: Cultura Acadêmica, 2015.

FREITAG, R. M. K.; TEJADA, J.; BRITO, I de V.; PINHEIRO, B. F. M.; SILVA, L. S.; CARDOSO, P. B.; SOUZA, V. R. A. Julgamento de traços linguísticos e expressões faciais: uma abordagem do processamento da variação. **Cadernos de Linguística da ABRALIN** (no prelo).

FREITAS, M. A. de.; BARBOSA, M. F. M. A alternância do diminutivo –inho/-zinho no português brasileiro: um enfoque variacionista. **Alfa,** São Paulo, vol. 57, n. 2, p. 577-605, 2013.

GARCIA, D. P. B; RIBEIRO, F. G.; DUTRA, L. R. Mudança semântica do sufixo –inho no português contemporâneo. Semana da Fundação São José, 3, 2017, São José de Itabuna, Rio de Janeiro. **Anais [...].** São José de Itabuna: Fundação Educacional e Cultural de São José, 2017, p. 58-67.

GIVÓN, T. **Context as Other Minds: The Pragmatics of Sociality, Cognition and Communication.** John Benjamins Publishing Company: Philadelphia, 2005.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HALLE, C. J. Prolegomena to a theory of word formation. **Linguistic Inquiry,** Cambridge, vol. 4, n. 1, p. 3-16, 1973.

HEINE, B.; CLAUDI, V.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework.** Chicago, University Chicago Press, 1991.

HELLWING, B.; GEERTS, J. **ELAN** – Linguist Annotator. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

HIRST, D.; DI CRISTO, A. **Intonational systems, a survey of twenty languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HOPPER, Paul J. Emergent grammar. Berkeley Linguistics Society, 13, 1987, Linguist Society American, New York, **Proceedings [...]**, p. 139-57, 1987.

HUBER, E. **Evolution of Facial Musculature and Facial Expression**. The Johns University Hopkins Press, Baltimore, 1931.

JACK, R. E.; GARROD, O. G. B.; SCHYNS, P. G. Dynamic facial expressions of emotion transmit and evolving hierarchy of signals over time. **Current Biology**, Cambridge, vol. 24, n. 2, p. 187-192, 2014.

KOHLER, R. C.; TURNER, T.; STOLAR, N. M.; BILHER, W. B.; BRENSINGER, C. M.; GUR, R. E.; GUR, R. C. Differences in facial expressions of four universal emotions. **Psychiatry Research**, San Diego, vol. 128, p. 235-244, 2004.

LABOV, W. (1966) **The social stratification of english in New York city**. New York: Cambridge University Press, 2006.

LADD, D. R. **Intonational Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LAVER, J. **The phonetic description of voice quality**. Cambridge University Press, 1980.

LAZARUS, R. S. **Emotion and adaptation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

LEE, S. H. Sobre a formação de diminutivo do português brasileiro. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, vol. 8, n.1, p. 113-124, 1999.

LEE, S. **Morfologia e Fonologia Lexical do Português**. 1995. 201f. Tese (Doutorado em linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1995.

LEE, S. H. Interface fonologia-morfologia: diminutivos no PB. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. especial, 2013.

LEE, S.H. Fonologia lexical do português. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, vol. 23, 1992.

LEHISTE, I. **Suprasegmentals**. Cambridge: MIT Press, 1970.

LEHTO, L; RANTALA, L; VILKMAN, E; ALKU, P. BÄCKSTRÖM, T. Experiences of a short vocal training course for call-centre customer service advisors. **Folia Phoniatica et Logopaedrica**, Basel, vol. 55, n.4, p.163-76, 2003.

LEITE, Y. **Portuguese Stress and Related Rules**.1974. 304f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Texas, Austin, Texas, 1974.

LEVON, E., MENDES, R. B. **Language, sexuality and power: studies in intersectional sociolinguistics**. [Versão Digital]. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=h3HNCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&ots=TKVCjMPmLZ&sig=_k-fHf0CjB5-6hZ1nfAGx1vlofo#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 20 de maio 2020.

LUCENTE, L. Introdução à análise entoacional. In: FREITAG, R. M. K.; lucent, L. **Prosódia da fala: pesquisa e ensino**. São Paulo: Blucher, 2017.

MENDES, R. B. Diminutivos como Marcadores de Sexo/Gênero. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 1, p. 113-124, 2012.

MENUZZI, S. **On The Prosody of the Diminutive Alternation -inho/-zinho in Brazilian Portuguese**. Ms. HIL/University of Leiden, 1993.

MORENO, C. **Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal em português**. 1997. 116f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1997.

OLIVEIRA, F de. **Gramática da Linguagem Portuguesa**. Vila Real: Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1536.

PLUTCHIK, R. **Emotion and life: perspective from psychology, biology and evolution**. Washington: American Psychological Association, 2003.

PLUTCHIK, R. **The Emotions**. Random House, New York, 1962.

PODESVA, R. J. Intonational variation and social meaning: Categorical and phonetic aspects. **Working Papers in Linguistics**, Pennsylvania, vol. 12, n. 2, p. 189-202, 2006.

PODESVA, R. J. Phonation type as a stylistic variable: The use of falsetto in constructing a persona. **Journal of Sociolinguistics**, Cambridge, vol. 11, n. 4, p. 478-504, 2007.

PODESVA, R. J. Saliency and the social meaning of declarative contours: three case studies of gay professionals. **Journal of english linguistics**, Cambridge, vol. 39, n. 3, p. 233-264, 2011.

REISENZEIN, Rainer. The Schachter theory of emotion: Two decades later. **Psychological bulletin**, Cambridge, vol. 94, n. 2, p. 239-264, 1983.

RIBEIRO, C. C. R. **Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico: a variação entre as preposições em ~ ni na comunidade de práticas da Universidade federal de Sergipe**. 2019. 84f. Dissertação (mestrado em letras). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2019.

RIO-TORTO, M. **Formação de palavras em português: aspectos da construção de avaliativos**. 1993. 992. Tese (Doutoramento em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 1993.

ROACH, P; OSBORNE, J; ARNFIELD, S. Transcription of Prosodic and Paralinguistic Features of Emotional Speech. **Journal of the International Phonetic Association**, Cambridge, vol. 28, n. 2, p. 83-84, 1998.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 32 e.d. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

ROCHA, L. C. de. **Estruturas Morfológicas do português**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

RODRIGUES, G. F. de S. **As realizações dos sufixos -z(inho) e -z(im) no português dialetal: análise variacionista**. 2015. 169f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2015.

SACHARIN, V.; SCHELEGEL, K.; SCHERER, K. R. **Geneva Emotion Wheel rating study** (Report). Geneva, Switzerland. University of Geneva. Swiss Center for Affective Sciences, 2012.

SAID ALI, M. **Grammatica secundária da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1923.

SANTANA, M. dos S. **O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação – do século XIII ao XX**. 910f. 2017. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.

SCHACHTER, S.; SINGER, J. Cognitive, social, and physiological determinants of emotional state. **Psychological review**, v. 69, n. 5, p. 379-399, 1962.

SCHERE, K. R. Expression of emotion in voice and music. **Journal of voice**, Philadelphia, vol. 9, n. 3, p. 235-248, 1995.

SCHERER, K. R. Vocal communication of emotion: a review of research paradigms. **Speech communication**, Cambridge, vol. 40, p. 227-256, 2003.

SCHERER, K. R. What are emotions? And how can they be measured. **Social Science Information**, Cambridge, vol. 44, n. 4, p. 695-729, 2005.

SCHULZ, E. L. **O diminutivo na fala de homens e mulheres em Porto Alegre e São Borja**. 1997. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 1997.

SIEGEL, D. **Topics in English Morphology**. Nova York: Garland, 1974.

SILVA, A. S. A estrutura semântica do diminutivo em português. **Revista Portuguesa de Filologia**, Coimbra, vol. 25, n. 1, p. 485-509, 2006.

SKORGE, S. Os sufixos diminutivos no português. **Boletim de Filologia**, Lisboa, vol. 16, n. 1-2, p. 50-90, 1957.

SOARES BARBOSA, J. **Gramática Philosophica da Língua Portuguesa**. 6. e.d. Lisboa: Typographia da Academia geral de Ciências de Lisboa, 1975.

SPINOZA, B. de. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TEIXEIRA, T. W. **A forma e o uso dos sufixos –inho e –zinho em variedades do sul do Brasil**. 2008. 95f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2008.

TRAUNMÜLLER, Hartmut. Evidence for demodulation in speech perception. In: Sixth International Conference on Spoken Language, 3, 2020. Processing[...]. p. 790-793. Disponível: https://www.isca-speech.org/archive/icslp_2000/i00_3790.html. Acesso em: 06 de mar. de 2020.

ULRICH, C. W.; SCHWINDT, L. C. O status morfoprosódico dos sufixos -inho/-zinho, -mente e -íssimo no português brasileiro. **D. E. L. T. A**, São Paulo, vol. 34, n. 2, p. 769-788, 2018.

VAN GENT, P. **Emotion Recognition Using Facial Landmarks**, 2016. Disponível em: <http://www.paulvangent.com/2016/08/05/emotion-recognition-using-facial-landmarks/>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

VALDERRAMA, R.; PÉRES, H. E.; FUENTES, D. Incidencia del valor pragmático en la duración de la vocal acentuada del sufijo diminutivo *-ito* en el español de Chile. **Boletim de filologia**, Coimbra, vol. 3, n. 2, p. 223-244, 2017.

VAPNIK, V. N. **The nature of Statistical learning theory**. Springer-Verlag: New York, 1995.

VERÍSSIMO, L. F. Diminutivos. In: VERÍSSIMO, L. F. **Comédia da vida privada: 101 crônicas escolhidas**. Porto Alegre: LP&M, 1994.

VILLALVA, A. **Estruturas Morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português**. Rio de Janeiro: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

VILLALVA, A. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português**. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIOLA, P.; JONES, M. Rapid object detection using boosted cascade of simple features. 5th Conference on Computer Vision and Pattern Recognition, 1, 2001. **Proceedings** [...]. Kauai: USA, p.1-9.

WALKER, I. **Cervejinha e barzinho: Por que o brasileiro ama falar no diminutivo?** BBC Travel. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-tra-46907652>. Acesso em: 23 de maio de 2020.

WILLIAMS, E. D. On the notions “lexically related” and “head of a word”. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, vol. 12, n. 2, p. 245-274, 1981.

8 ANEXOS

8.1 ANEXO 01: FICHA SOCIAL (PERGUNTAS DE CHECAGEM)

Nome: _____

Qual o curso? _____ Campus/UFS: _____ Período _____

Qual a sua ocupação? _____ Gênero: _____ Idade: _____

Profissão dos seus pais: _____ / _____

Cidade/UF onde nasceu: _____

Cidade/UF onde mora atualmente: _____ Bairro _____

Mora ...

- Na casa dos pais
 Republica
 Residência estudantil
 Casa própria
 Outro, onde?

Onde almoça quando está aqui na UFS?

- No RESUN
 Nos restaurantes da redondeza
 Vai almoçar em casa
 Traz de casa
 Outro, onde?

Como você vem para UFS?

- A pé
 Transporte coletivo SETRANSP
 Transporte escolar
 Carro próprio ou familiar
 Carona
 Taxi/Lotação/Uber/moto taxi
 Moto
 Bicicleta

É bolsista?

- Sim
 Não

Recebe algum auxílio estudantil?

- Sim
 Não

Nº do Celular: _____

8.2 ANEXO 02: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro participante,

Estamos convidando-o a participar como voluntário(a) de uma pesquisa de campo a ser realizada por meio da gravação de entrevistas sobre temas relacionados às experiências de vida e práticas acadêmicas universitárias.

A coleta será realizada com o objetivo de desenvolvermos o Projeto Falares Sergipanos virtual: variedade, diversidade, contato e os direitos linguísticos (Edital 02/2015 SENACON/MJ; Edital CAPES/FAPITEC/SE 10/2016 PROMOB). A partir da identificação de valores e atitudes da comunidade universitária, o projeto tem como finalidade coletar práticas das vivências dos estudantes universitários.

A entrevista coletada ficará disponível no banco de dados *Falares Sergipanos*, do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CAAE: 0386.0.107.000-11), para ser utilizada em pesquisas futuras. Serão resguardadas todas as informações de identificação de forma que se mantenha o anonimato.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Esta pesquisa apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler e etc. Não será cobrado nada, não haverá gastos e não estão previstos ressarcimentos ou indenizações.

Você poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer etapa do estudo.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Raquel Meister Ko. Freitag (Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Letras Vernáculas), telefone (79) 2105-6602.

Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Assentimento para participação

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e me retirar do estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas.

_____, ____ de _____ de _____
Assinatura do (a) participante:

Assinatura do (a) pesquisador (a):

Assinatura do (a) documentador (a)

8.3 ANEXO 03: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro participante,

Estamos convidando-o a participar como voluntário(a) de uma pesquisa de campo a ser realizada por meio da gravação de entrevistas sobre temas relacionados às experiências de vida e práticas acadêmicas universitárias.

A coleta será realizada com o objetivo de desenvolvermos o Projeto Falares Sergipanos virtual: variedade, diversidade, contato e os direitos linguísticos (Edital 02/2015 SENACON/MJ; Edital CAPES/FAPITEC/SE 10/2016 PROMOB). A partir da identificação de valores e atitudes da comunidade universitária, o projeto tem como finalidade coletar práticas das vivências dos estudantes universitários.

A entrevista coletada ficará disponível no banco de dados *Falares Sergipanos*, do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CAAE: 0386.0.107.000-11), para ser utilizada em pesquisas futuras. Serão resguardadas todas as informações de identificação de forma que se mantenha o anonimato.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Esta pesquisa apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler e etc. Não será cobrado nada, não haverá gastos e não estão previstos ressarcimentos ou indenizações.

Você poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer etapa do estudo.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Raquel Meister Ko. Freitag (Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Letras Vernáculas), telefone (79) 2105-6602.

Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Assentimento para participação

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e me retirar do estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas.

_____, ____ de _____ de _____
Assinatura do (a) participante:

Assinatura do (a) pesquisador (a):

Assinatura do (a) documentador (a)

8.4 ANEXO 04: ROTEIRO PARA ENTREVISTA SOCIOLINGÜÍSTICA

Perguntas de checagem

1. Qual o seu nome?
2. Qual a sua idade?
3. Em que cidade/UF você nasceu?
4. Onde você mora atualmente?
5. Quais os nomes dos seus pais?
6. Em que cidade/UF eles nasceram? Onde eles vivem?
7. Qual o nível de escolaridade deles?
8. Quais as profissões deles?
9. Com quem você mora?
10. Qual o curso você faz? Está em qual período?
11. Por que você veio estudar na Universidade Federal de Sergipe?
12. Qual meio de transporte você mais utiliza para vir para a universidade? Por quê?
13. Caso seja um informante que more no interior e que venha de ônibus: o ônibus que você pega é público ou locado pela associação de estudantes da sua cidade?
14. Você trabalha ou já trabalhou? Como foi essa experiência?
15. Você acha que trabalhar e estudar pode dar certo?

Moradia

16. Há quanto tempo mora no bairro/cidade X?
17. Sempre morou nesse lugar?
18. Como foi sua infância onde você mora (ou morou)? Mudou muito em relação aos dias de hoje?
19. Qual a memória mais marcante de sua infância nesse lugar?
20. Você gosta de morar lá?
21. Se tivesse oportunidade, moraria em outro lugar? Qual? Por quê?
22. O que você mais gosta de fazer no local onde mora?
23. O que é atrativo para os moradores da comunidade?
24. O que é chato para os moradores da comunidade? (pedir para o informante falar sobre problemas da localidade)
25. Você já viajou para fora do seu estado?
26. Quais os lugares que você já visitou? Como foi? Por que você foi?
27. Gostaria de voltar?
28. Tem alguma viagem que você sonha em fazer? Qual? Por quê?

Lazer

29. O que você gosta de fazer no final de semana?
30. Quais lugares você costuma frequentar por lazer?
31. Você costuma frequentar cinema, museu, teatro?
32. Gosta de ler livros? Qual seu favorito? Por quê? Pode resumir?
33. Ler algo pela internet, quais sites?
34. Sua família tem hábito de ler?

35. Você acha o hábito de leitura importante? Por quê?

Educação

36. Você acha que a educação pública deve ser assegurada pelo governo? Por quê?
37. A educação pública melhorou ou piorou nos últimos anos? Por quê?
38. Você considera importante que as bolsas (como PIBIC, PIDID, bolsas auxílios) ofertadas na universidade tenham como critério de escolha a vulnerabilidade socioeconômica para pessoas com baixa renda?
39. Você considera importante às políticas para garantir o acesso e permanência dos alunos na educação básica: transporte escolar, plano nacional do livro didático, merenda escolar? Por quê?
40. Quais pontos negativos e os positivos os quais você observa na educação pública?
41. O Brasil investe o suficiente ou não em educação?
42. O que você pensa sobre o governo federal financiar o acesso de estudantes ao ensino superior em instituições privadas?
43. Muitos jovens ingressam na universidade por meio dos programas PROUNI e o FIES, você considera que esses programas diminuí a desigualdade social entre os jovens?
44. Você concorda ou não que a política de cotas para ingresso de negros/as na universidade diminuí a desigualdade entre brancos e negros?
45. Como foi a experiência de começar um curso superior?
46. Você sentiu ou sente alguma dificuldade em seu curso?
47. Por que você escolheu esse curso?
48. A infraestrutura da UFS atende às necessidades do seu curso?
49. O que você pensa em fazer depois que terminar a graduação? Pretende ingressar no mercado de trabalho de imediato ou fazer uma especialização ou mestrado? Por quê?

Segurança pública

50. O bairro em que você mora é violento?
51. Você concorda ou não com o ditado “Bandido bom é bandido morto”?
52. Qual o papel da segurança pública?
53. A segurança pública [de Aracaju/São Cristóvão] tem conseguido proteger os cidadãos?
54. A polícia é ágil? Consegue atender as demandas da população?

Políticas de igualdade de gênero

55. Você concorda com o ditado “Se as mulheres não usassem roupas tão curtas haveria menos violência contra elas”?
56. Você acha que as mulheres atualmente “tem conquistado muito espaço na sociedade”, por quê?
57. A violência atinge homens e mulheres da mesma forma?
58. É recorrente de uns tempos pra cá ouvirmos a frase: “a comunidade de gays e lésbicas tem ganhado muitos privilégios”. Você concorda com essa frase ou não? Por quê?
59. Recentemente, o Supremo Tribunal Federal decretou que a homofobia é crime. Você concordou com “essa conquista” de toda comunidade lgbtqi+ ?
60. A questão de gênero tem ganhado muita evidência na mídia ultimamente. Dragqueens cantoras, como Pablllo Vittar, mulheres e homens transexuais, como o Tamy Miranda, a filha que agora é

filho da Gretchen, gays já tem aparecido em novelas. Quais motivos você considera que levou essas pessoas terem visibilidade nos meios de comunicação?

61. Você considera a discussão de gênero ou até mesmo o empoderamento feminino necessários ou mimimi?

Saúde pública

62. Já teve algum problema de saúde? Qual?
63. A saúde pública é um direito que deve ser assegurado pelo governo?
64. A saúde pública no Brasil funciona?
65. Como você avalia o Sistema Único de Saúde (SUS)?
66. Quais os pontos negativos e os positivos do SUS?
67. Há problemas no funcionamento do SUS? Quais?
68. Como o SUS poderia ser melhorado?
69. A quantidade de médicos (e especialistas) no SUS é suficiente para atender a demanda da população?
70. No bairro em que você mora há unidade de saúde da família?
71. Você já precisou usar algum serviço do SUS? Como você descreve a experiência?

Teste de percepção linguística

72. Aqui no estado de Sergipe, você já percebeu alguma diferença no modo como as pessoas falam? Você seria capaz de imitar (caracterizar) essa fala?
73. Você acredita que, estando em outro lugar ou em contato com pessoas de outro lugar outras pessoas podem identificar de onde você é (a sua origem) apenas pela maneira como você fala? Por quê?
74. Você acha que as pessoas que moram na capital falam diferente das que moram no interior? Como?
75. O que mais chama sua atenção quando as pessoas estão falando?
76. Você acha que seu modo de falar mudou depois que você entrou na universidade?
77. Falar **otfo, mutfo, biscofto, otjenta** é comum onde você mora?
78. Falar essas mesmas palavras é comum aqui na universidade?
79. O que você acha desse jeito de falar?
80. Falar **pranta; broco; praneta e franela** é comum onde você mora?
81. Você acha que esse jeito de falar é típico de alguma localidade?
82. Você acha que esse modo de falar tem alguma relação com a escolarização da pessoa?
83. Falar **tjia,dzia, dentje,médzico** é comum onde você mora?
84. Falar essas mesmas palavras é comum aqui na universidade?
85. O que você acha desse jeito de falar?
86. Você acha que esse jeito de falar é típico de alguma localidade?
87. Você acha que esse modo de falar tem alguma relação com a escolarização?
88. Você acha que esse modo de falar é considerado mais bonito?
89. Você acha que **dodzo e doido** tem a mesmo significado?
90. Você usa essas palavras nos mesmos contextos?
91. Quando você está falando sobre você junto a mais alguém você fala mais **nós** ou fala mais **a gente**? Por quê?
92. Você acha que é melhor usar mais **nós** ou **a gente**?
93. O que você acha de construções como “**nós comemu**”, “**a gente vamu**”, “**nós vai**”?
94. Você acha que essas formas determinam de onde o falante é? (região do país, Estado)

95. Você acha que a escolarização tem relação com a escolha de uma dessas formas?